UNIVERSIDADE DE TRÁS OS MONTES E ALTO DOURO

2º Ciclo (Mestrado) em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

"O Papel do Encarregado de Educação no processo de formação do jovem jogador de futebol"

Relatório de Atividade Profissional ao abrigo CRUP

Bruno José Barbosa Guedes

Ágata Cristina Marques Aranha

Vila Real, 2017

UNIVERSIDADE DE TRÁS OS MONTES E ALTO DOURO

2º Ciclo (Mestrado) em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

"O Papel do Encarregado de Educação no processo de formação do jovem jogador de futebol"

Relatório de Atividade Profissional ao abrigo CRUP

Bruno José Barbosa Guedes

Ágata Cristina Marques Aranha

Vila Real, 2017

Este relatório constitui uma descrição detalhada sobre o papel do encarregado de educação na formação do jovem jogador de futebol, respeitando o disposto na alínea b) do nº 1 do artigo 20º do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março e a alínea a) do nº 1 do artigo 45º do Decreto-Lei nº.115/2013 de 7 de agosto, sob a orientação da Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha

Agradecimentos

Na subida da montanha da vida, onde procuro cumprir o melhor que posso e sei, agradeço a Deus a oportunidade de ter convivido com pessoas fantásticas e maravilhosas, sempre presentes nos momentos menos bons e nos mais altos da minha realização pessoal.

Desejo salientar o apoio que várias pessoas me dispensaram. Para eles, aqui fica o meu respeitoso agradecimento.

- À Professora Doutora Ágata, pelos conselhos, disponibilidade e constante respeito que demonstrou ao longo da orientação deste trabalho.

- À Ana Cancela, companheira de vida, obrigado pela forma carinhosa com que me ajudaste na concretização deste trabalho. Podia tê-lo feito sem ti, mas, não era a mesma coisa.

- Aos meus Pais, Irmão e Cunhada, pelo ânimo, apoio e palavras de conforto.

- Ao meu Amigo João Malafaya, o grande responsável pela inscrição neste mestrado. As constantes conversas, o apoio, dedicação e resiliência.
Fica bem recordar a música que nos caracterizou: “quando entrei no Piaget, todos disseram vais para aí porquê? Porque eu sei que um dia quando o curso acabar, dos amigos não me vou separar”

- Ao Amigo Hélio, por tudo o que representa para mim, um exemplo de bondade, de humildade e ajuda ao próximo.

- À minha AVÓ, por todos os bons exemplos, ensinamentos e carinho.

- Ao meu AVÔ, pela inspiração de vida.

Índice Geral

Agradecimentos IV
Índice Geral V
Índice de Figuras VII
Índice de Quadros VIII
Resumo IX
Abstract X
Introdução 1
Capítulo I – Revisão da literatura 3
1. Caracterização da modalidade de futebol 3
1.1.1 O papel do futebol enquanto jogo desportivo colectivo 4
1.1.2 O papel do treinador de formação 5
1.1.3 Características de excelência do treinador de formação 6
2. A criança/jovem jogador de futebol 9
2.1 Características da criança/jovem jogador 10
2.2 Aspetos relevantes na formação da criança/jovem jogador 12
3. Escola/Clube de futebol – regulamentos internos 15
4. Cartão vermelho 18
Capítulo II – Prática profissional 23
1.1. Análise da prática profissional dos últimos 9 anos 23
1.1.1 Boavista F.C. 2007/2010 24
1.1.2 Departamento de Scouting - Áudio/Visual do F.C. Porto 30
1.1.3 Dragon Force Grijó 2010/2014 32
1.1.4 Dragon Force Valadares 2014/2016 39
1.2. A Escola/Clube de Futebol e o Encarregado de Educação 45
1.3. O Treinador e o Jovem Jogador 52
1.4. O Treinador e o Encarregado de Educação 55
1.5. O Jovem Jogador e o Encarregado de Educação 62
1.6. Dimensão profissional, social e ética 70
Conclusões 72
Referências 75
Anexos 79
Anexo 1: Caderneta Dragon Force 80

Anexo 2: Regulamento Interno F.C.Porto - Dragon Force 81
Anexo 3: Regulamento Interno S. L. Benfica - Geração Benfica 82
Anexo 4: Regulamento Interno Vitória S. C. – Os Afonsinhos 86
Anexo 5: Regulamento Interno Escola de Futebol Pauleta 88
Anexo 6: Regulamento Interno Boavista F. C. – Panterinhas 92
Anexo 7: Regulamento Interno Padroense F. C. 93
Anexo 8: Relatório jogador 94
Anexo 9: Localização geográfica das escolas de futebol 98

Índice de Figuras

Figura 1: Bola autografada pelo plantel do Boavista F.C. escalão 2000 26
Figura 2: Faixa de campeão distrital futebol de 7 – escalão sub 13 33
Figura 3: Recorte de notícia "jornal Gaiense" 38
Figura 4: Faixa de campeão distrital - escalão sub 15 39
Figura 5: Bola autografada pelo plantel Dragon Force Valadares - escalão Sub 15 44
Figura 6: Recorte de notícia "jornal Gaiense" 44

Índice de Quadros

Quadro 1: Algumas caraterísticas das crianças dos 4-8 anos (Garganta, 2000) 10
Quadro 2: Algumas características das crianças dos 8-12 anos (Garganta, 2000) 11
Quadro 3: Algumas características das crianças dos 12-16 anos (Garganta, 2000) 12

Resumo

Este relatório reporta-se à atividade desenvolvida nos últimos nove anos no Boavista F.C. - escola de futebol Panterinhas e F.C. Porto – escola de futebol Dragon Force.

É um relato essencialmente reflexivo da minha prática profissional com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física.

O Futebol é um fenómeno desportivo e social ímpar a nível mundial. Exerce sobre todos os indivíduos e, especialmente sobre crianças e jovens, um encantamento singular e indescritível, o que torna adequada a racionalização dos métodos de formação e o entendimento dos seus principais agentes, o treinador, os jogadores, dirigentes e encarregados de educação.

Ser Treinador de Futebol de Formação é uma função que obriga um profundo saber e percepção de duas realidades bastante específicas, sendo a primeira o próprio Futebol de Formação e a segunda as crianças e jovens jogadores, com os quais se contacta.

É uma profissão que implica, nos dias de hoje, uma capacidade duradoura para lidar com toda a comunidade desportiva, em especial os Encarregados de Educação.

Face ao exposto pretende-se destacar na revisão da literatura a caracterização do Futebol, o papel deste, enquanto jogo desportivo coletivo, o papel do treinador de formação e as características de excelência do mesmo. Entender as características do jovem jogador de futebol; o que incorpora os regulamentos internos dos clubes/escola; e o cartão vermelho que é dado a todos aqueles que contribuem de forma negativa para a insatisfação, infelicidade e inquietação dos verdadeiros protagonistas no jogo, árbitros, jogadores, treinadores.

O presente relatório articula informação proveniente de um percurso profissional de 9 anos e respetivas organizações das épocas desportivas. A importante experiência no departamento de scouting do F. C. Porto que permitiu uma evolução gradual e especifica na observação de jogadores com potencial para integrar a equipa do F.C.P.

O Futebol é um jogo de relações e a partir destas, desenvolveu-se uma análise critica sobre o papel dos Encarregados de Educação na relação com a escola, jogadores e treinadores.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; FORMAÇÃO; TREINADOR; JOGADORES; ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO; AVALIAÇÃO; REFLEXÃO.

Abstract

This report refers to the activity developed over the past nine years at Boavista F.C. – Panterinhas and F.C. Porto Dragon Force football schools.

It is essentially an account of a professionals practice that culminates in the accomplishment of a Master's degree founded under the theme – “Teaching Physical Education”.

Football is a unique sporting and social phenomenon worldwide. It exerts a singular and indescribable enchantment on all individuals, especially on children and young people. This remarkable fascination validated the analysis of the rationalization of the training methods and the understanding of its main agents, the coach, the players, the leaders and the guardians.

Being a Training Coach is a function that requires deep knowledge and perception of two very specific realities, the first, Football itself and the second, the children and young players with whom the coach interacts.

It is a profession that presently implies an ding/anding capacity to deal with the entire sports community and particularly, with the athlete’s parents.

In this perspective, the chapter - “Literature review” intends to highlight the characterization of football, its role as a collective sports game and the role of the coach, observing the characteristics of excellence in the role he plays. Furthermore, the commitment to understand the features of the young soccer players, how they assimilate the internal regulations of the clubs and schools; the red cards signaled to all those with negative contributions, causing dissatisfaction, unhappiness and restlessness to all protagonists in the game, including referees, players and Coaches.

This report incorporates information assembled throughout a nine-year professional career in correlated organizations and sporting seasons. The enhanced experience in the scouting department of F. C. Porto, led towards a gradual and specific evolution on observing and spotting players with potential to be selected to join F.C.P´s teams.

Football is a game of relationships and is founded on these. This analysis was developed based on the role of parenthood, their interaction with the school, the players and the coaches.

KEY WORDS: FOOTBALL; FORMATION; COACH; PLAYERS; PARENTHOOD; EVALUATION; REFLECTION.

Introdução

“ Terreno para correr? Também para jogar?
Com um pé no chão outro no ar…
A saltar, a rolar, cambalhotas a brincar, a transportar, a agarrar..!
Correndo ou devagar,
Orientados ou em exploração,
E também com precisão…!
Sem parar,
A cantar,
A atirar,
A encontrar,
A escolher…!
A ganhar e a perder,
Mas, sempre a viver…!
Um desejo, uma vontade…, motivação? Ou ilusão?!
O futebol que “todos pedem..
Para fazer a sudação?
Mas, se ele for encontrado?
Com mais bolas, até no chão,
Cruzado, falado, calado,
Com todo o corpo que são…!
Com bolas que dele não são…!
Só do ar, a conclusão…
De costas utilizado…!
E porque não?
Será que assim tão “maltratado”..
Não será mais construção?”

Vítor Frade, (1976)

O Futebol é o desporto de eleição para a maior parte das crianças em todo o mundo. A bola de futebol parece ter algo mágico e a paixão relativamente a este simples objeto torna-se contagiante e leva os pais a participarem nesta aventura de forma entusiástica, já que não resistem à imensa alegria que os seus filhos sentem em torno da bola.

Não se pode ignorar que a vida das crianças é cada vez mais atarefada não lhes sendo proporcionado tempo para brincar e desenvolver a criatividade. Esta

pressa, que afeta a sociedade em geral, tem levado a que as crianças se tornem ainda em idades muito precoces em adultos, com tudo que isso tem de negativo (Ginsburg, 2007).

Entende-se que o facto de na nossa sociedade se verificar um modismo, que leva os pais a colocarem os jovens em Escolas de Futebol, caso os processos que nestas se desenvolvem sejam de qualidade, poderá revelar-se uma tendência bastante proveitosa para o Futebol. Aquilo a que nos referimos é, ao crescente interesse evidenciado pelos pais, na participação dos filhos, em atividades desenvolvidas pelas Escolas de Futebol. As Escolas de Futebol assumem-se deste modo, para os pais como um lugar de destaque para a Formação, que não exclusivamente desportiva, dos seus educandos. E de facto estamos em crer, que o Futebol, pelo seu potencial formativo se pode assumir como um complemento muito positivo na Formação de qualquer Criança (J. Bento, 2004). Ou seja, entendemos que a prática precoce de Futebol, tendo subjacente um processo de qualidade permite o cumprimento da tríade, Mais Futebol, Mais Criança, Mais Educação.

Ao longo do presente trabalho pretende-se uma profunda reflexão sobre o envolvimento dos pais no processo de formação dos filhos, na relação com a Escola/Clube e Treinador.

Na primeira parte do presente documento - revisão da literatura - é abordada a caracterização do futebol; o papel do futebol enquanto jogo desportivo coletivo; o papel do treinador de formação e as caraterísticas de excelência do mesmo.

Na segunda parte é elaborada uma descrição da atividade profissional dos últimos 9 anos no Boavista F.C. – Panterinhas e F.C.Porto – Dragon Force.

Em jeito de conclusão é feita uma reflexão sintética ao presente documento sobre os aspetos que o autor considera mais relevantes.

Capítulo I – Revisão da literatura

1. Caracterização da modalidade de futebol

O futebol é hoje um fenómeno universalmente reconhecido, que goza de grande popularidade, como testemunha o vasto número de praticantes da modalidade e de espectadores (seja *in loco* nos estádios, seja através da televisão ou da internet). Contudo, Garganta & Pinto (1998: 96) assinalam que se têm vislumbrado "*tímidos e inconsistentes sinais de evolução no plano da qualidade e da espectacularidade do jogo*", provenientes do facto das equipas cada vez mais recorrerem a sistemas e esquemas tácticos demasiado defensivos.

Considerado por muitos como o «desporto-rei», o futebol é inequivocamente "*um fenómeno de elevada magnitude no quadro da cultura desportiva contemporânea"*. (Garganta & Pinto, 1998).

O contexto escolar contribui para esta realidade, apesar de Garganta & Pinto (1998) indicarem que o futebol deve merecer um tratamento pedagógico e didático idêntico às demais modalidades. Para os mesmos autores, a escola não pode demitir-se de algumas responsabilidades que lhe devem ser imputadas. "*A ela compete rentabilizar o capital de motivação que o futebol, enquanto parte importante da cultura desportiva ainda possui, no sentido de criar junto das crianças e jovens, cada vez mais condições e melhores hábitos de prática desportiva*" (Garganta & Pinto, 1998: 96-97).

Qualquer dicionário comum define o futebol como um jogo entre dois grupos de 11 jogadores, em campo retangular, onde cada grupo procura meter uma bola na baliza do adversário, sem lhe tocar com os membros superiores. De facto, Castelo (2004) sustenta que é "*um desporto coletivo, que opõe duas equipas formadas por 11 jogadores, num espaço claramente definido*". Assiste-se a uma luta incessante pela conquista da bola, com a finalidade de a introduzir, o maior número de vezes possível, na baliza adversária (marcar golo) e evitar que esta entre na sua própria baliza (evitar o golo). Vence a equipa que maior número de golos marcar.

Teodorescu (1983, citado por Castelo, 2004) afirma que a natureza do jogo de futebol se fundamenta no seu caráter lúdico, agonístico e processual, em que duas equipas de 11 jogadores se encontram numa relação de adversidade típica não hostil, designada de rivalidade desportiva.

Neste contexto, compreende-se que esta modalidade imponha um elevado grau de exigência aos seus praticantes, nomeadamente em determinadas capacidades.

Garganta & Pinto (1998) apresentam um conjunto de diferentes capacidades e competências que devem ser apuradas para que o futebol seja jogado com qualidade. Os jogadores devem desenvolver um pensamento táctico operacional, para responder

à imprevisibilidade das situações do jogo, assim como desenvolver um espírito de organização e disciplina, que passa pelo conhecimento dos princípios tácticos do jogo e dos aspetos regulamentares. Para além disso, os praticantes devem desenvolver a iniciativa, a combatividade e a vontade necessárias para vencer as dificuldades do jogo. Junte-se ainda o desenvolvimento das capacidades motoras para responder às exigências energético-funcionais do jogo.

Como se vê, o futebol moderno exige uma *"preparação física extraordinária aos seus praticantes, assim como um excelente domínio da técnica individual e da tática da modalidade"*(Tameirão, 2003).

1.1.1 O papel do futebol enquanto jogo desportivo colectivo

A prática do futebol tem início nos clubes/escolas aos 4/5 anos de idade, onde começam por *"brincar ao futebol*". Desde logo, começam a perceber que a "brincadeira" tem regras, companheiros, um líder/condutor e objetivos.
Tudo isto começa a ser uma "escola para a vida".

É extraordinário o potencial que a prática de um desporto coletivo pode ter no desenvolvimento dos jovens, bem como o enorme contributo na passagem de valores.

Atreve-se a dizer que uma criança que pratica uma destas modalidades cresce/desenvolve mais rapidamente em alguns aspetos. Comece-se pela autonomia, que é uma das capacidades que mais cedo se desenvolve nestes jovens. No balneário, o atleta tem que se equipar para o treino e no final garantir a sua higiene, sem o apoio dos pais. Além deste processo, o atleta passa a assumir a responsabilidade de gerir todo o seu equipamento.

Experimente-se entrar num balneário de uma escola, antes e depois de uma aula de educação física e, facilmente se percebe quais os alunos que praticam modalidades coletivas, pelo seu à-vontade e pela sua autonomia.

Os laços afetivos e a importância do relacionamento com os outros são, também, desenvolvidos desde o primeiro dia. Os atletas chegam a um clube e passam a pertencer a um grupo, o que os "obriga" não só a relacionarem-se com os colegas, treinadores, dirigentes, bem como a respeitá-los a todos. O praticante começa a lidar com diferentes personalidades e com pessoas de estratos sociais diversos. No fundo, aquilo que ele vai encontrar ao longo da sua vida: pessoas diferentes umas das outras, com quem vai estabelecer relações, e, sobretudo, a respeitá-las.

Desde cedo, é incutido nos jovens praticantes a necessidade de preservar os espaços utilizados nos vários contextos e a obedecer às normas de funcionamento dos mesmos.

Inserido numa equipa, o jovem praticante aprende a lutar por objetivos comuns, a trabalhar em grupo e a cooperar com os colegas.

É imbuído deste espirito que o jovem jogador começa a perceber que os objetivos individuais não se podem sobrepor aos do grupo. É comum existir mais que um atleta a rivalizar por uma posição dentro da equipa e que conseguem ser, fora deste contexto os melhores amigos. Com efeito, aprendem a "lutar" por um lugar na equipa de forma sã. Esta postura é um excelente ensinamento para o futuro.

A competitividade é, também, um aspeto fundamental na formação do jovem praticante. A necessidade de superação constante é, no fundo, um combate à acomodação.

1.1.2 O papel do treinador de formação

No início de cada etapa desportiva, o treinador recebe os seus jogadores e para ser eficiente na concretização dos seus cargos, necessita de os compreender e saber porque elegeram o futebol como a modalidade preferida.

"*Um número assinalável de crianças e jovens abandona a prática desportiva devido a comportamentos e atitudes negativas, punitivas ou extremamente exigentes e pressionantes dos respetivos professores/treinadores*". (Frias, 2000).

O processo de treino deve ser bem orientado e atrativo para o jovem praticante.

O jogador deve entender cada treino como uma oportunidade de evolução: muito para além do trabalho físico, do desenvolvimento motor proporcionado em cada treino, estão igualmente alicerçados aspetos fundamentais como o respeito de regras, cooperação, superação e as relações interpessoais.

O treinador de futebol de formação deve ser alguém com uma grande sensibilidade para interpretar/identificar as necessidades dos seus atletas. Treinar futebol de formação é muito mais do que o treino propriamente dito. "*É ser uma referência para o jovem e ajudá-lo a ser melhor, não só como jogador, mas também como homem. Para se ser treinador de jovens futebolistas não basta ter muito conhecimento do jogo e do treino, é necessário muito mais do que isso"*. (Tiago Oliveira, 2016)

. Atualmente, é comum verificar que no futebol de formação existem vários "treinadores" que ambicionam o futebol sénior, para o qual replicam treinos e condutas que não são adequadas ao contexto em que estão inseridos

O treinador de formação não deve, limitar-se, por exemplo, a afixar uma convocatória no balneário e não dar uma satisfação aos atletas não convocados. É

óbvio que o treinador não pode convocar todos, mas também é certo de que é completamente diferente para o atleta receber umas palavras de incentivo do treinador e perceber que este, apesar de não o convocar, está atento ao seu trabalho diário.

Para se ser treinador de futebol de formação é necessária uma grande paixão pelo que se faz, ter gosto pelo ensino, ter prazer em fazer evoluir os jovens atletas.

Não basta ter boas ideias ou ter treinos muito "elaborados", se não conseguir chegar ao lado afetivo do jovem praticante. É importante que o treinador perceba que, antes de um atleta, está um ser humano e que é fundamental chegar até ele, trazer a sua atenção ao treino/ao jogo.

1.1.3 Características de excelência do treinador de formação

Como as crianças e jovens iniciam a sua prática desportiva em idades bastante diversas tem o treinador de ter um vasto leque de conhecimentos dos aspectos psicopedagógicos, psicossociais e psicofisiológicos para dar resposta correta e efetiva às necessidades de cada um dos jovens que contacta (Costa, 2006). O mesmo autor afirma ainda que "*o treinador tem a prerrogativa de ampliar a sua influência sobre aqueles que se submetem às suas orientações*", isto porque "*além de ser uma peça de projeto deve ser o mentor desse mesmo projeto. Uma grande parte da responsabilidade recai sobre os seus ombros*".

Deve ter a capacidade para refletir, antecipar, planificar, analisar e decidir perante situações de stress, incerteza e ambiguidade.

Considerando os treinadores como a figura principal no processo de formação desportiva de crianças e jovens, reveste-se de sobeja importância a identificação daqueles que, pelo conjunto de características, saberes e experiências que ostentam, podem ser designados como treinadores de excelência ou peritos. "*Treinar jovens não é o mesmo que treinar adultos. Para treinar jovens, é necessário ter motivação e ser capaz de estabelecer uma boa relação com os jovens e conhecer os métodos e os meios mais adequados para o seu desenvolvimento*" (Pacheco, 2001).

Na opinião de Salmela (1994, cit por Serpa, 1998) " *o treinador surge, na fase de iniciação, como um verdadeiro animador da atividade do jovem. Os aspetos afetivos da interacção surgem como predominantes, quer no carinho demonstrado pelos pupilos, quer na alegria que o técnico coloca na condução da atividade. O mesmo autor defende ainda que "nesta fase os técnicos não são necessariamente grandes especialistas, mas amam a atividade, interessam-se profundamente pelas crianças que orientam e cujo esforço valorizam em detrimento do resultado*".

Para Ruiz (1998, cit. Por Pacheco, 2001) "*será um bom treinador, quem tenha condições inatas para o ser e o que em toda a vida esteja disposto a aprender e a afeiçoar-se, assim como fazem os grandes desportistas, pois treinar e fazer treinar é uma tarefa difícil e complexa*".

Pacheco (2001) afirma que o treinador de futebol ideal para jovens "*será aquele que, simultaneamente, possua experiência como praticante desportivo e tenha uma formação própria que o habilite a treinar jovens futebolistas"*. O mesmo autor considera ainda que o treinador de formação "*deverá ser um educador que, possua sólidos conhecimentos de futebol, que goste de trabalhar e que consiga estabelecer uma boa relação com os jovens; que seja conhecedor das suas diferentes fases de desenvolvimento e que conheça os meios e os métodos mais adequados para o desenvolvimento integral dos jovens*".

É imprescindível que saiba descodificar os fracassos, transformando-os em êxitos – a principal distinção entre os otimistas e os pessimistas está na forma como lidam com as suas derrotas. Os pessimistas atribuem as culpas às suas próprias fraquezas – uma imagem negativa que têm de si próprios. Por sua vez, os otimistas encaram o futuro com confiança – cada derrota configura uma aprendizagem para o futuro êxito.

Na opinião de Sarmento (1991), "*ao treinador requer-se colocação de voz, precisão de linguagem técnica, conhecimentos do conteúdo técnico, capacidade de liderança e também muita disponibilidade para com os seus atletas*" (capacidade humana).

Costa (2006) enuncia também um conjunto de pontos que se constituem como as principais normas de conduta de um treinador que desenvolva a sua ação junto dos jovens praticantes. A saber:

1- *Elogiar os jovens;*
2- *Evidenciar os aspetos positivos da sua participação;*
3- *Manter a calma quando os jovens cometem erros;*
4- *Ter expectativas razoáveis e realistas;*
5- *Tratar os jovens com respeito;*
6- *Procurar fazer com que os jovens sintam prazer na prática de desporto;*
7- *Não assumir comportamentos excessivamente sérios durante as competições;*
8- *Manter a ideia de que a alegria e o prazer são componentes obrigatórias da atitude dos jovens que praticam desporto;*
9- *Enfatizar o trabalho em equipa;*
10- *Ser um exemplo de comportamentos respeitadores do espírito desportivo.*

Assim, face ao exposto e após análise profunda, entende-se que o treinador de excelência é aquele que não esgota a oportunidade de poder crescer, aprender e evoluir com cada jovem na concretização de um treino. Capaz de transmitir aos jogadores os valores da honestidade, integridade, respeito, exigindo o cumprimento de normas internas da equipa e comportamentos que reforcem e estimulem o orgulho e desempenho da equipa por si orientada.

2. A criança/jovem jogador de futebol

"Quando se é confrontado com uma realidade diferente há a necessidade de se adaptar a ela, no entanto, isso nem sempre é fácil e requer tempo. Se por acaso aparecer alguém que diga os bebés não necessitam de 9 meses para nascer mas sim que apenas bastam 6 meses, batem palmas e ficam eufóricos. Contudo, tal será uma hipocrisia pois como se sabe o bebé precisa de tempo para se desenvolver, tal como acontece no futebol, onde a criança e jovem precisa de um certo tempo de maturação e desenvolvimento para que se torne num jogador de futebol." (V. Frade, 2006)

*"Os jovens são atraídos pelo fascínio do jogo e da competição desportiva, onde a possibilidade de êxito e o risco de insucesso exercem um papel motivador que põe à prova a confiança individual naquilo que se quer fazer" (*T.Lima, 1991, citado in A pedagogia do treino)

Quanto mais cedo iniciar a prática de futebol melhor, uma vez que as crianças têm maior facilidade em aprender novos gestos. E, como o ser humano é um animal de hábitos, quantas mais vezes se repete uma determinada ação mais rapidamente é executada sem recorrer à mente, da mesma forma que a ela se recorre quando se é confrontado com uma situação nova e adversa.

O hábito é um conhecimento que se alcança na ação. E o que se pretende é que os praticantes adquiram um saber-fazer com o auxílio do saber-sobre-um-saber-fazer do seu treinador.

Sendo o jogo uma atividade que exige uma ação cognitiva elevada, é uma razão muito forte para que desde cedo se estimule as crianças e as torne jogadores.

Piaget defende que *"o desenvolvimento cognitivo da criança amadurece através de constantes desequilíbrios e equilíbrios. Dois mecanismos aparecem para alcançar um novo estado de equilíbrio: a assimilação, no qual o ser desenvolve ações destinadas a atribuir significados, a partir de um facto anterior e aos elementos do ambiente com os quais conversa; e a acomodação surge quando o organismo tenta restabelecer um equilíbrio superior com o meio ambiente, agora, o ser é impelido a modificar-se e a metamorfosear-se para se ajustar ao meio".*

Segundo Neto (1995), citado por Ferreira (2000), "*é durante os primeiros anos de vida que acontecem as verdadeiras aquisições nos diversos domínios do comportamento afectivo, psicomotor e cognitivo, já que é nesta fase que ocorrem as mudanças mais significativas, determinantes das futuras habilidades específicas do comportamento."*

"O Futebol é uma modalidade aberta" (Poulont, in Knapp s/d), implicando por isso que "*o jogador empreste grande parte da sua atenção às exigências provenientes do exterior, sendo essencial a interpretação e compreensão da informação que vai captando"* (Knapp, s/d). Desta forma, e ainda segundo o mesmo autor, *"a decisão assume-se como fundamental, uma vez que um jogador que não executa a ação adequada no momento certo está condenado ao fracasso."*

2.1 Características da criança/jovem jogador

Desde que iniciam a prática do Futebol, até atingirem um nível de alto rendimento, *"os jovens devem (ou deveriam) passar por um processo de formação coerente em que haja uma progressão da aprendizagem distribuída por diferentes etapas, com objectivos, estratégias e conteúdos adequados as características e fases de desenvolvimento" (Pacheco, 2002).*

"Assim, numa primeira fase (4-8 anos, Quadro 1), as crianças estão muito centradas em si e na bola que as estimula, mostrando desinteresse pelo sentimento das outras crianças. O crescimento das crianças é bastante lento e a evolução da psicomotricidade é evidente, sendo um período óptimo para a estimulação das capacidades coordenativas" (Filgueira, 2004).

Quadro 1: Algumas caraterísticas das crianças dos 4-8 anos (Garganta, 2000)

Período	Características
4-6 anos	Ativa; Egocêntrica; Centra-se no objecto que pretende adquirir
6-8 anos	Pouca capacidade de concentração Egocêntrica, pouco sentido de equipa; Centrada na bola, não no jogo; A bola circula aos repelões; Habilidades limitadas ao espaço próprio;

No período seguinte (Quadro 2), fase da infância (8-12 anos), as crianças são mais disciplinadas, responsáveis e sociais. Possuem ainda um crescimento lento, caracterizando-se por um acentuado desenvolvimento da psicomotricidade. No entender de Pacheco (2001) esta fase constitui "A idade de ouro da aprendizagem", já que as crianças possuem uma boa capacidade para assimilar e entender as informações transmitidas pelos professores/treinadores.

Quadro 2: Algumas características das crianças dos 8-12 anos (Garganta, 2000)

Período	Características
8-10 anos	Mais predisposta a fazer parte de uma equipa; Distingue o bom do mau jogador; Mais disponível para a prática de rotinas técnicas; Aprende melhor os conceitos de marcação e desmarcação
10-12 anos	Compara-se muito com os outros; Capaz de perseguir objectivos colectivos; Começa a centrar-se no espaço próximo e afastado; Começam a familiarizar-se com regras e princípios do jogo.

Na fase da puberdade e da adolescência (12-16 anos), o crescimento é um dos factores marcantes, podendo encontrar-se jovens que no período de um ano chegam a crescer cerca de dez centímetros e aumentar significativamente o seu peso. É a fase da afirmação pessoal, onde o jovem sente que a conquista da vitória é cada vez mais importante (Quadro 3).

Quadro 3: Algumas características das crianças dos 12-16 anos (Garganta, 2000)

Período	Características
12-14 anos	Crescimento; Aumento considerável da capacidade para ler o jogo; Maior abertura para atender aos aspectos defensivos; Interioriza tarefas relacionadas com o estatuto posicional.
14-16 anos	Salto pubertário (alguma descoordenação motora); Ganhar é, agora, cada vez mais importante (afirmação); Explora os limites; Joga a ritmo elevado, com marcações mais pressionantes; Aprende a agir debaixo de pressão, física e psicológica.

2.2 Aspetos relevantes na formação da criança/jovem jogador

"A formação de um jogador é uma história interminável"

Louis van Gaal (1996: 19, in Frade, 2006)

O que poderá levar uma criança/jovem a ser um grande jogador terá que ser uma junção da qualidade e quantidade do treino.

A maior parte das crianças acha o melhor golo é aquele em que fintou 5 ou 6 adversários e depois marcou golo de calcanhar, do que aquele em que o jogador o fez com um remate de 1ª onde se desenvolveu uma movimentação idêntica aquela que se cultiva nos treinos e foi precedido de 20 passes seguidos.

"A criança deve partir daquilo que sabe, ou seja, quando uma criança diz "nana" ela pode querer dizer banana e, não interessa que ela continue a dizer "nana", desde

que se relacione com ela. Deve-se complementar isso em função do domínio sobre as coisas, melhorando o background em que a criança se move." (Frade, 2006)

Se se proibisse o Messi de jogar com o pé esquerdo talvez hoje não tivesse sido um dos melhores jogadores do mundo.

À prática da simples relação com bola, as crianças adquirem-na através dos poros do corpo, através dos ouvidos, dos sentidos, da visualização, é quase uma entrada subconsciente.

A partir da sua visualização, as crianças vão tentar fazer, vão errar e tentar de novo, vão ouvir os conselhos, e vão aprender os efeitos, amortecer uma bola, a levantar a cabeça para situar o resto do corpo para rematar. É isto tudo que irá indicar às crianças a infinidade dos momentos e dos detalhes do jogo.

A brincadeira é coisa séria para as crianças e, na seriedade de aprender a brincadeira aprende-se o futebol.

As habilidades individuais, a técnica, devem ser desenvolvidas desde cedo, para posteriormente a relação eu – equipa – jogo seja facilitada, caso contrário *"a criança apenas será um malabarista, mais indicado para exibiçoes que desempenhar um papel relevante no jogo de futebol."*(Frade,2006)

Através do movimento, das brincadeiras e jogos, a criança interage com o meio, desenvolvendo, segundo Angélico (2001), *"capacidades que conduzem à sua integração, espirito de iniciativa, autonomia, poder de decisão, em suma, a sua personalidade."*

A afirmação de Vergílio Moreira (1998) citado por Ferreira (2000) de que "*brincar é o ofício da criança*" é inteiramente aceite por todos, pois é de senso comum, e do conhecimento científico que na infância, as brincadeiras e os jogos, são para a criança um importante agente de socialização e meio de desenvolvimento da sua personalidade.

Laraz (1988) citado por Falé (2000), afirma que *"a relação da criança do espaço é permanente e fundamental, e esta constrói a sua personalidade pela troca de relações, que são cada vez mais complexas, tanto com o envolvimento físico, como com o envolvimento social."*

Guedes (1991) explica que *"a criança usa os jogos e as suas brincadeiras, através do movimento, para explorar o espaço."*

A formação da vida psicológica e social é proporcionada pela ação dinâmica e vivida do corpo em relação com tudo que o rodeia no dia à dia" (Falé, 2000).

Segundo (Ferreira 2000), "*devem ser facilitadas, à criança, múltiplas experiências de movimento nos diversos locais que utilize, permitindo-lhe assim melhor domínio corporal e a conquista sensorial e intelectual do espaço."*

Para Vítor Frade*, "as preocupações da carga e da recuperação não devem estar assentes no treino para baixo dos 15 anos. Se as crianças o que têm é falta de tempo de contacto com a bola e, aqui os estudiosos da Expertise têm razão, são precisas muitas horas de prática, mas uma prática (quantidade) qualitativamente condicionada, e isto só se consegue se for a jogar."*

Frade defende ainda que, *"até aos 14 anos a única preocupação seria colocar a criança a jogar, tal como acontece no Futebol de Rua, e aumentar o tempo de familiarização de forma a bola se tornar algo que pertence ao seu corpo".*

O Futebol de Rua permite à criança *"lutar contra a falta de sossego interior*", pois só desta forma consegue ultrapassar o adversário, marcar golo, jogar, ter a bola e, quando consegue isso fica próximo da felicidade.

"A partir dos 14 anos devemos centrar a nossa preocupação na racionalização princípios da organização (complexidade táctica). Levar um fazer sobre um saber fazer, criar hábitos e rotinas de jogo".(Frade, 2006)

Considera-se relevante uma inserção à modalidade cada vez mais cedo, desde que sejam honradas as normas do treino e o sistema de crescimento do desportista.

É fundamental que, desde logo, as crianças se habituem a uma modalidade que antropológicamente se encontra desfasada daquelas que são as necessidades de movimento do corpo humano; isto porque o Futebol pede aos pés que sejam o seu utensílio no manuseamento do objeto de jogo – a bola. Antropologicamente, os nossos pés têm vindo a sofrer uma evolução no sentido da locomoção.

"*O movimento reveste-se de uma importância indiscutível para o desenvolvimento do indivíduo*." (Bento, 1991)

Afonso dos Santos afirma, a "*prática desportiva é fundamental na formação da pessoa, enquanto atleta e ser integrante numa sociedade moderna. Não obstante, não basta praticar desporto para que exista uma garantia de que o processo de formação desse indivíduo promova também o seu desenvolvimento".*

É preciso transformar a formação de jogadores "*num processo ajustado e com objetivos adequados às diferentes fases do desenvolvimento do jovem jogador*" (Leal e Quinta, 2001)

Citando Afonso dos Santos (2017) "*deste modo surgiram as escolas de futebol sem competição formal e com preocupações muito para além do resultado desportivo, mas sobretudo com a formação do atleta.*

Assim*, "a formação desportiva da criança e do jovem constitui um aspeto fundamental na globalidade da sua preparação desportiva, revelando-se muito importante a definição de objetivos em cada uma das etapas do processo de formação, para que o seu desenvolvimento ocorra de forma harmoniosa*".

3. Escola/Clube de futebol – regulamentos internos

Um regulamento é um conjunto de normas consideradas válidas num determinado contexto.

A noção de regulamento interno faz referência às regras que regulam o funcionamento de uma organização. O regulamento é "interno" uma vez que os seus postulados são válidos no interior da entidade, mas não são necessariamente válidos portas fora.

Expõe-se, de seguida, alguns excertos de regulamentos internos (constam integralmente nos "Anexos"), de diferentes organizações, todos concebidos como instrumento de orientação que define o seu regime de funcionamento, sendo um documento que define os direitos e deveres de cada um dos intervenientes.

Estes documentos têm, claramente, como objetivo garantir a coerência desejável das atitudes e dos comportamentos de todos os elementos que desempenham funções nestas estruturas em especial dos treinadores, atletas e encarregados de educação.

F.C. Porto – Dragon Force (anexo 2)

"*O seu filho ou educando vai muito provavelmente errar no cumprimento deste código e, possivelmente, mais de uma vez… E esse erro pode-lhe vir a custar um castigo do treinador, a perda de um autocarro na ida a um torneio, uma peça do equipamento perdida no balneário, algumas lágrimas porventura, algumas frustrações… Mas é nossa profunda convicção que esse erro e a vivência dessa frustração (que é importante que os pais encarem com alguma serenidade ainda que por vezes vos aperte o coração e vos apeteça intervir…) vai tornar esse pequeno jovem mais forte e mais preparado para a vida.*

OBRIGADO POR ESTAREM CONNOSCO."

S.L. Benfica – Geração Benfica (anexo 3)

Relação com os pais:

Esta é sempre uma área sensível pelo que o relacionamento entre Coordenador Técnico, Treinador Principal e Treinador Adjunto para com os pais dos atletas, deverá ser estritamente profissional, mantendo-se uma distância que permita gerir todas as situações emergentes sem preconceitos adjacentes à afinidade.

Entre Treinador e Encarregados de Educação, as conversações devem limitar-se à partilha de informações essenciais: horários dos treinos, jogos e concentrações, comunicação de ausências, rendimento escolar, problemas de cariz familiar, e outros assuntos pertinentes. Demais questões deverão ser remetidas para a Coordenação Técnica.

Vitória S. C. – Os Afonsinhos (anexo 4)

Deveres dos alunos

- ✓ Tratar todos os intervenientes da escola de futebol Os Afonsinhos, com respeito e tolerância em todas as actividades.
- ✓ Equipar sempre com o Kit Afonsinhos, sendo obrigatório o uso de calçado apropriado no treino.
- ✓ Abandonar as instalações do Vitória Sport Clube apenas com o seu encarregado de educação ou acompanhado por pessoas devidamente autorizadas pelo encarregado de educação.
- ✓ Os alunos devem zelar sempre pelo património do Vitória Sport Clube.

Deveres dos encarregados de educação

- ✓ Tratar com respeito todos os intervenientes da escola de futebol Os Afonsinhos.
- ✓ Manter actualizado o pagamento das mensalidades do aluno sob pena de este ser impossibilitado de participar nas actividades.
- ✓ Informar a escola sobre questões de saúde do aluno que possam condicionar a participação nas actividades da escola de futebol Os Afonsinhos.
- ✓ Não perturbar ou interferir de forma alguma nas atividades, seja nos treinos, competições ou outros.

Escola de Futebol Pedro Pauleta (anexo 5)

Normas de conduta dos pais

- ✓ Seja o principal fã do seu filho;
- ✓ Respeite os Treinadores, os outros Pais e todos os Praticantes;
- ✓ Após os treinos, fale com o seu filho sobre os aspetos positivos e negativos da sua prestação, enfatizado os positivos;
- ✓ Ajude o seu filho a centrar-se na prestação e não no resultado;
- ✓ Não entre no relvado durante a sessão de Treino;
- ✓ Apoie o seu filho, mas não lhe dê indicações (deixe isso a cargo dos Treinadores);
- ✓ Não esqueça que o jogo é para as crianças e não para a glória dos Pais;
- ✓ Cumpra todas as normas definidas no panfleto “Contribua para que o seu filho faça o seu melhor”.

Disciplina

A violação pelo praticante de alguns deveres e normas de conduta previstos no regulamento interno em termos que se revelem perturbadores do funcionamento normal da escola (treinos/jogos), constitui infração disciplinar a qual pode levar à aplicação de medidas disciplinares (advertência, ordem de saída do treino/jogo, repreensão e suspensão da Escola de Futebol Pauleta). Sendo que, neste caso, não haverá direito ao retorno da mensalidade do mês da ocorrência.

A violação pelos pais de algumas das normas de conduta previstos no regulamento interno em termos que se revelem perturbadores do funcionamento da escola (treinos / jogos), constitui infração às normas pelo que o professor / treinador e o diretor técnico devem dialogar com os pais nos sentido de haver respeito e cumprimento pelas normas de conduta.

Boavista F. C. – Panterinhas (anexo 6)

Regras de conduta:

Alunos

- ✓ Não serão tolerados quaisquer actos violentos ou faltas de respeito para com os treinadores ou colegas de equipa e adversários. A educação e disciplina serão sempre imprescindíveis para a frequência do aluno na nossa Escola.

O incumprimento destas regras será motivo de penalização por parte da escola de futebol.
A pontualidade é muito importante para o bom funcionamento dos treinos, pelo que o aluno deverá estar sempre presente em campo, e devidamente equipado, à hora marcada.

- ✓ Proibido os atletas entrarem no relvado sem autorização dos treinadores.
- ✓ Antes de começar o treino os atletas não podem pegar em bolas, sem autorização.

Pais

- ✓ É aconselhável aos pais que estejam a assistir aos treinos ou aos jogos não exercer qualquer tipo de influência na prestação dos alunos e/ou treinadores, pois tal situação prejudica o aluno..
- ✓ É EXPRESSAMENTE proibido os pais e familiares entrarem no terreno de treino e jogo.
- ✓ Pedimos o favor a todos os pais que estejam a assistir aos treinos para não se sentarem no muro com os pés para dentro do campo.

Sempre que os pais nos torneios ou convívios desejem estar junto dos filhos , devem pedir autorização ao treinador responsável.

Padroense F. C. (anexo 7)

Código de conduta dos pais:

- ✓ Respeitar as competências de todos os agentes que intervêm no processo de formação dos jovens futebolistas: Dirigente = dirigir; Treinador = treinar; Árbitro = arbitrar; Pais = educar;
- ✓ Conhecer o regulamento interno do departamento de Futebol de Formação do Padroense F. C.
- ✓ Acompanhar de forma regular e sistemática o processo de formação (desportiva e humana) do seu filho.
- ✓ Quando não estão satisfeitos com a evolução, aproveitamento das qualidades e apoio dado ao atleta falem com o coordenador técnico e apresentem soluções, mas não expressem o vosso estado de espírito durante e após o jogo.
- ✓ Para questões administrativas, justificações de faltas, viagens. Horários de treinos/jogos, etc…falar com os directores.
- ✓ Respeitar os espaços de treino/jogo – não devem invadir o espaço envolvente ao treino e ao jogo.
- ✓ Educar, incentivar e apoiar os vossos filhos na criação de hábitos compatíveis com as responsabilidade de um desportista de forma a que estes: cumpram os horários de início de treinos, jogos ou outras actividades; respeitar as regras e funcionamento do treino/jogo; respeitar todos os intervenientes ao jogo; respeitar as regras alimentares de um atleta; respeitar as regras de descanso e recuperação entre treinos/jogos.

4. Cartão vermelho

Com o passar dos anos o futebol tornou-se uma modalidade mais elitista e com isso a violência foi-se tornando mais rara, mas nunca desaparecendo.

Desde sempre o futebol foi um desporto que arrastou multidões e com isso despoletou paixões, ódios, mil e um sentimentos entre adeptos e praticantes. Sentimentos que muitas vezes dão origem a atos que não enaltecem em nada o nome do futebol: a violência física e verbal.

A violência nos recintos desportivos - na grande maioria das vezes originada e potenciada pelos próprios encarregados de educação, que, com a sua conduta, condicionam fortemente a prestação dos intervenientes no jogo, especialmente dos jogadores, comprometendo a sua eficiência e compromisso - passou a ser considerada um problema social, uma vez que, hoje em dia, atinge grandes proporções.

Elevar o fair play e desportivismo no futebol é primordial para o crescimento sustentado e equilibrado de jogadores, treinadores, árbitros e agentes desportivos.

É um facto que o desporto, seja em que modalidade for, ou país, tem ocupado um lugar de destaque nas notícias, porém, muitas vezes pelos piores motivos - violência e agressividade é praticada pelos próprios atletas e essencialmente pelos encarregados de educação. Em jeito de reflexão, transcrevem-se alguns excertos de notícias:

NOTÍCIAS

JOVEM ÁRBITRO DE 15 ANOS AGREDIDO COM UMA BOFETADA

O episódio de violência mais recente aconteceu na sexta-feira (17/03/2017) num jogo de futsal entre o Pedreles e o Gigantes de Mangualde, numa partida a contar para a Taça de Futsal de Juniores B da Associação de Futebol de Viseu. O jovem árbitro de 15 anos – árbitro estagiário, foi agredido com uma chapada por um adepto do Gigantes, quando dirigia o encontro na companhia de um árbitro mais velho. Rúben Miranda relata como tudo se passou:

"Foi num pontapé de linha lateral que, sem me aperceber, fui agredido à bofetada pelo pai de um jogador do Gigantes de Mangualde, que já me tinha insultado e ameaçado", explicou Rúben Miranda, que teve de receber tratamento hospitalar. Segundo o jovem, o caso já está entregue às autoridades. Apesar da agressão de que foi alvo, Rúben Miranda não vai desistir de ser árbitro. À Rádio e Jornal do Centro o presidente do Gigantes de Mangualde que disse não ter nada a declarar. Já o diretor desportivo do Pedreles, Horácio Carreira, diz que este é um episódio que envergonha o futsal." As autoridades policiais já identificaram o agressor. A Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol já tem conhecimento do caso.

Fonte: Jornal do Centro

NOTÍCIAS

ESPANHA: ÁRBITRO EXPULSA ADEPTOS APÓS INSULTOS NUM JOGO DE INFANTIS ENTRE BARCELONA-SABADELL

Na semana passada tornou-se viral nas redes sociais, um vídeo onde uma luta entre vários pais aconteceu num jogo de futebol de base em Mallorca – Espanha. As imagens correram todo o mundo e foram muitos aqueles que lançaram campanhas em redes sociais para evitar que esses eventos ocorram novamente.

A Federação Catalã de Futebol tem levado muito a sério este tipo de ocorrências e já avisou que os árbitros teriam plenos poderes para terminarem os jogos caso achassem apropriado perante os insultos ou ameaças recebidas.

Este sábado, na Ciudad Deportiva Joan Gamper, tivemos um exemplo disso. Num jogo de infantis entre o Football Club Barcelona e Sabadell, na segunda parte, houve uma falta de um jogador do Barcelona sobre um jogador do Sabadell. A partir daí, o árbitro Miguel Angel Alonso Martinez começou a receber insultos de alguns espectadores, pais e adeptos do Sabadell. O árbitro não hesitou e dirigiu-se ao delegado ao jogo e pediu-lhe para expulsar esses adeptos. O delegado atravessou todo o campo e dirigiu-se aos adeptos que estavam a insultar o árbitro com a seguinte frase: "O árbitro disse que, enquanto não abandonarem o recinto de jogo, o jogo não recomeça ". O jogo permaneceu parado até que os quatro ou cinco pais se levantaram e saíram das bancadas, assistindo ao resto do jogo, longe, na entrada do campo.

Com este gesto, o árbitro deu um "murro na mesa" e demonstrou que ele é a autoridade no campo. A sua intervenção foi fundamental para evitar continuar a ser insultado e deve servir de exemplo para todos os seus colegas, expulsar para fora dos campos todas as pessoas que vêm com a intenção de insultar, agredir e terem um comportamento improprio para estar num jogo de futebol com crianças e jovens.

Chega de violência no futebol, as crianças/jovens têm de desfrutar de um jogo de futebol e não sofrerem os insultos e gritos dos seus pais e adeptos da bancada. Este comportamento é fundamental para evitar que ocorreram incidentes como os do passado sábado.

"Pensem na vergonha e desilusão que uma criança sofre quando está num jogo a praticar o seu desporto favorito, a divertir-se e a fazer o que gosta, ver esse jogo interrompido e o seu pai ser expulso por comportamento desordeiro"

"Este é um exemplo que deve ser seguido, para que só estejam nas bancadas quem tiver a intenção de desfrutar de um jogo de futebol"

Fonte: www.sport.es

NOTÍCIAS

PANCADARIA ACABA COM JOGO DE INFANTIS EM COIMBRÕES

O jogo entre o Coimbrões e o Candal, da Série 1 do Campeonato de infantis da Associação de Futebol do Porto, realizado este sábado, acabou mais cedo por causa da violência na bancada.

Terminou da pior forma o jogo Coimbrões-Candal, da Série 1 do Campeonato de infantis da A.F. Porto, realizado este sábado no Parque Silva Matos, em Coimbrões, Vila Nova de Gaia. Desentendimentos nas bancadas deram origem a cenas de pancadaria, que provocaram desespero e pânico entre os jovens jogadores das duas equipas.

O árbitro entendeu que não existiam condições para o jogo prosseguir e deu o encontro por concluído, quando faltavam disputar quatro minutos. Pelo menos duas pessoas necessitaram de receber tratamento hospitalar. Não se encontrava qualquer força policial no local, pois não é obrigatória nos escalões de formação.

Já sem grande interesse classificativo, o dérbi de Vila Nova de Gaia foi emocionante dentro de campo (3-3), mas lamentável fora dele. As picardias entre adeptos deram origem a intensas cenas de violência, que provocaram pânico entre os jogadores, por verem os familiares envolvidos em cenas de pancadaria na bancada. O árbitro juntou, inclusivamente, as duas equipas para acalmar os jovens futebolistas, com idades inferiores a 13 anos.

"O que aconteceu nada teve a ver com o jogo. De repente, nas imediações do campo, apareceram indivíduos, um deles com um cano na mão, que começaram a bater em toda a gente. Nunca imaginei que algo assim fosse possível", lamentou António Magalhães, presidente do Coimbrões, ao JN.

Versão diferente tem Alberto Ribeiro, líder do Candal. "Somos sempre mal recebidos pelo Coimbrões e, ultimamente, tem sido demais. No intervalo, insultaram um jogador do Candal. Depois, houve uma batalha campal na bancada e problemas à saída do campo. É triste tudo isto, ainda por cima num jogo de meninos", disse, ao JN, Alberto Ribeiro.

FONTE: Jornal www.jn.pt

NOTÍCIAS

BENJAMINS SUB-11: TREINADOR AGREDIDO EM DÉRBI DE GONDOMAr

Jogo entre as formações sub-11 do Sousense e do Gondomar, disputado na Foz do Sousa (que pertence ao concelho de Gondomar) terminou da pior maneira.

Mais um caso de violência no futebol português. O encontro entre os jovens do Sousense e o Gondomar – todos com menos de 11 anos – terminou com agressões.

Segundo o que o jornal O JOGO apurou, o treinador do Gondomar foi agredido e está, juntamente com toda a equipa, retido no balneário até que a GNR chegue ao local.

Sousense e Gondomar disputam a Série 2 da Divisão de Honra da AF Porto e estão separados por dois pontos. O Gondomar ocupa o segundo lugar – o último a dar acesso à fase de apuramento do campeão – e o Sousense é quarto.

NOTÍCIAS

ÁRBITRO AGREDIDO POR PAI EM JOGO DE SUB-13 DE LEIRIA

Mais um episódio negro para o futebol português: o pai de um jogador sub-13 agrediu um árbitro após uma partida oficial do campeonato de Juniores D da AF Leiria.

Aconteceu este sábado de manhã, na partida entre Marinhense e Maceirinha, em futebol de 7. A assistir ao encontro estava Luciano Gonçalves, presidente da APAF, que testemunhou a **Record** tudo o sucedido.

"O indivíduo passou jogo todo a provocar os árbitros e os jogadores da equipa adversária. No final da partida, saltou a vedação, foi direito ao árbitro principal, agarrou-o pelos colarinhos e apertou-lhe o pescoço. Acabaram por ser outras pessoas, como pais de outras crianças e eu próprio, a separá-los", descreveu.

O Marinhense, equipa onde joga o filho do agressor, até tinha vencido por 2-1. Mas isso não impediu que o homem tivesse perdido a cabeça. Já depois de separado dentro de campo, foi para junto da entrada dos balneários de forma a fazer uma espera ao árbitro. Mais uma vez, valeu a intervenção de outros pais para impedir mais agressões.

Luciano Gonçalves chamou a PSP, que identificou o agressor. O árbitro, de 20 anos, irá apresentar queixa. O outro árbitro (são equipas de dois), de apenas 16 e que fazia a sua segunda partida, ficou em choque com o sucedido.

"Se um homem tem um comportamento destes num campo de futebol a ver um filho a jogar, qual será o comportamento dele em casa?", questiona Luciano Gonçalves.

CLUBE REPUDIA COMPORTAMENTO

Entretanto, ao final do dia, o Marinhense repudiou, em comunicado publicado no site oficial, o comportamento do indivíduo em causa, garantindo não se rever no mesmo.

"O Atlético Clube Marinhense, no seguimento dos acontecimentos desta manhã, que envolvem agressões por parte de um dos pais de um atleta do nosso clube a um árbitro da partida entre Maceirinha e Marinhense, vem através deste comunicado repudiar este e todos os atos que envolvam violência física e/ou psicológica dentro e fora do campo", pode ler-se na mensagem. "Assim, comunicamos a todos os associados, simpatizantes e imprensa que o clube não se revê nas ações, e tudo irá fazer para averiguar as causas do acontecimento".

Fonte: Jornal Record

NOTÍCIAS

ONDA DE AGRESSÕES A ÁRBITROS EM PORTUGAL NUNCA ANTES VISTA, GRANDE PARTE NOS ESCALÕES DE FORMAÇÃO!

A APAF mostra cartão vermelho à pressão, aos danos e às agressões que os árbitros têm sido expostos.

O "Jornal de Notícias" revela que já ocorreram 35 casos de agressões a árbitros, em Portugal, esta temporada. Pertencem todos a escalões não profissionais e de formação. Mais de um terço dos árbitros é menor de idade,

O ambiente de crispação em redor da arbitragem em Portugal não parece ter fim e, esta época, já foram contabilizados 35 casos de agressões a árbitros, 12 são menores de idade.

O "JN" noticia, na edição desta terça-feira, as ocorrências que vieram a público e, através dos dados oficiais da Associação Portuguesa de Árbitros Profissionais (APAF), o jornal indica que os casos de violência estão todos ligados a escalões não-profissionais e de formação.

De acordo com dados oficiais da Associações Portuguesa de Árbitros de Futebol (APAF) a que o JN teve acesso, os casos multiplicam-se por 12 distritos, alastram à Madeira, não olham a idades. Dos 35 árbitros agredidos, 12 são menores de idade. Lisboa é o distrito onde ocorrem mais casos, cinco. Seguida de Aveiro, Braga e Coimbra, com quatro ocorrências, e depois do Porto, onde reside a maior associação de futebol do país, com três casos registados.

Árbitros não estão para isto

Segundo o "Jornal de Notícias", vários árbitros já desistiram de exercer, devido aos acontecimentos acima mencionados. Além disso, houve quem já tivesse que recorrer a intervenções cirúrgicas devido às agressões sofridas.

Como se não bastasse, não se fica apenas pelas agressões físicas. A APAF já contabilizou também seis viaturas de árbitros danificadas e já foram apresentadas 53 participações às autoridades.

APAF no Parlamento

De forma a combater a violência aos árbitros presente no futebol português, a APAF vai ao Parlamento debater ideias que solucionem a situação. Ao "JN", o presidente do órgão referiu que o encontro ainda não tem data agendada, mas que vão estar presentes o Conselho de Arbitragem, a Federação Portuguesa de Futebol e a Liga de Clubes.

O presidente da APAF afirmou que "nesta altura, todas as possibilidades estão em cima da mesa, incluindo a paragem". A hipótese já tinha sido mencionada anteriormente devido ao clima de crispação que se faz sentir na arbitragem portuguesa.

Fonte: Jornal de Noticias e Rádio Renascença

Capítulo II – Prática profissional

1.1. Análise da prática profissional dos últimos 9 anos

A paixão pelo futebol começou bem cedo. Aos 10 anos já participava em várias competições intra-escola e jogos juvenis de Gaia. Aos 14 anos tornou-se federado pela Associação de Futebol do Porto e integrou a equipa de iniciados do F.C. Avintes, onde fez toda a sua formação até aos 19 anos (1º ano de sénior). Mais tarde, depois de reiteradas insistências por parte do F.C. Crestuma, aceitou o pedido da sua transferência para esse clube, onde permaneceu 2 anos

À medida que o seu percurso no futebol avançava, aumentava proporcionalmente a convicção de que só esse poderia ser o seu futuro profissional. Sentia-se totalmente identificado com esse desporto e essa paixão superava, largamente, todos os outros projetos profissionais que se lhe vislumbravam para o futuro.

Contudo, o seu êxito ao longo desse percurso foi, fortemente, condicionado por questões de saúde: aos 18 anos sofreu uma forte pubalgia que exigiu intervenção cirúrgica. A recuperação foi longa e implicou planos de recuperação de forma variados. Aos 20 anos sofreu mais uma grave lesão no joelho direito que o obrigou a ser submetido a uma nova intervenção cirúrgica.

Após esses anos a lidar com lesões e consequentes problemas físicos, sem confiança de que poderia recuperar e retomar a boa forma, seguiu o conselho dos especialistas e “pendurou as chuteiras”.

No entanto, a partir daí, sempre procurou estar ligado à área do desporto, nomeadamente, ao futebol. Aliás, essa paixão foi decisiva para a sua opção académica: Professor de 1.º e 2.º ciclo – Variante Educação Física.

Enquanto frequentava o curso académico (2003 a 2007), foi convidado, pela Coordenação dos Jogos Juvenis de Gaia, para exercer as funções de treinador de futebol 5 da equipa do Crestuma, nos jogos juvenis de Gaia e, em torneios organizados pela CM-Gaia.

A partir dessa experiência, pelos retornos e feedbaks recebidos, percebeu que reunia perfil, competências e uma enorme apetência para investir na carreira de treinador.

Muito embora, numa fase inicial, não possuísse total autonomia para o exercício dessa atividade, percebeu que isso não invalidava a premência na responsabilização e comprometimento com a formação educativa e desportiva dos jogadores sob a sua orientação, a qual dependeu, em grande medida, da qualidade da sua intervenção pedagógica e técnica.

1.1.1 Boavista F.C. 2007/2010

- ✓ **Percurso Profissional**

Em 2007, a convite do coordenador da Escola de Futebol "Os Panterinhas" do Boavista FC, o autor integrou o grupo de treinadores dessa escola. Foi um convite que muito o honrou e para o qual muito trabalhou por querer corresponder às expetativas que dele haviam criado.

Leu livros de organização tática, procurou conselhos de treinadores amigos. Entrou em blogs onde vários profissionais desenvolviam temáticas relacionadas com futebol. Frequentou palestras de professores e treinadores.

De abril a julho de 2007, assumiu a substituição do treinador da equipa "1997" (ano de nascimento dos jogadores). Durante esses três meses competiu-lhe, essencialmente, o papel decisivo de educador no futebol, operacionalizado na promoção do desenvolvimento de competências de vida e no desenvolvimento moral e do caráter dos jogadores que lhe haviam sido confiados. A sua principal missão consistiu no fomento do gosto e entusiasmo pela prática desportiva, enquanto atividade significante de um estilo de vida ativo, entendendo o desporto como um projeto de elevado alcance formativo. Foi um período de relevante importância na medida que lhe permitiu conhecer, de forma geral, toda a estrutura Boavista F.C./Escola Panterinhas, adquirir a informação necessária sobre os jogadores que iriam constituir a sua equipa na época seguinte.

Em setembro de 2007 foi designado treinador da equipa "2000". A equipa com alunos nascidos no ano 2000 era constituída por 15 jogadores e competia num campeonato organizado pelo Futebol Clube Perosinho homenageando um falecido jogador de nome "Rui Filipe".

Em junho de 2008 a equipa participou no torneio Copa Foot 21 realizado em Vila Real de Stº António (Algarve). Ficou hospedada no mesmo hotel que outras várias equipas de renome a nível nacional como S.L.Benfica, F.C.Porto, Sporting, etc.

Os encarregados de educação acompanharam os atletas e foram fundamentais na garantia da coesão da equipa. Mantiveram uma atitude constante de entreajuda e forte espírito de grupo.

O treinador criou o hino da equipa, intitulada "uma equipa de bons amigos" que pelo facto de ter sido rapidamente "agarrada" pelos atletas e respetivas famílias, acabou por ser um marco nesse torneio.

Miguel Silva defende a baliza
Com coragem e sem pressão
Na defesa sempre muito seguro
André Torres o capitão

João Rosário com a sua classe
Sabe defender e atacar
Com a bola nos pés não há quem o pare
O prodígio Edgar

Gosta de jogar a bola junto à relva
É a habilidade do Diogo Teixeira
E com raça, técnica e velocidade
Joga o David Oliveira

Gonçalo Franco rápido p´la direita
Com precisão a bola vai cruzar
Cláudio Silva o goleador está na área
Mais um golo vai festejar

Rafael Cruz mostra a sua garra
Um panterinha com dedicação
É humilde o Filipe Podstwarski
Joga bem em qualquer posição

É talentoso e irreverente
Joga com o 9 na camisola
O seu nome é o António Mendes
É um génio da bola.

Refrão
São os nossos panterinhas
Que nos fazem delirar
Uma equipa de bons Amigos
Que vitórias vão alcançar

A equipa conquistou um meritório 3º lugar. Os encarregados de educação receberam o prémio de melhor claque.

Em 25 de abril de 2009 participou no IV Encontro Nacional de Escolas Futebol 7, promovido pela Escola de Futebol da Associação de Formação Desportiva " O Pinguinzinho", que se realizou no Estádio Municipal de Santa Comba Dão.

Nos dias 1, 2 e 3 de Maio de 2009 integrou o Guimarães Cup, organizado pela equipa "Os Sandinenses". A sua prestação permitiu-lhe conquistar o 4.º lugar. Neste torneio participaram as equipas mais importantes do país: F.C.Porto; S.L.Benfica; Sporting; Guimarães; Braga; Boavista; Taipas e Sandinenses.

Para finalizar a época, no dia 20 de Junho de 2009, a equipa viajou até às Caldas da Rainha para conquistar o 1.º lugar de um torneio de futebol de 5, organizado pela equipa local.

De 17 de outubro de 2009 a 15 de Maio de 2010 integrou o campeonato Distrital (juniores E) futebol de 7 organizado pela Associação de Futebol do Porto.

Para findar a temporada, na semana de 4 a 7 de junho de 2010, participou no torneio internacional Pleudihen 5/ Rance (22) Europoussins, em França, (futebol de 6), juntamente com outras equipas de renome internacional, tais como: Mónaco; Paris St-Germain; Metz; Lyon; Marselha; Génova; Fulham; etc.

Os encarregados de educação acompanharam os jogadores durante o torneio, contudo enquanto estes ficaram hospedados num hotel perto do Estádio Pleudihen, a equipa foi distribuída por famílias de acolhimento. Esta estratégia, adotada pela organização francesa, por uma questão de contenção de custos, acabou por se revelar uma das maiores experiências humanas e sociais que os jovens jogadores poderiam experienciar.

Num total de 24 equipas, o Boavista F.C. arrecadou o 10º lugar na classificação.

Durante estas épocas concretizaram-se vários momentos de convívio: celebração do dia do pai e da mãe, realização de sessões de cinema e jantares com todos os elementos da equipa.

Figura 1: Bola autografada pelo plantel do Boavista F.C. escalão 2000

- ✓ **Preparação e organização das épocas desportivas**

Ao longo dos 4 anos (2007 a 2010), o treinador organizou o seu trabalho assente em três vertentes fundamentais: Planificação, Operacionalização e Regulação do ensino e das aprendizagens.

A planificação efetuada no início e ao longo de toda a época desportiva, permitiu ter uma orientação estratégica da ação, adequada à diversidade dos jogadores, tendo em conta as suas caraterísticas e necessidades, bem como o objetivo do Clube/Escola.

Os treinos foram pensados mediante o espaço disponibilizado e o material existente na escola. Tinham a duração de 1h30m, realizavam-se no complexo da Pasteleira, distribuídos por três sessões semanais: duas no ringue de relva sintética, com dimensões para futebol de 5 e outra num campo pelado com dimensões para futebol de 7.

Durante a operacionalização procurou ter, por um lado, eficácia e rigor na condução e organização dos treinos, por outro lado, a gestão eficaz dos processos de comunicação e das interações no decorrer dos treinos.

No início de cada treino dedicou um período de instrução, no qual, de forma clara, explícita e sucinta, transmitiu os objetivos e critérios de êxito nas tarefas, bem como as rotinas de organização do treino. Estruturou exercícios de caráter lúdico que privilegiavam o espírito de equipa e entreajuda, noção de união de grupo e capacidade de superação do mesmo.

Propôs que os jogadores realizassem todo o tipo de exercitação, quer em circuitos, individual ou através de jogo. Sempre que necessário foi solicitada a colaboração de alguns jogadores, especialmente os mais introvertidos, para a demonstração do exercício.

Para que o treino tivesse a intensidade desejada, foi igualmente importante a organização do material, do espaço, dos tempos de transição, dos diversos grupos de trabalho, quer em jogos reduzidos 2x2, 3x3, como em jogo formal 7x7.

Sempre foi considerada, pela escola, a importância de manter hidratados os jogadores especialmente em períodos de maior calor. A escola fornecia garrafas de água de 55 cl a cada atleta, ficando este responsável pela mesma.

Ao longo do treino, o treinador optou sempre por manter os atletas dentro do ângulo de visão, evitando assim comportamentos desviados.

Tentou contornar as dificuldades que estes demonstravam, incentivando-os ao interesse pelas mesmas, proporcionando situações de aprendizagem conducentes à promoção do autoconceito e da autoconfiança, dando-lhes feedbacks positivos ou

interrogativos conforme a situação. O treinador questionava frequentemente os alunos/jogadores sobre as suas opções em treino, por defender que esta estratégia os faria refletir sobre o conceito do jogo e o modelo que era proposto implementar pelo treinador.

Foi fundamental a observação e avaliação constante dos atletas em exercício, uma vez que permitia uma rápida intervenção/correção/esclarecimento perante uma possível dificuldade manifestada por estes, bem como ao imediato ajustamento do exercício quer ao nível individual quer ao nível coletivo.

Considerando a heterogeneidade da equipa e com vista ao equilíbrio desta, decidiu, sempre que entendeu necessário e adequado, dividi-la por níveis de desempenho. Desta forma, os menos aptos passaram a ter maior contacto com a bola, a sentirem-se mais úteis, o que lhes permitiu adquirir maior confiança. Ao invés, sempre que confrontados com colegas mais capacitados tecnicamente, reagiam com frustração e inquietação.

A estratégia de observação/análise/intervenção utilizada ao longo dos treinos surtiu o efeito desejado, uma vez que os atletas manifestaram maior alegria, motivação e dinamismo.

Por também ser fundamental ir de encontro às expectativas/preferências dos atletas, em todos os treinos foi organizado o jogo 6x6 ou 7x7. Se por algum motivo de força maior não fosse possível concretizar gerava, de imediato, uma onde de desalento nos jogadores.

No final de cada treino era realizada uma reflexão conjunta (treinador/atletas) que visava a avaliação sobre o desempenho de cada um em particular e da equipa como um todo, o que permitiu identificar e ultrapassar as dificuldades evidenciadas pelos atletas e nesta circunstância a introdução de reforços positivos por parte do treinador.

Depois de arrumado o material, os jogadores eram desafiados para a marcação de uma grande penalidade por considerar ser uma estratégia que promovia a superação individual e a motivação/gosto pela obtenção do sucesso.

Mesquita (2000) refere que para um conveniente processo de Formação de desportistas, o treino deve-se reger por princípios didáctico-metodológicos, acrescentando que por este motivo, o processo de treino deve ser entendido como um processo de Ensino-Aprendizagem, uma vez que, o nível de aquisições das matérias (Futebol) encontra-se dependente, de quem as aprende, no caso os Jogadores e também da competência de quem ensina, o treinador, os três principais intervenientes de qualquer processo de Ensino-Aprendizagem. O intuito do Ensino é a modificação da personalidade dos alunos (Jogadores) e das respetivas qualidades, através do

confronto ativo em determinado conteúdo (jogo) a apropriar, sob o efeito recíproco de atividades do Professor (treinador) e dos alunos (jogadores), em condições concretas do processo Ensino (Bento, 2003).

Por defender que " os exercícios, através da sua "repetição sistemática", devem visar a aprendizagem de comportamentos relativos e específicos do modelo de jogo (Oliveira et al., 2006), cabendo ao treinador a responsabilidade de encontrar e criar no "terreno" as condições necessárias para o aparecimento regular dos comportamentos de jogo desejados" (Faria e Tavares, 1993), ao nível da regulação efetuou a análise dos exercícios realizados e, sempre que necessário, a sua reorientação no sentido de melhorar o ensino, o jogador, a equipa e globalmente os resultados.

Opinião semelhante tem Castelo (2002, in Lopes, 2005), quando salienta que o exercício é a principal forma de concretização da função do treinador desportivo.

O exercício apresenta-se, então, como uma ferramenta fundamental para o treinador, na medida em que é ele que vai possibilitar a evolução dos jogadores, direcionando e orientando o processo através de uma seleção e realização criteriosa. Neste processo, não é possível que os jogadores respondam de forma adequada às exigências que a competição impõe (Castelo, 1996).

Tal facto encontra justificação no fundamento metodológico do treino desportivo que assenta na repetição lógica, sistemática e organizada de exercícios, determinando a direção e profundidade das adaptações dos jogadores à lógica do jogar que se procura (Castelo, 1996), constituindo-se como o meio fundamental do processo de preparação de um jogador e da equipa (Queiroz, 1986, in Lopes, 2005).

Os quatro anos vivenciados pelo treinador na escola "panterinhas" foram fundamentais para o seu conhecimento da dinâmica coletiva, estrutural e específica de uma escola de futebol.

Graças ao forte espírito de equipa, promovido e incentivado pelo treinador ao longo de todas as épocas desportivas, foi possível fazer frente a várias adversidades (gestão de conflitos).

O trabalhar com crianças é uma alegria, elas vêem as coisas através dos olhos que os adultos muitas vezes esquecem que existem.

1.1.2 Departamento de Scouting - Áudio/Visual do F.C. Porto

- ✓ **Percurso Profissional**

Em 2008, o treinador foi convidado pelo responsável do departamento de scouting do F.C. Porto para observar jogadores com talento para representar o clube.

Ciente de que estas funções não colidiriam com as que no momento desempenhava no Boavista F.C., o treinador integrou o grupo de trabalho.

O departamento de Scouting era constituído por uma equipa, composta por profissionais do Futebol, por pessoas com formação no ensino superior, por elementos com inúmeros anos de futebol, por ex jogadores profissionais do F. C. Porto, por ex-treinadores, portanto, por um conjunto alargado de pessoas com um denominador comum – Futebol.

A área de intervenção do Departamento de Scouting do F. C. Porto que o treinador integrou era multifuncional e extremamente abrangente. Abarcava várias áreas, meios e métodos de intervenção, captava inúmeras influências e compreendia as várias equipas, desde o escalão de Escolas à Equipa A do clube.

A capacidade de observar e descobrir talentos é, nos dias de hoje, um fator decisivo quer para o sucesso desportivo de um Clube, quer para a sua sustentabilidade financeira.

A missão do treinador consistia na recolha e tratamento de informação individual e coletiva procurando ir de encontro às necessidades das equipas de formação e equipa A do F. C. Porto. Para tal, e considerando a sua falta de experiência nesta área, foi fundamental, numa 1.ª fase, compreender o funcionamento do Departamento de Scouting; entender as funções e quais as competências de um Scout; desenvolver a capacidade para identificar características específicas em jogadores de futebol e detetar talentos, bem como desenvolver a capacidade de analisar jogos e equipas.

Era-lhe solicitado que, através da estrutura de jogo implementado no clube e do modelo de jogador "à Porto", percebesse se os atletas reuniam as caraterísticas necessárias para uma equipa exigente e altamente profissional.

Realizou observações áudio/visuais a nível nacional e internacional, direcionadas sobretudo para a Europa e América do Sul.

O trabalho do grupo de scouting compreendia as seguintes fases:

- ✓ Observação/análise dos jogadores pelo Scout externo;
- ✓ Elaboração de relatório, onde constava o seu parecer sobre o desempenho dos jogadores e posterior remessa ao departamento de Scouting;

- ✓ Observação dos jogadores e análise do relatório do scout externo, pelo Departamento de Scouting e posterior remessa aos scouts internos;
- ✓ Observação dos jogadores e análise do relatório do Departamento de Scouting, pelos scouts internos e posterior remessa aos treinadores do clube;
- ✓ Análise dos relatórios e parecer final pelos treinadores do clube;
- ✓ Por fim, de acordo com os resultados dos quatro relatórios, era tomada a decisão acerca desse jogador – contratar, continuar a observar ou acompanhar.

O Treinador teve o privilégio de avaliar jogadores que hoje são muito conceituados no mundo do futebol, tais como: James Rodriguez; Douglas Costa; Luís Suarez; Coates; etc. (*constam integralmente nos "anexos"*)

No desempenho das suas funções enquanto Scout, o treinador procurou reunir as características consideradas, por João Luís Afonso - responsável máximo e coordenador geral do departamento, como essenciais para se ser um observador competente:

- ✓ *"Saber viver de forma solitária;*
- ✓ *Ter capacidade, no caso da análise coletiva, para entender o jogo e conseguir transmitir de uma forma clara e fidedigna o que vê;*
- ✓ *Na análise individual, tem de ter o "olho treinado" em função do nosso modelo de jogador por posição;*
- ✓ *Tem de ser fiel aos seus princípios;*
- ✓ *Ter capacidade para exprimir as suas ideias com um tipo de escrita clara, curta e concisa;*
- ✓ *Boa capacidade de comunicação, humildade e seriedade;*
- ✓ *Tem de ser uma pessoa com flexibilidade qb com caráter, uma pessoa que consiga ser reservada com assuntos sensíveis."*

1.1.3 Dragon Force Grijó 2010/2014

- ✓ **Percurso Profissional**

Em junho de 2010 o treinador foi convidado para integrar a escola de futebol Dragon Force – F. C. Porto, para exercer funções de Treinador no polo de Grijó.

A empatia com a escola e a identificação com o projeto foram princípios essenciais para a relação de sucesso durante quatro anos.

Embora com um modelo completamente diferente do que tinha trabalhado no Boavista F. C., o Treinador considerou este, o desafio porque tanto esperava.

A participação do treinador nas formações que o F. C. Porto organizou, promovidas maioritariamente pelo Coordenador Geral da Dragon Force e treinadores das equipas de formação e seniores A, permitiu-lhe atingir um enriquecimento e maturidade fundamentais ao seu bom desempenho.

Durante os quatro anos trabalhou com todos os escalões etários da escola, ou seja, dos 4 aos 14 anos de idade.

Em todas as épocas optou trabalhar com alunos dos 4 aos 6 anos de idade por considerar que estes apresentavam características muito especiais para a prática do futebol, como, espontaneidade, lealdade, simplicidade, magia e motivação.

Acompanhou-os em torneios de futebol de rua, organizados pela Associação de Futebol do Porto. Os encontros disputavam-se na praça D. João I, na cidade do Porto.

Contudo, foi na equipa de competição sub 11 (10 anos de idade) que alcançou os maiores êxitos. Acompanhou-a durante os quatros anos, participando no campeonato distrital de futebol de 7 (2010 a 2013) e futebol de 11 (na época 2013/2014) organizado pela Associação de Futebol do Porto.

A equipa sub 11 participou em vários momentos festivos e pedagógicos, torneios, campeonatos. Sagrou-se campeã distrital futebol de 7 da Associação de Futebol do Porto na época 2012/2013. Neste mesmo ano participou num torneio no Estádio do Dragão com todas as 9 equipas Dragon Force do país, ficando no 2º lugar, perdendo apenas na fina.

Conquistou os torneios organizados pelo Clube Desportivo Paços de Brandão no dia 29 de maio e AD Grijó no dia 2 de junho.

Figura 2: Faixa de campeão distrital futebol de 7 – escalão sub 13

Foi uma época desportiva memorável com a equipa a responder com vitórias onde o desenvolvimento do ensino aprendizagem e progressão pedagógica foram notáveis. O forte espírito de grupo e companheirismo, entre todos os elementos da equipa, foram cruciais para a obtenção destes resultados.

A propósito da citação do professor Manuel Sérgio "quem só sabe de futebol, de futebol nada sabe", o Treinador criou uma canção para a escola DF Grijó que, pelo acolhimento que teve, rapidamente se transformou no hino da Dragon Force.

Em 2012, na apresentação da época desportiva das cerca de 9 Escolas da Dragon Force implantadas em Portugal, estiveram aproximadamente 3 mil pessoas no Vitalis Park a assistir ao evento. O Treinador tocou e cantou, juntamente com os jogadores o hino "Tu tens o poder, do Dragão".

Mais que uma escola
Dragon Force, ensina-te a crescer
A jogar futebol, ter saúde
Cultura e lazer.

De iniciação a expert
Os níveis para aprender
Área pedagógicas
Que apoiam o teu viver

TU TENS O PODER DO DRAGÃO

Ser Dragon Force
É ter chama e ambição
É vestir de Azul e Branco
Ter o Porto no coração.

Este momento foi também destacado pelo canal televisivo *Porto Canal*, no programa semanal intitulado: *Dragon Force*.

A época de 2013-2014 tornou-se um marco para o treinador. Orientou pela primeira vez uma equipa de futebol de 11, que conquistou o 2º lugar do campeonato distrital da Associação de Futebol do Porto.

A riqueza da experiência foi marcante, o desafio muito aliciante.

O treinador percebeu de imediato que, nessa equipa, cada jogador era muito diferente do outro. Embora inicialmente apreensivo, acabou por constatar que essas diferenças permitiam que cada um fornecesse, ao jogo, contributos diferenciados enriquecendo-o desse modo.

Afinal, como refere Vitor Frade "*Uma equipa de futebol é um ecossistema capaz de congregar diferentes "espécies" de jogadores e é pela "conciliação sábia" das suas diferenças que surgem os sucessos das equipas".*

Luís Freitas Lobo completa que "existem mais de mil maneiras de ganhar ou perder um jogo. A mais educativa é aquela que respeita o talento. A mais cruel é a que ignora as boas ideias".

Para o treinador, foi necessário criar novos desafios e percursos que fizessem a sua equipa pensar e aperfeiçoar o futebol de formação, até porque este, dependia dessa necessidade de atender à pluralidade que o caracterizava, sob pena de correr o risco da uniformização e, com isto, passar a ver-se um futebol de espelhos em que se observava jogadores, jogos e jogares iguais.

A equipa de sub 15 da Dragon Force Grijó, constituída por 20 jogadores apresentou um nível exibicional em crescendo. Foi constante a preocupação de privilegiar o talento de cada jogador e expô-lo no seio da equipa, abrindo asas à construção de uma identidade e de um caráter padronizado.

A diversidade é fundamental no Futebol e pode manifestar-se de diferentes formas; pela adaptabilidade que confere aos processos de treino de formação; aos vários momentos do jogo que são em parte casuais; e também porque permite que a diversidade humana se expresse através da unicidade de cada jogador, que contudo, deve estar submetida a uma lógica coletiva, na qual participam os diferentes Eu's, que constituem a equipa.

- ✓ **Preparação e organização das épocas desportivas**

Ao longo dos 4 anos (2010 a 2014), o treinador estruturou o seu trabalho assente numa matriz metodológica administrada pelo coordenador e metodólogo da escola Dragon Force. Essa matriz possuía duas ideias base: desenvolver uma filosofia de jogo congruente com o modelo de jogo instituído no Departamento de Formação do F. C. Porto e permitir a evolução dos alunos com distintos níveis de desempenho/potencial.

O planeamento e a operacionalização cumpriram os seguintes princípios:

- ✓ Disciplina – o treinador era o responsável máximo a quem era reconhecida autoridade para prevalecer o respeito. Devia fazer valer esse mesmo direito. Todos os casos de indisciplina mereciam específica intervenção no sentido de serem corrigidos;
- ✓ Propensão - cada exercício de treino tinha uma configuração, em termos de regras, espaço, tempo e informação transmitida, que promovia o aparecimento frequente dos comportamentos específicos do Modelo de Jogo delineados para cada momento do treino;
- ✓ Densidade - o treino caracterizava-se por um alto nível de densidade motora específica, de modo a cumprir a necessária repetição sistemática e permitir aprendizagens sólidas e duradouras;
- ✓ Desafio - todas as situações de treino sofriam um ajustamento do nível de dificuldade em função do nível de capacidade dos jogadores em funções. Esse ajustamento era realizado a várias escalas: equipa, grupo e indivíduo;
- ✓ Intervenção - todo o feedback do treinador surgia no sentido de tornar o processo de treino o mais aquisitivo possível respeitando para isso o modo como a aprendizagem se processa ao nível das crianças e adolescentes.

A escola de futebol dispunha de 5 níveis nos quais cada aluno era enquadrado tendo em consideração duas referências substanciais:

1º - Idade do aluno. Por princípio, os alunos eram inseridos na turma de acordo com a faixa etária correspondente aos níveis abaixo discriminados: INICIAÇÃO: sub5 e sub6; BÁSICO: sub7 e sub8; INTERMÉDIO: sub9 e sub10; AVANÇADO: sub11 e sub12; EXPERT: sub13 e sub14.

Nota: a menção “sub” referia-se à idade que o aluno cumpria durante o ano civil em que a época termina.

2º - Capacidade de jogo do aluno: A capacidade de jogo do aluno exigia que este tivesse de ser enquadrado num nível referente a um escalão etário diferente para

uma melhor aprendizagem. Esta alteração de nível era acordada entre Treinador, Coordenador Técnico e Encarregado de Educação.

A Escola Dragon Force promovia várias formas de competição, uma vez que isso desenvolveria, na equipa, mais motivação e em certa medida permitia ao treinador avaliar mais pormenorizadamente o nível evolutivo do aluno.

Alguns exemplos disso: as competições intra-turmas - Torneios 1x1; Torneios 3x3; Torneios Fut-Volei; Torneios bola na trave; dar toques num minuto; Competições inter-turmas - Liga Básico / Intermédio/ Avançado/ Expert; Dragon Force League; Torneio Artur Baeta (em superfícies diferentes da relva sintética); Competições temáticas: Taça das Nações; Taça do Ambiente; Dragon Force Cup; Liga Universo Dragon Force; Competições da APEF – Encontros; Torneio de Abertura; Torneio de Encerramento; Competições Oficiais - Campeonatos Distritais de Escolas e Infantis e outros torneios.

Por carregar memórias de momentos marcantes da sua infância, quando, no final da escola ou à noite se encontrava com os amigos para jogar futebol, aquele em que cada jogador levava a sua bola, onde não havia árbitros, o piso feito de paralelos, as balizas os portões das casas, o Treinador propôs à Dragon Force a implementação do Futebol de rua, em Grijó.

A proposta foi bem acolhida pela organização e na planificação semanal passou a integrar um treino específico que se realizava no recinto exterior (parque de estacionamento) em piso de asfalto.

"Pôr o futebol na rua", uma expressão que apresenta um duplo sentido, não só a enfatização do Futebol de Rua como a necessidade de pôr o futebol na rua, pois este tem andado por caminhos que em nada favorecem a sua evolução e o progresso dos jogadores.

Foi uma decisão importante, na medida em que a formação deve permitir às crianças vivenciar diversos estímulos e com qualidade, para que a espontaneidade não se perca, mas de preferência se desenvolva. Hoje em dia a falta deste aspeto e a ausência de locais naturais que permitam às crianças brincar, tem prejudicado muito o futebol.

"Estava sempre a jogar à bola, era o que mais gostava de fazer com os meus amigos, e era assim que eu passava o tempo. (…) A rua era a subir, e a gente jogava aí, os autocarros passavam, os carros, as motas, e a gente metia pedras, quando passava o autocarro, a gente tirava as pedras, quando os carros passavam a gente metia, e continuávamos a jogar." (Ronaldo, 2007).

"Gosto que seja na rua porque certos automatismos não se podem treinar no campo. Se tu és maior que eu e chocarmos, irei ao solo. E quando há pedra ou

cimento, raspas-te. O que tenho de fazer é esquivar-me. Nesse momento começas a pensar em outras coisas além da bola. Na rua, a bola não rola tão bem, sai em qualquer direcção, há que utilizar uma quantidade de coisas que normalmente não usarás no campo relvado. Portanto, é algo extra que podes dar a uma criança sem cair em algo muito sério." (Cruyff, in Valdano, 2002, pp. 83/84).

As populações estão mais concentradas nas grandes cidades, e nelas não existem espaços como as ruas e baldios desimpedidos pelos carros, pela confusão, para as crianças construírem os seus "campos" improvisados, com mochilas a fazerem de balizas, os passeios ou até mesmo as paredes das casas, a indicar as linhas laterais.

As alterações que se observam nas sociedades – aumento da pressa, a falta de segurança, o desejo dos pais conferirem aos filhos uma Formação diversificada, com a intenção, à primeira vista louvável de os dotar de competências várias para enfrentarem o futuro que se afigura cada vez mais competitivo, acaba por lhes retirar tempo para as suas brincadeiras fundamentais.

Desta forma o futebol pode ter os dias contados, pois se a formação é o futuro do jogo e se "cortam" estes aspetos nela tudo perde o sentido.

A escola Dragon Force permite aos alunos a participação de 1 a 3 treinos semanais, com a duração de 1h15min, no entanto, é muito pouco para uma criança jogar futebol.

O tempo de contacto com a bola tem de ser vasto, em qualidade e quantidade. Se se desejar incutir-lhes uma cultura (tática), temos que deixar que o corpo experimente um conjunto de técnicas, que posteriormente lhes vão possibilitar responder favoravelmente em função das imposições do jogo, sem contudo, desconsiderar a sua matriz cultural.

Esta cultura apresenta em si um conjunto de princípios, comportamentos, hábitos, formas de organização e equilíbrios coletivos e, é isto que é necessário que se desenvolva ao longo do processo de criação do jogador.

Por defender esses princípios o treinador adotou uma estratégia do Ajax e passou a marcar trabalho para casa, aos jogadores. A título de exemplo – fazer fintas ao seu gato ou cão, fazer passes contra a parede, jogar com bolas de diferentes tamanhos, etc.

O que acontece em muitas das escolinhas de futebol é que centram o primado nos resultados, deixando em 2º plano a formação, prejudicando o desenvolvimento do talento individual das crianças.

Elas devem permanecer em contacto com a bola o maior tempo possível e das mais diversas maneiras e feitios, daí que seja um contra-senso quando os treinadores dos mais jovens dizem que se jogam na escola não podem jogar no clube.

É fundamental dar oportunidades às crianças para jogar, para brincar, em locais que vão ao encontro dessas mesmas necessidades. Assim, teremos um futuro melhor no futebol.

Os grandes talentos tiveram no Futebol de Rua a sua grande escola. É cada vez mais premente recuperá-lo, uma vez que a diminuição da qualidade de jogo encontra-se diretamente relacionada com a decadência do Futebol de Rua.

O trabalho desenvolvido pelo treinador na Dragon Force Grijó, ao longo de quatro anos, mereceu um Louvor por parte da Escola e Encarregados de Educação.

Este conseguiu criar uma relação de respeito, confiança e cooperação com jogadores, encarregados de educação, Escola Dragon Force (Direção e treinadores) e elementos da Associação Desportiva de Grijó.

Figura 3: Recorte de notícia "jornal Gaiense"

1.1.4 Dragon Force Valadares 2014/2016

✓ **Percurso Profissional**

Em 2014, embora o seu percurso profissional continuasse ligado à Escola Dragon Force, um novo desafio iniciou no polo do Valadares Futebol Clube.

Novamente com uma equipa de futebol de 11 a disputar o campeonato de Iniciados (sub 15) da Associação de Futebol do Porto e com três turmas com idades compreendidas entre os 4 e 7 anos, o professor renovou as suas ambições e motivações.

A equipa sub 15 conquistou o campeonato e respetiva subida de divisão, transitando da 2ª para a 1ª distrital.

Figura 4: Faixa de campeão distrital - escalão sub 15

A Escola Dragon Force era constituída por quatro departamentos: nutrição, psicologia, educação e medicina. O treinador procurou manter sempre uma ligação estreita com todos eles, como forma de se manter participativo e informado em todo o processo de desenvolvimento do aluno.

Os jogadores que apresentavam níveis de obesidade elevados e uma má conduta alimentar eram encaminhados para o departamento de nutrição de forma a verem melhorados os resultados.

A nível escolar, era monitorizado o desempenho de cada um dos jogadores e, nos casos de mau aproveitamento, convocadas, de imediato, reuniões com o encarregado de educação, para reflexão conjunta. Posteriormente, a mediadora socioeducativa reunia com o diretor de turma, de forma a conseguir-se uma solução dentro da escola de futebol Dragon Force. (*consta em Anexo 1*)

O apoio do psicólogo foi fundamental para a performance individual e coletiva da equipa.

Uma das vitórias mais importantes na carreira do treinador, em estreita articulação com o psicólogo da Dragon Force, foi a rápida recuperação de um atleta que tinha perdido a sua mãe em circunstâncias dramáticas.

A importância que o futebol tem na vida dos jovens é inquebrável, da mesma forma que o valor da palava do Treinador é basilar para os seus dias.

A forma como o treinador comunicava com os seus atletas influenciava, desde logo, a forma como estes comunicavam com o seu treinador. Atingiu a motivação dos atletas**,** a sua predisposição para treinar e a coesão da própria equipa**.**

Tal facto, encontra justificação quando se constata que a *(…) "atividade do treinador ocorre, sobretudo, num processo de atividade comunicativa, onde o treinador e os jogadores transformam os seus comportamentos, influenciando-se reciprocamente" (…)* (in Fonte, 2006).

Como estratégia, durante este trajeto, utilizou feedbacks assentes em três princípios:

- ✓ Elogiar - reforçava o que os atletas faziam bem, e, dessa forma, preparava o terreno para as sugestões/correções que se seguiam. Quando elogiado, normalmente, o jogador ficava mais recetivo à conversa seguinte;
- ✓ Sugerir - com o atleta mais recetivo, introduzia o conteúdo principal e o comportamento ou atitude que queria corrigir. Dava sugestões/correções alinhadas com o que queria que eles fizessem de diferente e não, focadas na forma como estavam a insistir no erro;
- ✓ Reforçar Globalmente – o treinador sentiu ser importante fazer comentários de apreciação global, sobre a equipa, sempre de forma justa e honesta. Focado no comportamento da equipa, nunca no indivíduo. Nas crianças e jovens as criticas individualizadas em frente ao grupo, poderiam ter conflitos desnecessários e repercussões negativas ao nível da autoestima e autoconceito.

- ✓ **Preparação e organização das épocas desportivas**

A preparação e organização das duas épocas desportivas foram apoiadas num princípio primordial, a competência.

Assente no modelo de conduta da Escola Dragon Force, o desempenho e a atitude do treinador basearam-se fundamentalmente nos seguintes requisitos:

- ✓ Lealdade Institucional - A imagem Futebol Clube do Porto e da Escola de Futebol Dragon Force prevaleceram sempre sobre todo e qualquer interesse individual do treinador, jogador ou Encarregado de Educação. Foram respeitadas as seguintes normas:

- Sigilo de toda a informação e documentação confidencial;

- Garantir o princípio da coesão interna: Atuar e comunicar sempre em defesa do Clube e da Escola; Nunca exprimir a agentes externos (alunos, encarregados de educação ou outros) discordância com as decisões do Clube e da Escola; Espírito crítico interno para produzir melhorias nos processos Dragon Force.

✓ Conhecimento do jogo - A capacidade para o treinador intervir com qualidade dependia de 3 pilares fundamentais nos quais devia investir sempre:

- Conhecimento sobre o jogo - Entender o jogo em toda a sua complexidade, como um sistema dinâmico extremamente sensível às condições iniciais;

- Ser um bom observador do jogo e dos jogadores para retirar informações relevantes;

- Perceber os aspetos culturais do envolvimento e dos jogadores para conjeturar um processo de treino específico a cada equipa;

- Conhecimentos didático-metodológicos:

- Para ser capaz de fazer o tratamento dos conteúdos e concretizar um planeamento e uma operacionalização coerentes;

- Para ter capacidade de ajustamento ao longo do processo;

- Para intervir durante e fora do treino com eficácia;

- Conhecimentos sobre as faixas etárias dos alunos:

- Para ajustar a complexidade dos conteúdos;

- Para adequar as formas de comunicação (verbais e não verbais);

✓ Capacidade de organização:

- Cumprimento rigoroso dos horários

- Credibilidade

- Apresentação permanente de um visual cuidado, que inspire confiança e o respeito que se espera sempre do FC Porto

- Cumprimento do código de vestuário estipulado para: Treinos; Jogos; Concentrações; Eventos.

Ao longo destes dois anos, o treinador registou todo o trabalho desenvolvido respeitando os indicadores vertidos no Manual da Escola e presentes no processo de treino e competição. A saber:

- Ficha de Planeamento Trimestral, (Disponível em formato digital ou suporte de papel na Escola de Futebol)

- Ficha de Registo de Treino

- Instrumento de planificação individual de cada sessão.

- Registo sumário dos conteúdos congruente com a planificação anual.

- Ficha de Registo de Presenças

- Registo diário da assiduidade da turma.

- Atualização mensal dos registos na Escola de Futebol em formato digital ou suporte de papel.

- Registo de Convocatória para Competição.

- Registo de Participação em Competição.

- Relatório de Jogo (Equipas de Competição).

No final de cada trimestre, o treinador realizava a avaliação de cada um dos seus atletas, que se traduzia na formulação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada por estes, tendo como objetivos a classificação e certificação.

A avaliação constituiu um processo regulador do ensino, orientador do percurso futebolístico e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo jogador.

Esta avaliação dava origem a uma tomada de decisão sobre a progressão, retenção ou reorientação do percurso futebolístico do jogador.

Nas equipas de competição era realizada uma reunião com cada encarregado de educação em particular, na qual o treinador comunicava a avaliação/apreciação do aluno e eram esclarecidas as dúvida.

A avaliação dos alunos assentava em 3 áreas:

- Caracterização em jogo:

- Com posse: Contemplava os momentos da organização ofensiva e da transição defesa-ataque;

- Sem posse: Contemplava os momentos da organização defensiva e da transição ataque-defesa;

- Relação com a bola

- Perfil Comportamental

- Disciplina

- Empenhamento

- Autonomia

- Relacionamento

- Assiduidade

A avaliação era referenciada ao critério, de acordo com o “Modelo de Aluno” que se expressa nos seguintes índices:

- Insatisfatório – Não manifestava a intencionalidade correcta em relação aos comportamentos pretendidos;
- Satisfatório – Alternava sistematicamente entre a intencionalidade adequada e inadequada em relação aos comportamentos pretendidos;
- Bom – Evidenciava a intencionalidade adequada na maioria dos comportamentos pretendidos;
- Muito Bom – Evidenciava a intencionalidade adequada na maioria dos comportamentos pretendidos e expressava-a com precisão e variabilidade em termos de execução;

Com base no respeito pelos princípios do modelo Dragon Force, acima descrito, o treinador estruturou o modelo de jogo para cada uma das suas equipas.

Citando Barbosa (2003), o *"conceito de Modelo arrasta consigo a existência de um responsável pela sua construção, a intenção de imaginar e implicar possíveis realidades, a importância dada a determinados aspetos que o modelador (no nosso caso o treinador) aspira e o possibilitar e fomentar de relações entres os elementos do conjunto (equipa)."*

Gomes (2006) afirma ainda que a "f*amiliarização, no treino, com uma forma de jogar e o investimento feito na mesma permite a aquisição de experiências e, através delas, a formação de memórias que possibilitarão, no jogo, a antecipação da resposta mais favorável".*

Ora, por tudo isto e uma vez que se entende o processo de treino como um processo de ensino-aprendizagem, um dos objetivos, senão mesmo o principal, "*seria proporcionar aos jogadores e à equipa, necessariamente, a possibilidade de experimentar e vivenciar no treino situações problema, de tal forma que os jogadores criassem imagens mentais que se evidenciassem como conhecimentos específicos"* (Guilherme Oliveira, 2004).

O mesmo autor completa esta sua ideia, afirmando que, entendido desta forma, o processo de treino deve criar e desenvolver nos jogadores conhecimentos específicos/imagens mentais, relativos a uma determinada forma de jogar, conjeturada pelo treinador e desenvolvida por todos.

Tal, permitia ao jogador e à equipa agir durante o jogo, perante os problemas surgidos, sempre em observação e procurando sempre o máximo acordo e compromisso com a forma de jogar da equipa.

"Escreveram-se tratados sobre estratégias e tácticas mas o jogador não é um estudante universitário, é sobretudo um prático e só passa a acreditar nesta estratégia ou naquela táctica se ela se lhe demonstra em campo." (Bella Gutman)

Conhecer o comportamento como a expressão da intencionalidade leva-nos para a essência do jogo, da aprendizagem e portanto, do processo de treino-competição. Adquirir competências para que a intencionalidade seja adequada às necessidades circunstanciais que o jogo coloca é o objetivo do treino. Fazer com que o comportamento seja eficiente é a finalidade da formação e do treino.

A Intencionalidade que se desenvolvia ao longo do processo de treino-competição não tinha de se limitar à capacidade de concretização. Era potenciada e desenvolvida através de uma intencionalidade que se transcendia para além do imediato, do resultado aparente e da vantagem circunstancial.

Deve ser no sentido de uma formação que leva os jogadores e equipa a ter uma intencionalidade coletiva que eleva a capacidade de concretização dos jogadores. Fazendo com que o jogo se assuma numa atividade sensível no desempenho intencional que devemos orientar para a vitória, sucesso mas sobretudo para a aquisição de comportamentos com sentido.

"*As emoções têm um papel decisivo na concentração e por consequência na aprendizagem, devido aos marcadores somáticos, mas também na formação das intenções inconscientes condicionando fortemente as tomadas de decisão".*
(Ferraz, 2005)

Durante os 2 anos, foi notável a colaboração, o empenho e competência de todos os intervenientes, que favoreceu fortemente a criação de laços de cooperação e de relações de respeito e reconhecimento mútuo entre jogadores, encarregados de educação, treinadores, escola Dragon Force e Valadares F. C.

Figura 5: Bola autografada pelo plantel Dragon Force Valadares - escalão Sub 15

Sub 15 do Valadares sagraram-se campeões

Pão Quente

Próxima jornada

Figura 6: Recorte de notícia "jornal Gaiense"

1.2. A Escola/Clube de Futebol e o Encarregado de Educação

"A *"relação clube-família" inclui as noções de parceria, de partilha de responsabilidades e de participação, assentes na ideia de que o sucesso de todos só é possível com a colaboração de todos, mas na maioria dos casos, a preocupação primordial centra-se nos treinadores e nos árbitros, esquecendo-se os "atores principais", enquanto razão de ser desta problemática. Ambas servem as mesmas crianças e jovens. Filhos num lado, atletas no outro, são os mesmos seres humanos. Tanto o clube como a família se preocupam com o seu bem-estar." (*F Vítor Santos, in http://www.folhadocentro.pt/envolvimento-parental-na-pratica-desportiva/).

Os pais são um fator determinante para que os atletas tenham uma evolução sustentada e alcancem o sucesso, na medida em que para além de garantirem o apoio emocional necessário, são o maior suporte financeiro e logístico. Esse apoio ocorre durante as várias fases do percurso desportivo desde a escolha, o desenvolvimento na iniciação desportiva até à participação em competições.

De uma forma geral os jogadores sentem-se muito mais empenhados e esforçados, quando os seus pais participam de uma forma ativa na sua vida desportiva.

Sempre que o encarregado de educação procura conhecer a relação do seu educando com o treinador, nomeadamente o nível de empenho, comportamento, relação/interação com os colegas e dificuldades que advém da competição, naturalmente está disposto a auxiliar o mesmo, a vencer os desafios nos treinos e jogos, abraçando medidas adicionais em casa.

Dessa forma, a performance do aluno melhora substancialmente, uma vez que existe sintonia na progressão pedagógica.

Com exemplo de boas práticas no contexto da relação de um clube com os encarregados de educação, refere-se, a título exemplificativo, os procedimentos adotados pela Escola de Futebol Panterinhas. No inicio da época desportiva a organização dá conhecimento, aos Encarregados de Educação, que o seu educando pertencerá a uma equipa de competição, o que que implica, obrigatoriamente, a participação deste em várias competições, tais como: torneios, encontros amigáveis com outras escolas, momentos lúdicos em dias festivos e especialmente, num campeonato de futebol de 7, organizado pelo Futebol Clube Perosinho.

Entre outros aspetos, apela ao forte espírito de equipa que começa, necessariamente, pela atitude dos pais - no bom senso e compreensão das decisões do treinador relativamente a convocatórias, opções e decisões nos treinos e jogos.

São apresentados os horários de treino, regras e compromissos que devem ser assumidos por uma equipa em competição, nomeadamente a responsabilidade dos Encarregados de Educação no que diz respeito ao transporte dos jogadores para treinos e jogos.

Sempre que necessário, o Encarregado de Educação reúne com o coordenador da escola e posteriormente com o treinador a fim de ver esclarecidas quaisquer questões que possam surgir. Com esta estratégia a Escola pretende que todo o tipo de observações que possam desestabilizar a equipa sejam afastadas.

Os Encarregados de Educação são, desde o inicio, alertados pelo coordenador para a possibilidade de ser proibida a entrada nos jogos do seu educando, caso a sua conduta contrarie as regras definidas pela Escola e, desta forme, possa condicionar o desempenho do jogador.

Durante o percurso do Treinador nesta organização, foi-lhe possível observar que a preocupação constante da Escola na preservação de um ambiente saudável e harmonioso entre todos de maneira a garantir as melhores condições para o desenvolvimento dos intervenientes.

É fundamental que se compreenda de uma forma clara que *"o Futebol de Formação é uma escola de jogadores de Futebol. Assim como a escola tradicional pretende dar uma formação cultural e académica aos cidadãos para que mais tarde possam vir a ser integrados na vida ativa, a escola de futebol pretende dar uma formação adequada aos jovens futebolistas, para que mais tarde possam vir a integrar as suas equipas seniores"* (Pacheco, 2001).

"A escola não é, nunca foi, nem nunca será incompatível com o desenvolvimento das capacidades dos jovens jogadores. Por esse motivo, o Futebol nunca poderá servir de pretexto para uma falha no desempenho escolar, bem como a Escola e os testes um motivo para faltar aos treinos". (A Escola Dragon Force)

MENSAGEM AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

"Muito provavelmente o seu filho ou educando sofre nesta idade da incurável "paixão pela bola" pelo que, respeitando a sua condição de criança, é importante que lhes proporcionem espaço e tempo para fruir dessa paixão sozinhos ou com os seus amigos. Dentro de casa, no pátio, na rua ou no recreio da escola, o Futebol desenvolve-se sobretudo a brincar. O treino depois para aperfeiçoar a riqueza que adquiriram brincando.

Naturalmente que todas as brincadeiras devem possuir alguns limites impostos por vós, mas que esses limites não sejam a própria brincadeira e o Futebol deles fique reduzido à PlayStation ou outro simulador da vida real.

Neste nosso investimento em sermos vossos aliados na educação dos vossos filhos ou educandos, em especial através do Futebol, queremos contribuir particularmente para a sua autonomia e sentido de responsabilidade. Para isso é importante o VOSSO ESFORÇO por conseguir que esta forma de estar e este código de conduta os faça crescer". (Escola Dragon Force)

A família necessita de ser envolvida ativamente. Compete aos clubes/escolas criar estratégias para envolver a família neste processo educativo e formativo, onde: clubes, associações, federações, autarquias, entre outros, têm um papel crucial, para que se consiga produzir um legado mais rico para o desporto e sociedade. Não há uma única forma correta de envolver os pais. Os clubes devem refletir e disponibilizar distintas formas de participação. A intensidade da convivência é essencial e deve abranger, não só regulamentos, mas também reuniões gerais e comunicação escrita, através dos canais de comunicação existentes nos dias de hoje.

É essencial e desejável, que os pais ao matricular o seu filho no futebol, compreendam qual o seu papel na vida desportiva do educando e ao mesmo tempo entendam o contexto da modalidade nessa idade específica.

É necessário ter a consciência, que muitas vezes o impacto do erro na criança será enorme, porque há um constante desejo de querer fazer tudo bem. É comum que a criança sinta que não é capaz, que comprometeu a equipa e/ou até que desiludiu os seus pais. Comportamentos como choro e silêncio tornam-se frequentes e nestes momentos, os pais podem e devem ajudar.

Não se deve dizer ao filho que agiu bem, porque ele sabe que falhou, mas sim encorajá-lo para continuar, fazendo-o perceber que haverão outras oportunidades para ele demonstrar as suas capacidades.

Os pais encorajadores, que raramente lamentem ou que tenham a sensibilidade de não estar constantemente a corrigir os erros cometidos pelos filhos são dignos de louvor.

Em contexto de jogo é possível observar, regularmente, a expressão frustrada dos pais face aos erros do filho. É tão obsessivo o seu foco nas falhas que não lhes permite dar a devida e correta atenção à evolução que os jogadores demonstram.

É importante que os pais tenham a noção das qualidades e das fragilidades técnicas dos filhos, assumindo com clareza e naturalidade o facto de outras crianças da mesma idade ou até mais novas, jogarem com maior habilidade.

Inscrever o educando numa atividade é acreditar que o mesmo vai aprender e evoluir com o treino. É ter a humildade de entregar ao treinador a responsabilidade de conduzir todo o processo que permita no final do ano letivo perceber se há evolução ou não.

Contudo, não é aconselhável que os pais se distanciem, bem pelo contrário, devem ser figuras presentes, sempre que possível e/ou necessário dialogar com o treinador, mostrar total confiança no trabalho desenvolvido e até, tentar compreender de que forma deve encarar a vida desportiva do filho.

Como exemplo: entender que deve haver tolerância com o erro; a importância que é dada à vitória; o feedback positivo às pequenas demonstrações de evolução que o filho vai exibindo.

Os pais, têm de adotar uma postura de desportista, mantendo um relação saudável com árbitros, colegas, treinadores e adversários.

Na eventualidade de não marcar presença em todos os momentos da atividade desportiva, é fulcral que os encarregados de educação mantenham o interesse e atenção no crescimento do educando.

Encarregados de Educação: Se no treino dos vossos filhos, assistirem a exercícios distintos, dirigidos a grupos de crianças com níveis de desempenho diferenciados, não censurem, nem se surpreendam. Se observarem este tipo de prática, a competência do treino está assegurada, pois estão perante um treinador habilitado, diligente e zeloso pelo desenvolvimento dos seus atletas.

Aceitem este procedimento não como um ato discriminatório com o intuito de beneficiar uns em prol de outros mas, como a melhor forma de ajudar todas as crianças a desenvolverem as suas aptidões, assumindo sempre a premissa que não há nada mais injusto e ingrato do que tratar igual, pessoas com níveis de execução desnivelados.

Antes de inscreverem o educando numa escola de futebol, os encarregados de educação devem ter em consideração alguns aspetos e colocar a si mesmo, as seguintes questões: (adaptado de Smoll, 1992)

1º - É capaz de confiar o seu filho ao treinador?

Isso implica:

- Aceitar a autoridade do treinador;
- Aceitar que o seu filho sinta admiração pelo treinador;
- Conversar abertamente com o treinador no caso de discordar dele;

2º - É capaz de admitir as suas limitações?

Isso implica:

- Aceitar que não sabe tudo e ser capaz de o dizer ao seu filho;

3º - É capaz de aceitar os triunfos do seu filho?

Isso implica:

- Manifestar de forma clara o seu apoio ao seu filho, quando este sente que ganhou algo;

- Demonstrar agrado pela melhoria das competências, capacidades físicas e técnicas do seu filho e não apenas pelas eventuais vitórias obtidas por ele.

4º- É capaz de aceitar as frustrações do seu filho?

Isso implica:

- Não se sentir confundido, envergonhado ou zangado com as derrotas do seu filho;

- Transmitir ao seu filho que quer ele perca ou ganhe, continua a gostar dele e não está desiludido devido ao rendimento desportivo.

5º - É capaz de demonstrar auto controlo ao seu filho?

Isso implica:

- Objetividade, calma e ponderação na forma como se relaciona com ele;

- Não se descontrolar emocionalmente nas competições (ex. gritar com os atletas, treinador ou dirigentes).

6º - É capaz de dedicar algum tempo ao seu filho?

Isso implica:

- Questionar, demonstrar interesse nas actividades que o seu filho desenvolve no clube;

- Presenciar pelo menos de vez em quando os treinos e competições do seu filho;

7º - É capaz de aceitar as decisões do seu filho?

Isso implica:

- Abertura à discussão de ideias e propostas apresentadas pelo seu filho.

Na reflexão destas matérias, por se considerarem práticas com relevantes resultados na mediação da relação clubes – pais, parece importante conhecer a linha estratégica e orientadora das Escolas Valencianas que defendem: "OS PAIS SÃO UM DOS PERIGOS DO FUTEBOL DE BASE".

As escolas Valencianas tomam diferentes medidas para travar a enorme pressão que os progenitores, em certas ocasiões, exercem sobre os seus filhos, os treinadores e os árbitros.

As escolas de futebol começaram a "*estreitar*" o grande problema do futebol de 8: proibir a entrada dos pais agressivos e dos que pressionam os seus filhos nos campos de futebol. Responsáveis de clubes Valencianos explicam as políticas para manter longe dos campos de jogo, estes elementos que corrompem as crianças.

"*Cheguei a ver uma criança a lançar a bola para fora e ir insultar o seu pai à beira do relvado*". A frase é de um treinador de futebol de 8, do desporto base mais popular na comunidade Valenciana.

O futebol é o desporto que mais paixões desperta pelo excesso de protagonismo de uma alta percentagem de pais, um elemento muito perigoso quando ultrapassa a fronteira que estabelece o senso comum.

Infelizmente são recorrentes os insultos aos árbitros, aos rivais, pressão sobre os filhos durante os jogos, discussões com treinadores e, até guerras com outros progenitores das equipas contrárias. São os pais "hooligans", uma espécie em crescimento.

Algumas escolas decidiram debelar este problema proibindo a entrada de pais polémicos e, em casos extremos, afastar os seus filhos. Alguns, como o Torrefiel, foram ainda mais longe: "*proibimos as zonas atrás das balizas e a zona dos bancos para os obrigar a ficar nas laterais, onde menos poder de influência têm sobre os filhos explica Rafael Moreno director da escola. "Nós sancionamos directamente a criança para que o pai ou mãe se apercebam dos danos que estão a provocar*", adianta.

Existem três perfis de pais que corrompem o futebol de base: "*o pai treinador, o pai agressivo e no outro extremo, o que lhe passa tudo ao lado".* Quem o diz é José Giuli, coordenador de futebol em Alevines Alborais, uma das escolas mais competitivas do panorama autónomo. "*Estou há 18 anos em Alevines e tudo isto se converteu numa loucura. Entramos num jogo em que todos queremos ter as melhores equipas e isso não é bom para ninguém. Mas aos pais sempre lhes dizemos que têm de entender que isto é futebol de formação. Que têm de jogar todos os intervenientes, que os árbitros são humanos e que não podemos enlouquecer. Isto faz parte da educação dos nossos filhos e que tudo o que vêm, absorvem*" explica Giuli.

Como outros coordenadores reprova especialmente os impropérios aos árbitros. "*Estão em fase de formação, são jovens que estão a aprender e são submetidos a muita pressão. Se criticassem de forma igual alguns jogadores*…"

Ivan coordenador do Massanassa e professor do curso de treinadores formulou, num exame para futuros técnicos, a seguinte proposta: "*acrescenta uma ideia*

inovadora que sirva para mudar a visão do futebol actual". Para sua satisfação, "*uns pediram a figura de um responsável para controlar essa área nos clubes, outros propunham o direito de admissão da escola*".

A maioria das escolas tem a sua política interna para lidar com o assunto: reuniões anuais ou trimestrais para esclarecer as normas, que passam, pela proibição da violência verbal (e obviamente física) e intromissão no desenvolvimento do jogo e por assegurar a independência do treinador, muitas vezes pressionado por qualquer pai que acredita ter um Messi em casa.

O Nazaret erradicou o problema. Hoje os jogos são tranquilos graças ao empenho do presidente da sua escola, Felipe Useros.

"Quando um pai se torna mal-educado, simplesmente é expulso. Há uma criança que não vai jogar. É muito aborrecido, mas é o melhor para todos por vezes é necessário dar-lhes uma lição", afirma.

A titulo de exemplo, a escola de São José, tem um departamento de psicologia responsável por mediar e gerir o comportamento das criança e dos pais, e realiza quatro reuniões anuais para sensibilizá-los para o cumprimento das normas. Às terças-feiras reúne o departamento de jogo limpo, "*os pais sabem as sanções a que se expõem, que são: não poderem entrar nem nos jogos nem em treinos. E cumprem!" "O mais difícil é com os guarda-redes, já que muitos pais se colocam por trás da baliza para lhes dar instruções provocando-lhe muita ansiedade"*, explica Ricardo Tomás, responsável de futebol de 8.

Para evitar conflitos, o São José impede que os treinadores estejam incluídos no grupo de redes sociais da equipa. Qualquer queixa/sugestão tem de ser feita em privado.

O Evangélico, clube modesto de Torrent, não tem psicólogo, mas sim um outdoor, perto do campo a modo de lembrar o bom comportamento que os pais devem ter. *"Não me grites; não percas a calma; não grites com o treinador; respeita o árbitro; diverte-te a ver-me jogar; os rivais, são crianças como eu; isto é só um jogo; pensa que sempre darei o melhor de mim; deixa-me ser uma criança."*

(Fonte: www.levante-emv.com)

1.3. O Treinador e o Jovem Jogador

"*Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão dalgum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; apender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e, finalmente aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes*". (Delors, 1996)

Uma boa relação pedagógica, apoiada no diálogo, na tolerância e na partilha de saberes logrará contribuir para a aquisição de valores que permitem viver em sociedade.

A enorme força dos professores/treinadores está no padrão de pessoa responsável, honesta e coerente que apresentam, no reconhecimento dos seus próprios erros, transmitindo assim aos alunos o que é ter sentido de justiça.

Para Bayer (1987) é crucial que o educador "*proporcione aos praticantes os meios para que estejam motivados, ao mesmo tempo que adquirem e desenvolvem qualidades".*

Costa (2006) assegura, "*a mensagem do treinador no trato diário com os praticantes deve ser uma mensagem humanista, que se afaste do obscuro pragmatismo que caracteriza o mundo contemporâneo e que timbra com contornos muito fortes a educação dos jovens, cujos reflexos ainda estão por determinar no seu impacto futuro".*

O mesmo autor afirma ainda que "a *presença do treinador durante o treino dá um contributo enorme para o entendimento da atividade como uma parcela da formação do caráter".*

O treinador procurou que a sua postura nos vários momentos do treino contribuísse de forma decisiva para a modelação do caráter e da personalidade dos jogadores.

Com jogadores de faixas etárias diversificadas, especialmente entre os 4 e 14 anos, foi necessário dar relevo aos aspetos afetivos da interação, ora no carinho demonstrado pelos atletas, ora na satisfação manifestada pelo treinador na orientação da atividade.

Araújo (1994) afirma que ser treinador exige um "*conhecimento multidisciplinar e qualidades imprescindíveis tais como: saber/conhecimento; habilidade para ensinar; qualidades próprias; trabalhar em equipa e criar clima de sucesso".*

Os primeiros treinos de cada época desportiva, foram primordiais para a relação treinador-jogador. Neste período foi inequívoca a sensibilidade que o treinador revelou na forma como fez passar as várias informações inerentes a uma equipa de futebol, como: disciplina, regras, trabalho de equipa, respeito pelo colega e material da escola, mereceram uma rápida absorção por parte de cada jogador.

Dessa forma, é de enaltecer o facto de nestes 9 anos nunca ter havido um momento grave de indisciplina entre treinador-jogador.

Existiu uma constante preocupação em recorrer ao elogio pelo esforço e empenho demonstrados, pelas conquistas, bem como uma especial atenção para aqueles que evidenciaram mais dificuldades em interagir e participar.

Consciente que a competitividade dentro da equipa, podia criar nos jogadores menos habilidosos sensações desagradáveis e desmotivação em relação ao futebol, o treinador procurou criar estratégias de motivação e ensino, ajustando os exercícios ao nível de cada jogador.

Foi fundamental para o sucesso das equipas a prevenção de processos de exclusão e descriminação entre os jogadores.

Nem todos os jogadores possuem o dom e talento para terem sucesso imediato no futebol. Por exemplo, alguns jogadores só conseguem correr e ao mesmo tempo conduzir a bola junto ao pé sem tropeçar, ao fim de vários treinos, enquanto outros adquirem mais rápido essa habilidade. Esta situação podia ser suficiente para que dentro de uma equipa se criasse um clima deplorável.

Desta forma e convicto do sucesso da estratégia, o treinador louvava os jogadores vitimas de gozo e descriminação, envolvendo-os como protagonistas das dinâmicas positivas do treino. Durante a execução de jogos, atribuiu a esses jogadores, funções de liderança e fazia depender deles o destino dos colegas, concedendo-lhes um protagonismo afirmativo que regularmente não desfrutavam.

O futebol é muitas vezes um jogo de sentimentos. Aquilo que faz mover a bola é a paixão com que todos se entregam!

Durante os 9 anos o treinador promoveu essa paixão e sensibilizou os seus jogadores para o prazer em jogar futebol.

Os jovens jogadores sentiam que podiam confiar no mister, pois ele era a pessoa disponível para os ajudar a evoluir, para os motivar quando as ações não tinham resultados positivos.

Relembrava reiteradamente que o futebol tem regras limitativas, por vezes chega a ser cruel, injusto, tem fases negativas, decisões difíceis de tomar, objetivos a alcançar, e assente numa base de amizade sólida, nunca houve incompreensão dos atletas.

O treinador relembra que, ao longo do seu percurso profissional, existiram várias fases difíceis, nas quais os grandes problemas foram sempre criados pelos encarregados de educação.

Não existiu nenhuma vitória mais saborosa que sentir os atletas felizes, chegar ao treino e ver todos com um enorme sorriso no rosto, é possivelmente o maior sinal que se vai no caminho certo.

A todas as crianças foi dado o direito de jogar futebol, sempre enquadradas em contextos que correspondessem às suas potencialidades.

A nenhuma foi vedada a participação, por ínfima que seja, no contexto competitivo. É factual que só se aprende algo, fazendo. Logo, só se aprende a jogar futebol, jogando. Porém, o treinador entendia que não fazia sentido expor a criança à competição quando esta, a única ação que fazia era correr sem conseguir tocar na bola. O nível de frustração era tão elevado que corria-se o risco do abandono precoce.

Não é demais referir que a esmagadora maioria das crianças que iniciam o futebol, jamais logrará ser futebolista profissional. Todavia, todas serão futuros cidadãos.

O treinador entendia que o compromisso de treinar bem, ter disciplina, educação e empenho eram características essenciais para poder participar na competição. Se o jogador pensasse que a participação no jogo estava conseguida de qualquer forma, então, o mais aconselhável seria procurar outra atividade.

1.4. O Treinador e o Encarregado de Educação

No futebol há coisas importantes e coisas interessantes.
Entre as importantes, a mais importante, está por exemplo,
em ter a cabeça aberta para a aprendizagem.
Menotti (s/d in Frade, 2006)

Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros, representa hoje em dia um grande desafio para qualquer escola e neste caso concreto clube de futebol.

Através do compromisso, sensibilidade, discernimento, dos valores fundamentais da educação é possível uma gestão e resolução de conflitos de uma forma pacífica e sem violência.

Para poder decidir por si mesmo e saber como agir nas diferentes circunstâncias da vida, todo o ser humano deve ser organizado, especialmente graças à educação que arrecada em casa ou na escola, para produzir pensamentos autónomos, críticos e, para manifestar os seus próprios juízos de valor.

Com vista a conhecer, com maior rigor, as características individuais de cada jogador da escola Panterinhas Boavista F. C. da "equipa 2000" e consequentemente dos encarregados de educação - uma vez que estes seriam parte integrante e importante no processo de formação dos educandos – foi importante observar/avaliar a atitude, performance e comportamentos dos jogadores e identificar os encarregados de educação mais problemáticos.

A proximidade com que os encarregados de educação estavam do espaço de treino foi um obstáculo para a concretização dos objetivos de equipa que o treinador propunha atingir.

A constante intromissão, o excesso de protecionismo, a frustração manifestada pelos pais sempre que o seu educando não marcava golo ou não executava com perfeição o exercício, deixava o treinador apreensivo. Este, compreendia a importância, para o jogador, de sentir por perto o pai ou mãe, contudo, considerava ser bastante prejudicial a constante distração que a presença deles provocava.

Carlos Neto professor e investigador da Faculdade de motricidade humana, em Lisboa, trabalha com crianças há mais de 40 anos e há uma coisa que o preocupa: "*a falta de autonomia dada pelos pais às crianças e a ausência de tempo para elas brincarem livremente".*

O autor defende que "*as crianças saudáveis eram as que tinham os joelhos esfolados". Hoje, acha que os joelhos já não estão esfolados, mas a cabeça sim, por não terem tempo para brincar livremente."*

O autor afirma ainda que, "*Brincar não é só jogar com brinquedos, brincar é o corpo estar em confronto com a natureza, em confronto com o risco e com o imprevisível, com a aventura".*

As crianças que hoje o mesmo autor apelida de "totós", são definidas como: "*superprotegidas, crianças que não têm tempo suficiente para brincar e crianças que não têm espaço para exprimir o que são os seus desejos. O primeiro desejo da criança é o dispêndio de energia, é brincar livre e com os outros, mesmo que muitas vezes em confronto".*

Vive-se uma época de facilitismos, em que a generalidade dos progenitores somente produzem uma parte do seu trabalho, mimar.

Praticamente todos os pais desejam oferecer o melhor aos seus filhos, contudo por momentos descuram a transmissão do mais relevante, valores e ética.

Como é natural, a missão primária na educação cabe aos pais no entanto, não raras vezes, o treinador assumiu esse papel. Em alguns momentos, no desempenho das suas funções, o treinador viu-se obrigado, por variadas circunstâncias, a preterir o trabalho prático (treino) em função da necessidade de relevar aspectos mais teóricos, como a sensibilização da equipa para determinados temas, designadamente para a cidadania.

No futebol o mais importante é o Homem, sem este, a modalidade não é executada.

A relevância com que o treinador envolvia cada um dos jogadores no seu modelo de treino, nem sempre era compreendida pelos encarregados de educação.

Ao longo do seu percurso profissional, o treinador, conviveu com uma tipologia de pais a quem passou a designar de "pais treinadores". Esta "Nova" classe geralmente não deixava de assistir a qualquer jogo, por momentos, substituía o treinador, registava notas técnicas e estatísticas, cronometrava o tempo de jogo do filho, filmava as partes-chave do jogo, dava ordens, vivia o jogo com tal energia que não evitava nenhum pormenor.

As razões para tal comportamento são óbvias, convencia-se que o filho era um diamante em bruto, uma futura estrela do futebol.

Rejeitava entender que as crianças adoravam jogar à bola, gostavam de estar em equipa, com os amigos e, que a diversão, nestas idades e escalões de formação é o fundamental.

Não consentia qualquer falha na educação desportiva do filho, este, que até fazia tudo bem, muito melhor que qualquer colega. Quando algo corria mal o erro era sempre atribuído ao clube, à estrutura técnica ou à organização.

O educando, pela sua idade, imaturidade e inocência, sofria os efeitos destas atitudes, acabando por não compreender as "vergonhas" que o encarregado de educação o fazia passar.

Perante a forma de estar desta tipologia de pais, as crianças dificilmente evoluem adequadamente, a maior probabilidade é tornarem-se mimadas e ignoradas pela equipa, deixando o futebol de forma precoce para praticar outra atividade.

Felizmente ao lado destes "pais treinadores" também se encontravam os encarregados de educação conscientes, educados e sensatos. Pessoas a quem se deve um merecido louvor, uma vez que, auxiliavam os filhos, cuidavam dos transportes e viagens, lanches, equipamentos, incentivavam o seu filho e restante grupo, davam motivação e segurança, não criavam pressão.

Eram pessoas com sensibilidade, que aceitavam as decisões técnicas, táticas e disciplinares do treinador. Sempre que sugeriam um pedido de esclarecimento, faziam-no em lugares apropriados através do diretor, coordenador e por último o treinador.

No fundo eram indivíduos que estimavam o desporto que os filhos praticavam.

"As crianças são como uma esponja com alto poder de absorção, sentidos apurados, capazes de perceber as mais subtis mensagens transmitidas pelo nosso comportamento e ações descuidadas" (Paulo Vaz 2017)

O mesmo autor afirma que *"uma das finalidades essênciais da educação é fazer com que a criança de hoje e consequentemente, o homem de amanhã, seja um ser humano consciente, educado, com princípios e civilizado*".

O treinador considera que, na Escola Boavista, era mais notória a falta de civismo por parte de alguns encarregados de educação. Atribui esse comportamento ao facto de não serem realizadas reuniões periódicas. Várias vezes o treinador teve de recorrer à sua sensibilidade, educação e caráter para que os problemas fossem resolvidos com prudência.

Ao longo dos seis anos de trabalho na Dragon Force, o treinador sentiu mais protecionismo e rigor por parte da escola. O responsável operacional acautelava os pais para comportamentos prejudiciais que punham em causa o bom funcionamento da escola.

Eram proibidas as críticas sem um fundo construtivo e ético. Sempre que necessário, o coordenador da escola, reunia com o encarregado de educação e tomava medidas punitivas de acordo com o regulamento da escola, nomeadamente a proibição de assistir aos jogos dos filhos. Conforme a gravidade da situação, o castigo poderia estender-se aos treinos: o jogador podia não ser convocado e, no limite, ser convidado a abandonar a escola.

Expõe-se de seguida, experiências vividas durante os 9 anos na relação treinador-encarregado de educação:

2008

Encarregado de Educação – interpelou o treinador, pelo facto do filho estar a treinar num grupo cujos colegas são menos capacitados tecnicamente e tacticamente. Entendia o EE, que assim o filho não conseguia evoluir.

Treinador – explicou que a equipa não era homogénea e para o ensino aprendizagem ter maior êxito era conveniente dividi-la em dois níveis.

O educando estava naquele grupo porque revelava dificuldades ao nível técnico e em termos emocionais encontrava-se bastante frágil, especialmente a lidar com o insucesso. Assim, entendeu-se dar mais liberdade de ação, permitir que o jogador junto de colegas do mesmo nível, se relacionasse mais tempo com a bola e assim, desenvolvesse as suas capacidades estando o sucesso na execução muito mais próximo.

Continuou a defender o seu lado pedagógico e aos poucos quando sentia que poderia haver alguma percentagem de sucesso na execução dos exercícios com o grupo mais apto, integrou-o. Porém, a insistência no ensino aprendizagem gradual era fundamental para a evolução do aluno que à data tinha 7 anos.

Hoje, com 16 anos integra uma equipa de competição do F.C.Porto.

2009

Encarregado de Educação - Após a substituição do seu educando, o pai bastante indignado chama pelo filho para que este abandone o banco e venha para junto de si na bancada.

Treinador – numa fase do jogo em que estava perto do seu final, com uma vantagem mínima no marcador, o treinador entendeu substituir o jogador, pois este já revelava demasiado cansaço. O aluno entendeu perfeitamente, cumprimentou-o e sentou-se perto dos colegas. Quando ouviu o pai, perguntou ao treinador algo intimidado se podia ir ao encontro dele. Para não criar uma situação de maior desconforto para o menino, o mister autorizou.

Mais tarde, o Encarregado de Educação, dirigiu-se ao treinador e bem mais calmo, pediu desculpas pelo seu ato irrefletido e que se sentia envergonhado.

2009

Encarregado de Educação – Por motivo de substituição do seu educando no jogo, o pai muito exaltado faz uma espera ao treinador e pede-lhe explicações.

Treinador – explica ao pai que o seu educando foi substituído porque estava com uma respiração ofegante.

Uma vez que o mesmo, tinha problemas de asma, havendo inclusive a necessidade de ter por perto a bomba, o treinador teve a sensibilidade de fazer descansar o jogador.

O pai não aceitou, queria que mesmo assim o educando estivesse em campo para marcar golos. Disse que já tinha levado o filho ao médico e que estava tudo bem com ele.

A mãe do educando teve uma atitude exemplar e de profunda compreensão, agradecendo a postura e cuidado do treinador. Pediu desculpa pelo comportamento do marido, justificando que este fica muito nervoso ao ver futebol, em especial o filho.

2012

Encarregado de Educação – posicionado na bancada de forma estratégica a dar indicações ao educando.

Treinador – foi forçado a colocar o jogador a jogar no lado contrário ao pai, uma vez que o rendimento dele estava a ser nulo.

2014

Encarregado de Educação – está constantemente a criticar o árbitro e um jogador da própria equipa.

Treinador – dá ânimo ao jogador em causa e este, durante o desafio foi melhorando a sua prestação., marcando inclusive 1 golo.

Por coincidência, a equipa sofre um golo devido a uma falha por parte do filho do pai em questão.

2015

Encarregado de Educação – grande confusão e agressões entre encarregados de educação durante um jogo da equipa.

Treinador – reúne a equipa no meio campo e juntamente com o treinador da equipa adversária, dirigem-se, numa fase mais calma à bancada e, ameaçam acabar o jogo se tais comportamentos voltassem a repetir.

Os Encarregados de Educação devem procurar perceber que o educando é apenas mais um elemento de uma equipa, ele não é único, não é indispensável, não é o melhor, é apenas mais um.

Não devem transferir para as crianças os anseios e ou desilusões. Ao invés, são os pais quem melhor conhecem os medos e receios, os que falam diariamente, que acarinham, ou que simplesmente os ouvem.

Devem ter uma postura de firmeza e controlo sobre os seus medos, ajudando-os a superar as frustrações.

Promover sempre os valores fundamentais para o desporto ético e conduta desportiva. Elevar o convívio em grupo, o fair play, a cooperação. Compreender que a concorrência é uma parte fundamental em todos os desportos, devendo relativizar a oposição, essa fica dentro do campo.

Banir a violência no jogo, atitudes agressivas, o incumprimento das regras. Que vantagem traz à formação, se ganhar o jogo não esteve em sintonia com o cumprimento das regras. Que mensagem é esta que se passa às crianças?!

O apoio, o incentivo, a motivação, são as boas práticas que devem estar sempre presentes no desporto, especialmente nas alturas difíceis que o educando atravessar.

Porém, não se pode misturar isso, com o resolver dos problemas, uma vez que a criança ao ser confrontada com as dificuldades deve ser capaz de as encarar, crescer, amadurecer e preparar-se para a vida.

Hoje, muitos são os jovens que alimentam a ideia de que se pode ter sucesso facilmente, ganhar muito dinheiro e ser famoso, bastando saber dar uns toques na bola. Cabe ao encarregado de educação desmistificar essa atitude e ampliar uma visão educativa de valores positivos e reais, onde só espírito do trabalho e dedicação máxima pode levar à conquista de algo.

Valorizar e estimular o educando é muito importante para que este se sinta confiante e competente. Deve ser controlada a forma rígida e depreciativa com que muitas vezes se aborda as execuções do jogador, evitando uma excessiva pressão que em nada ajuda na sua formação. Destacar a melhoria pessoal e coletiva, não apenas o resultado, este é o que menos importa.

Os árbitros, os treinadores, as outras equipas, são fundamentais para a realização do desporto. Não devem ser feitos juízos de valor precipitados sobre a prestação deles; é importante criar uma ocasião mais tranquila e interessante para conversar, em casa ou noutro espaço que não seja no momento do jogo.

O insulto aos intervenientes no jogo, nunca é um bom exemplo para o crescimento e desenvolvimento sustentável do educando.

A este propósito (Smoll, 1992) descreveu cinco perfis típicos de pais que habitualmente se encontra o futebol, a saber:

- Pais desinteressados, cuja característica fundamental é a ausência de todas as actividades relacionadas com prática desportiva. O autor sugere que estes pais sejam

encorajados a envolver-se na atividade desportiva, colocando de parte eventuais preconceitos relativamente ao seu afastamento. Por vezes, os pais podem ter boas razões para a sua ausência (ex: excesso de trabalho, doença, etc.) e as explicações e sensibilização sobre a sua importância na prática desportiva podem levá-los a mudarem o seu comportamento.

- Pais excessivamente críticos, que se caracterizam pela punição e repreensão frequente. O autor sugere a importância da explicação dos efeitos negativos desta atitude para com a criança ou jovem, nomeadamente ao nível do stress e confusão emocional.

- Pais descontrolados na assistência, sentando-se muitas vezes atrás do "banco" de suplentes. Neste caso, é importante que o treinador não entre em discussões com a mesma "intensidade" do pai, adotando uma atitude de calma, tato e ponderação e, em privado chame a atenção para o facto do seu comportamento não ser um bom exemplo para os jovens atletas.

- Pais "treinadores de bancada", cuja caraterística principal é o facto de estarem sobre o banco a dar sugestões aos atletas da equipa, podendo mesmo contradizer as instruções dadas pelo treinador. Uma vez mais, é importante que o treinador apresente calma e ponderação na forma como aborda esses pais, chamando a atenção para os problemas de comunicação que coloca aos atletas. Os próprios atletas devem ser alertados para este tipo de situação antes das competições por parte do treinador, de modo a evitar as contradições nas instruções dadas.

- Pais super-protetores, sendo este papel assumido mais pelas mães do que pelo pai. Normalmente caracterizam-se pelos comentários angustiados acerca dos perigos da competição e treino do atleta e ameaçam frequentemente retirá-lo da atividade desportiva O aspeto mais importante no trabalho com estes pais é sensibilizá-los para o facto do desporto ser uma atividade segura, existindo regras que asseguram o desenrolar normal da atividade e o facto do próprio atleta, ao tornar-se mais experiente também aprender a lidar melhor com os riscos naturais do exercício físico.

A presença dos pais nos campos de futebol é primordial, sempre que seja com o intuito de ajudar, dar bons exemplos, ter desportivismo, incentivar, enaltecer e motivar os participantes.

A alegria e boa disposição nos campos de futebol é urgente para que o futebol de formação não caia em desgraça total e o abandono precoce de jogadores, árbitros, dirigentes e treinadores não seja uma realidade.

1.5. O Jovem Jogador e o Encarregado de Educação

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.
Mas isso (tristes de nós, que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender.
Fernando Pessoa (1974)

Uma mensagem bastante marcante e elucidativa de como vivem muitas crianças o futebol de formação foi registada no portal Futebol de Formação.

O treinador vivenciou situações idênticas às descritas nestas cartas de um menino para o seu pai.

"Querido papá, seguramente esta carta tem alguns erros, porque continuo a confundir o "s" com o "c" e não me lembro da acentuação, mas sei como se escreve FUTEBOL…portanto vais entender-me.

Quero que saibas que adoro que me acompanhes todos os fins de semanas aos jogos e que me leves aos treinos durante a semana, que saibas que te sinto próximo por todas estas coisas que fazes por mim.

Quero que saibas que te amo muito….

Mas também quero que saibas que há coisas que não faço, porque não sei fazê-las, não porque não queira. Porque sou um menino do papá. Por tal me engano. Porque sou uma criança.

Sabes Papá? Não te chateies, mas… não gosto que me grites da bancada. Envergonha-me que me digas o que tenho de fazer diante dos meus colegas.

Não gosto que o meu treinador ouça os teus gritos, ele já me disse o que tenho de fazer nos treinos. Também não gosto que grites para o árbitro, ele não me fez nada…. E se me tivesse feito alguma coisa….. não o insultes em meu nome, porque eu não o insultaria.

Quero que todos os meus colegas joguem, inclusive os que jogam menos que eu. Não gosto que te chateies quando me substituem. Os que entram no meu lugar são meus amigos e somos uma equipa.

Isto é um jogo papá, quero divertir-me. A sério que tu sabias fazer tudo o que agora me pedes? É verdade que conseguias chutar com as duas pernas? Eras mesmo tão bom jogador como me dizes?

Eu sei que nunca me mentiste, portanto quero que recordes estas manhas de fim de semana quando eras criança e que te coloques no meu lugar. Eu sei que me amas como ninguém, mas por vezes tanto amor magoa, papá. Eu não quis falhar o golo. Eu quis marca-lo… mas não soube.

Lembraste do Paulo? O meu amigo faz natação. Contou-me que os pais não gritam quando nada porque ele não pode ouvi-los debaixo de água. Contou-me também que o que diz o árbitro não se discute, que ninguém diz ao árbitro que está a roubar alguém, e contou-me também que aplaudem muito o nadador que chega em último lugar e que ninguém pode sair da água enquanto esse último nadador não chega.

E o João – que joga rugby – contou-me que quando terminam o segundo tempo começa o terceiro e juntam-se todas as equipes, cantam e festejam. Dizem que no primeiro e segundo tempo se preparam para ser jogadores de rugby e no terceiro tempo para serem homens de rugby. E o Pedro que joga basquetebol diz que….

Não, eu não quero mudar de desporto, quero jogar futebol, porque o futebol é o melhor desporto que existe, papá. Mas quero ter o direito de não ser campeão, o direito de não ter de salvar a situação financeira da minha família através de um contrato futebolístico, o direito de não me chamarem de maricas se não devolvo uma canelada, o direito a não ser uma futura estrela de televisão, o direito a que não chamem ao meu colega de "menina" porque chora num determinado jogo.

"Ainda somos crianças papá"

Quero que te recordes de que nunca me perguntaste que desporto gostaria de praticar… mais ainda, nem sequer me perguntaste se queria praticar algum desporto. Ofereceste-me uma bola e uma camisola do teu clube quando comecei a andar e deste por assumido que eu gostava de futebol…. Está bem, não te preocupes, claro que eu gosto de futebol, não falhaste papá, é o melhor de todos os desportos.

Mas quero que saibas que há manhãs que não me apetece levantar-me, que às vezes estou cansado, que não me ensinaram a fazer tudo o que sabem fazer os grandes, não tiveram tempo ainda de me ensinar.

Quero que saibas que não sou um homem pequeno, sou uma criança a jogar um jogo de crianças. E acima de todas as coisas…quero continuar a jogar futebol e a ter-te sempre ao meu lado para me levares a todos os campos, até ao dia que comece a levar-te eu.

Porque apesar de tudo o que te contei nesta carta, o futebol e tu, são das melhores coisas que me aconteceram na vida…"

A tomada de consciência por parte do Encarregado de Educação sobre os seus atos, urge ser fundamental para que o educando não tenha uma infância infeliz.

Cada vez mais cedo os jovens deixam de se divertir, devido à pressão a que os sujeitam, por parte de diversos fatores onde os pais encabeçam a lista.

Desde a obtenção de resultados, à crítica constante à sua equipa, aos seus treinadores e à sua própria performance. O treino, deixou de ser uma hora de diversão e, está sujeito a essa pressão constante e negativa. A mesma leva na maior parte das vezes ao desgaste de todos os intervenientes e o perigo de abandono precoce da modalidade está hoje nos seus índices mais elevados.

Um outro exemplo:

"Olá Pai e Mãe.

Eu e os meus amigos falamos frequentemente de vocês, Pais!

Sempre adorastes que fossemos desportistas e se não quiséssemos sê-lo, seguramente arranjariam maneira de nos convencer. Passámos por várias etapas na nossa educação:

- *A primeira etapa quando o vosso desejo era que fossemos campeões e ganhássemos muito dinheiro.*

- *A segunda etapa é a descoberta de uma estrela: "Tens talento!", "Podes ser campeão!"; Também a das afirmações: "ouve o que eu digo, que eu sei disto", "hoje ganhamos de certeza".*

- *A terceira etapa é a da decepção, a menos que sejamos um Cristiano Ronaldo ou um Messi. Apercebeis-vos que não somos nenhuns "monstros da bola" e rejeitais-nos como desportistas de alto nível.*

Comento com os meus amigos da quantidade de pais que encontramos, em cada jogo que disputamos, nos campos distritais todos os fins de semana. Muitos exemplos e várias classes de pais:

- *Pais indiferentes: que nada sabem dos seus filhos, que pouco se preocupam, que não lhes perguntam nada, por falta de interesse ou porque estão embrenhados nos seus próprios problemas ou negócios.*

- *Pais super-protectores: chatos, invasivos, que pressionam. "Gosto tanto dele que o como em abraços" (sem querer asfixiam-nos!).*

- *Pais equilibrados: Intervêm o necessário, preocupam-se com os seus filhos, não fazem perguntas por eficácia e confiam nos treinadores. Pais que não exigem nem pressionam, que acompanham, que desfrutam quando vão ver-nos e que são felizes ao verificar que os seus filhos estão bem; e que graças ao desporto somam histórias para contar.*

Pai e Mãe, já se perguntaram em qual estão inseridos? Quando acaba o jogo não me perguntam se me diverti, apenas "como é que ficou o jogo?"…

Este é o modelo de pai que não quero que sejas, o que pressiona, obriga, se dedica a ser o meu treinador, me chama a atenção quando erro. O que vive os meus triunfos e as minhas derrotas como se fossem suas e como se o orgulho familiar fosse posto em causa.

Gosto muito que me acompanhes todos os fins de semana aos jogos, que me vás buscar à escola e me leves aos treinos, que me compres as chuteiras que gosto e que me aconselhes. Tudo isto que fazes por mim diariamente aumenta, a cada dia, o meu amor por ti. Quero que saibas que há coisas que eu não faço porque não sei fazê-las, não porque não as quero fazer. Porque sou uma criança, Pai e Mãe. Não quero que te chateies mas não gosto que me grites da bancada ou que me ofereças dinheiro para marcar golos. Envergonho-me muito quando me dizes o que devo fazer nos jogos. Não gosto que os meus colegas e o meu treinador ouçam os teus gritos; ele já me diz o que tenho de fazer durante toda a semana. Também não gosto que grites com o árbitro, ele também não se quer enganar, não o insultes porque eu não o faço.

Ensinaram-me que todos os jogadores da equipe devem jogar, não gosto que te chateies quando me substituem. Os que entram no meu lugar são meus amigos. Isto é um jogo, Pai e Mãe!! Quero divertir-me. Eu sei que nunca me mentiste, portanto quero que te lembres de quando eras da minha idade e trates de te colocar no meu lugar. Tu sabias mesmo fazer tudo o que me pedes?

Outros pais não gritam quando os filhos falham. Não discutem com o árbitro, pelo contrário, aplaudem-no no final do jogo. Pai e Mãe, eu quero jogar futebol porque é o desporto que eu mais aprecio e gosto de praticar. Eu sei que não sou o melhor, que não vamos ser campeões e que não vou jogar na primeira divisão; mas quero praticá-lo o máximo de tempo possível, tal como tu, ainda o fazes hoje em dia com os teus amigos do trabalho, do tempo de escola ou do futebol, também um dia quero ser jogador dos veteranos ou como vocês dizem da "velha guarda".

Nunca me perguntaste se gostava de futebol. Desde cedo colocaste-me uma bola na frente e ofereceste-me umas chuteiras sem me consultar. Não te preocupes, tu acertaste Pai! É claro que eu gosto de futebol, para mim, é o melhor

desporto que existe. Mas precisas de saber que há dias em que não tenho vontade de treinar, que por vezes estou cansado, que não me apetece jogar futebol nem aguentar toda essa pressão a que me submetes. Quero que saibas que não sou um fenómeno, que não tiveram tempo para me ensinar tudo, que falho muito, que sou uma criança a jogar um jogo de crianças. Sobretudo quero continuar a jogar futebol e quero-te sempre ao meu lado para me levares aos jogos. Quando eu for grande levo-te eu a ti.

Esta situação que eu "sofro", em cada fim-de-semana que se disputa um jogo, também a sofrem os meus colegas de equipa, inclusive amigos de outras equipas que eu conheço. Contam-me como desde a bancada, mães, pais e adeptos em geral gritam comentam e insultam jogadas. Que há opiniões de todo o tipo, quase sempre de mau gosto, as piores sempre sobre o árbitro. Durante todo o jogo têm de aguentar impropérios, insultos, desqualificações. Mas o pior de tudo, indicações aos jogadores da sua própria equipa: chuta, centra, luta, sobe, baixa, aqui, ali, que se misturam com as do treinador. Uma loucura Pai e Mãe!

Não sejas como eles. Tu és um grande Pai/Mãe para mim e não quero que cometas os mesmos erros. Ensinaste-me a ser criança mas a ti ninguém te ensinou a ser Pai ou Mãe. Infelizmente não há escolas para aprender a melhor forma de tratar os filhos. Vocês, os pais, fazem o que podem; umas vezes é muito, outras pouco. Só te peço que pelo menos tentes…

O QUE PODES FAZER POR MIM?

Aprende a aceitar que as crianças não jogam para entreter o público, nem para ganhar, jogamos para nos divertirmos; para passar um bom momento a praticar o desporto que escolhemos e gostamos. É importante que aceites esta situação como parte do jogo. Desde que me deste uma bola, queria jogar, competir e ganhar. Mas não a qualquer custo. Trata-se de saber encarar a vitória; trata-se de saber perder e saber ganhar. Não me recrimines pelos meus erros. Estou a aprender… sou pequeno. Não me "tele-comandes", não me dês instruções, pois não sou um jogador de um jogo de consolas daqueles que jogamos juntos do FIFA ou do PES. Que o faça o treinador é a função dele ensinar-me. Se não me enganar nunca aprenderei. Toma em consideração que os teus comportamentos são um modelo e que no futuro terei tendência a segui-los. Não faças com que eu acabe por odiar o futebol!

A maioria dos pais adoptam uma atitude de respeito e diversão sem pedir mais do que o filho passe momentos de grande diversão. Fixa-te neles. Se tu sofres não me vás ver, porque eu também sofro. Não me ridicularizes nem a mim nem à minha equipa, sob nenhum conceito. Não questiones as decisões do treinador nem

as dos árbitros. Apoia-me tanto no esforço como nas vitórias. Reconhece as minhas virtudes bem como as dos meus colegas.

O futebol, na minha idade, é uma etapa lúdica, formativa, na qual quero que me acompanhes. Mas quero ter a liberdade de me encontrar a mim mesmo! Tu deves apoiar-me nesse percurso. Estou a aprender o valor das coisas, a viver a ilusão do desporto que mais gosto: o futebol. Deixa-me superar, por mim mesmo, as adversidades e respeita o meu processo de formação.

Adorava ser jogador de futebol profissional, mas se não o for, não haverá problema algum. Conformo-me com fazer desporto e jogar com os meus amigos todo o tempo que possa, e conto com vocês para que sejam o meu suporte nesta etapa de educação e formação.

Por último devem saber que, apesar de tudo o que vos escrevo nesta carta, o futebol e vocês são o mais importante na minha vida e assim quero que continuem a ser. Mas quero que acima de tudo sejam o meu Pai e a minha Mãe, não o meu treinador.

ADORO-VOS PAI E MÃE"!!

Para todos os pais que não entendem que as crianças e os jovens adolescentes SÓ se querem divertir a jogar futebol.

"Pai/Mãe que estás a fazer?

Não sei a melhor forma de te dizer isto. Certamente acreditas que o fazes para meu bem, mas não posso deixar de me sentir estranho, incomodado, mal.

Ofereceste-me uma bola mal iniciei os meus primeiros passos. Ainda não frequentava o primeiro ciclo quando me inscreveste nas escolinhas de futebol. Adoro treinar durante a semana, divertir-me e brincar com os meus colegas e jogar aos domingos como fazem as equipas da primeira divisão.

Mas quando assistes aos jogos não sei, já não é como antes. Agora não me fazes uma festa nem me convidas para lanchar.

Avanças a eito, a pensar que todos são inimigos, insultas os árbitros, os treinadores, os jogadores, os outros pais…

Porque mudaste? Parece-me que sofres e não entendo.

Repetes-me, vezes sem conta, que sou o melhor, que os outros não valem nada ao meu lado, que quem diz o contrário se engana, que só valem as vitórias.

Esse treinador que dizes ser um inapto é meu amigo, aquele que me ensina a divertir-me jogando futebol.

O rapaz que no outro dia saiu para eu entrar, recordas? Sim, Aquele que passaste a tarde a criticar porque, como tu dizes, não serve nem para carregar a

minha mochila. Esse rapaz é da minha turma. Envergonhei-me quando me deparei com ele na segunda-feira. Não te quero decepcionar! Por vezes penso que não tenho qualidade suficiente, que não chegarei a ser um profissional e ganhar milhares de euros, como tu sonhas.

Atormentas-me. Inclusivamente cheguei a pensar em desistir; mas gosto tanto de futebol…

Pai/Mãe, por favor, não me obrigues a dizer-te que não quero mais que venhas aos meus jogos"…

Um psicólogo do desporto do Centro de Estudos e Pesquisa da Psicologia do Desporto de Curitiba, Marco Antônio Ferreira, costumava dizer que *"não existe um atleta de alta performance sem uma família de alta performance!"*

Ferreira referia ainda que há uma fase da infância, na qual o vínculo entre o pai e o filho se estabelece muitas vezes através do futebol. *"A convivência entre os dois torna-se saborosa com a energia do desporto. O pai deixa de ser só aquele que cobra a lição, pergunta se arrumou o quarto. Cria-se um vínculo profundo, de amizade",* explica o psicólogo.

Um pai que depois de um dia cansativo tem energia para chegar a casa jogar à bola com o filho está a dizer-lhe: "Eu importo-me contigo". Isso cria uma memória positiva do desporto que a criança vai levar para a sua vida adulta. *"Mesmo que em cinco ou dez minutos, ele está a deixar essa mensagem bem clara. O fortalecimento do vínculo passa pela disponibilidade, a vontade do pai"*, completa Ferreira.

Os pais devem olhar para o desporto como uma ferramenta sócio-cultural que enriquece e potencia o desenvolvimento dos seus filhos como homens e depois como desportistas. Esquecer esta máxima e gerar pressão sobre eles é a melhor maneira de levá-los a abandonar a sua modalidade preferida.

Em jeito de conclusão, formulam-se 12 regras que qualquer jogador anseia ver respeitadas pelos seus pais:

1. Não me grites em público
2. Não grites com o treinador
3. Não menosprezes o árbitro
4. Não menosprezes os meus colegas
5. Não percas a calma
6. Ri e diverte-te a ver-me jogar

7. Não me dês lições depois do jogo

8. Não te esqueças que é apenas um jogo

9. Pensa que sempre farei o meu melhor

10. Com o teu apoio serei feliz

11. Não jogo sozinho, somos uma equipa apoia-nos

12. Respeita os nossos Adversários

A presença dos pais deve se limitar a incentivar a equipa e a estar ao lado dos seus filhos.

1.6. Dimensão profissional, social e ética

"O Desporto pela sua natureza, possibilita e potencia o exercício e desenvolvimento de valores pessoais e sociais. Valores esses que quando aplicados no e pelo desporto, facilmente são transpostos para o dia-a-dia de cada um de nós.

Importa ter em consideração que para além de um conjunto de valores comuns a todos os cidadãos, há valores, que pela sua natureza, são inerentes à prática desportiva, nomeadamente: o respeito pelas regras e pelo adversário, árbitro ou juiz, o fair play ou jogo limpo; a tolerância; a amizade; a verdade; a aceitação do resultado; o reconhecimento da dignidade da pessoa humana; o saber ser e estar; a persistência; a disciplina; a socialização; os hábitos de vida saudável; a interajuda; a responsabilidade; a honestidade; a humildade; a lealdade; o respeito pelo corpo; a imparcialidade; a cooperação e a defesa da inclusão social em todas as vertentes." (Código de Ética Desportiva, 2014)

A dimensão profissional, social e ética representa a vertente deontológica e de responsabilidade social da prática de professor/treinador na qual se destaca a atitude face ao exercício da profissão.

Nesta dimensão sobressai o compromisso com o desempenho profissional, ou seja, o reconhecimento da responsabilidade individual pelo cumprimento da missão social. Daqui decorre a assunção da responsabilidade pela construção e uso do conhecimento profissional, assim como pela promoção da qualidade do ensino e da escola/clube.

Assumindo os objetivos dos projetos e planos anuais de atividades das escolas/clubes onde exerceu funções nos últimos 9 anos e, tendo a vertente profissional, social e ética um caráter transversal ao exercício da sua profissão, o treinador julga ter contribuído empenhadamente para o cumprimento desses objetivos, nomeadamente através da cooperação a nível das várias atividades desenvolvidas nas escolas/clubes, da promoção de atitudes e valores como elementos essenciais da aprendizagem.

Os valores acima descritos tendem a desaparecer por inversão daqueles que não contribuem para o engrandecimento da prática desportiva. A cooperação é substituída pela oposição e mesmo dentro da equipa a concorrência competitiva saudável que devia servir para fazer evoluir ainda mais o jogador, acaba por se tornar em guerras que só servem para destruir um grupo.

A vitória faz parte de três resultados possíveis no futebol. Contudo, é muitas vezes elevada a patamares excessivos e sem sentido.

“O fair play é uma treta”; o adversário torna-se num inimigo; a honestidade está desprezada; transpõe-se todos os limites em função de um instante efémero: a vitória.

Infelizmente a esperança de que o futebol de formação, conseguisse suplantar e elevar os valores do desporto acaba por cair em frustração. A realidade mostra-nos que o futebol de formação está a acompanhar os maus exemplos do futebol sénior.

Aquilo a que se pode chamar joins efect (efeito ovelha) verifica-se que os jovens jogadores, seguem os maus exemplos dos adultos, assim como os dirigentes, treinadores e claques que imitam os grandes clubes.

Olha-se para a formação como se de alta competição se tratasse.

A prática desportiva amadora tem de ser vista sobre uma visão humanizante, civilizacional e entendida como parte essencial do processo de educação para a cidadania.

Tem o dever de formar desportistas que reflitam o desporto em todas as suas proporções: desportiva, social, lúdica, cultural, económica,… e não, jogadores que conforme a sua prestação desportiva, sejam descartáveis. Deve ainda fomentar o poder da tomada de decisão, educar a pensar o jogo.

O jovem tem de ser formado com uma visão que ultrapassa a mera discussão sobre convocatórias, titulares, substituições. Estimulá-lo para o entendimento crítico perante as manifestações negativas do fenómeno do futebol como o fanatismo, a utilização do desporto como escape para os problemas sociais e económicos, a violência patente e latente nos jogos ou a ausência de ética desportiva.

Infelizmente constata-se que desta forma as crianças não têm uma influência positiva. Urge incentivar uma nova cultura educativa do desporto, afirmativa e saudável.

Conclusões

O presente trabalho não se afigura como uma reflexão definitiva sobre os contextos e dinâmicas do futebol de formação, mas sim o ponto de partida para a necessidade de uma consciencialização sobre o envolvimento adequado dos Encarregados de Educação no processo de formação do jovem jogador.

Ao longo deste documento conclui-se (percebe-se) que o Encarregado de Educação tem uma participação fundamental no desenvolvimento sustentado e equilibrado do educando, no que concerne à autoestima, autoconceito e aprendizagem.

Define-se e aprofunda-se o papel do futebol enquanto jogo desportivo coletivo, a importância do Treinador na organização complexa de uma equipa e as características de um Treinador de excelência.

Entende -se que os jogadores são o elemento central de todo e qualquer jogo: é para eles (em função das suas particularidades e qualidades) que se idealiza um jogo e, são eles que no jogo, interpretam individual e coletivamente aquilo que é idealizado, potenciando dinâmicas e subdinâmicas específicas orientadas pelo Treinador.

Cruyff (2002) sugere que um princípio basilar para a Formação de Jogadores é, que "*o melhor método para ensinar uma criança a jogar não é proibir mas sim guiar*". Assim, com base nesta metodologia, o treinador assume efetivamente o papel de formador sempre que a sua atitude "guie" os seus atletas, ao contrário do que acontece quando prossegue uma intervenção proibitiva e limitadora da expressão criativa dos jovens.

"*Os treinadores das equipas infantis, têm de deixar os jogadores jogar à vontade, criar, isso é muito importante*." (Pelé, 2006a).

"O treino é um processo complexo, para o qual contribuem diferentes dimensões, sendo por isso a ação do treinador consubstanciada, não apenas por conhecimentos relativos aos conteúdos de treino, mas também pela sua intuição e arte. O que reforça a necessidade dos treinadores investirem nos seus conhecimentos acerca da sua matéria de ensino, visto que, tanto arte como intuição têm subjacente um corpo de conhecimentos desenvolvido ao longo de anos, de prática, de descoberta e de investimento no conhecimento, carecendo estes permanentemente de atualizações, até porque, ninguém pode Ensinar aquilo que não sabe." (Mesquita, 2000; Pacheco, 2001).

Aborda-se a temática do futebol de rua e a atual preocupação pelo seu desaparecimento enquanto estratégia para o desenvolvimento de sentimentos de pertença, espírito de equipa, luta por um objetivo comum e neste caso – a partilha de um campo para a vida.

Em comunhão com o espírito das Escolas Dragon Force Grijó e Valadares, o treinador introduziu esta modalidade no sentido de potenciar vivências diferenciadas e competências desportivas nos atletas.

A este respeito observa-se na sociedade atual alterações muito profundas que têm vindo a refletir-se no modo como os jovens descobrem o jogo.

Em 1985, aquele que foi considerado o melhor treinador do século XX pela FIFA Michels (2001, pp. 178), refere: "*Enquanto nós jogávamos Futebol de rua diariamente, quase sempre durante muitas horas consecutivas, totalizando sensivelmente 25 horas por semana, atualmente, temos nos clubes um ou dois treinos uniformemente organizados e uma partida semanal. Comparativamente com as mais de 25 horas de prática que constituíam o processo natural de aprendizagem na rua, esta parece ser uma missão impossível."* Acrescenta ainda "(…) *felizmente, penso que nós entre os 6 e os 12 anos recebemos o mais óptimo desenvolvimento possível para um jovem jogador, jogando na rua, nos campos, na praia, etc, já que o treino uma vez por semana não me parece que acrescente muito*".

No que respeita aos padrões de comportamento assumidos pelos treinadores, pais e outros educadores, deve ser evidente a preocupação em fornecer "feedback" relativamente à performance do atleta, considerando que todos se constituem como agentes decisivos na promoção de perceções de competência pessoal dos atletas.

"*Daí a necessidade de uma abordagem positiva no treino, através do qual o atleta é encorajado a fazer e executar as tarefas de acordo com as suas capacidades, onde se reforça tanto o esforço e o empenho colocado na tarefa, como o resultado obtido e, onde se evita o uso da crítica e da punição, na certeza de que assim é possível influenciar e promover uma motivação positiva na procura do sucesso, prevenindo o aparecimento de sentimentos do medo de falhar"* (Smoll & Smith, 1996)

"… *São um pouco os pais (…) que nos traçam o destino, que definem como é que vamos ser na vida."* (Zidane, 2002).

Neste relatório entende-se que o papel dos pais é fundamental no processo de formação das crianças e jovens.

Urge a necessidade de criar recursos de combate ao stress competitivo e de uma forma consciente, do abandono precoce dos treinadores, árbitros, dirigentes e jogadores - os verdadeiros protagonistas da modalidade.

Como forma de se evitar os maus comportamentos ou a perda de controlo por parte dos encarregados de educação e evitar a má influência sobre os jovens foram sugeridas ao longo do trabalho, algumas soluções que vão de encontro às que Smoll (1992) defende: "(…) *os pais devem ser convidados a permanecerem sempre sentados na zona reservada à assistência, tanto durante os treinos, como ao longo das competições; evitar gritar instruções ou críticas tanto para os seus filhos, colegas de equipa, adversários, árbitros, treinadores e dirigentes; evitar intromissões no trabalho do treinador, aceitando a autoridade e responsabilidade deste como mais um educador dos atletas, embora reservando-se o papel de questionar e participar no processo formativo da criança ou jovem (…)"*

Os treinadores, por seu lado, devem considerar as vantagens de encontros periódicos com os pais dos atletas, com o objetivo de os formar e educar para a convivência saudável e harmoniosa do desporto infantil e sensibilizá-los para o papel relevante que desempenham na formação desportiva dos seus filhos.

Pretende-se assim, evitar situações de conflito desagradáveis, entre pais e treinadores, que só prejudicam o desenrolar normal e positivo dos trabalhos ao longo da época.

"É uma obrigação dos Professores e, como tal também dos treinadores, possuírem um conhecimento profundo da atividade que se propõem a Ensinar". (UNESCO, 1996).

Tendo por base o princípio do respeito pelas crianças, conclui-se que o processo de formação, se assente numa lógica de comunhão entre pais, treinadores, dirigentes e árbitros, valoriza o Ser que joga - a criança - e possibilita a longo prazo eliminar os constrangimentos até aqui referenciados.

Em suma, o futebol pode constituir-se como um válido instrumento de Mudança Social, de Capacitação, de Desenvolvimento Humano, ou seja, de Cidadania.

Numa visão mais transversal e abrangente das dinâmicas sociais, podemos afirmar que, para todos os agentes desportivos/educativos que atuam em processos de formação, o objetivo principal - para além de criar exímios atletas - deve ser o de formar verdadeiros CIDADÃOS.

Referências

Araújo, J. (1994). Ser Treinador. Lisboa: Editorial Caminho, S. A.

Barbosa, D. (2003). *A importância do Modelo de Jogo na operacionalização de todo o processo de treino em Futebol*. Porto: D. Barbosa. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Bayer, C. (1987). Técnica del balonmano: la formación del jugador. Barcelona: Hispano Europea.

Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J. O. (2004). OLHARES E ESTADOS DE ALMA. In J. Garganta, J. Oliveira & M. Murad (Eds.), *FUTEBOL DE MUITAS CORES E SABORES - REFLEXÕES EM TORNO DO DESPORTO MAIS POPULAR DO MUNDO* (1ª ed., pp. 195 - 218). Porto: CAMPO DAS LETRAS.

Castelo, Jorge – *Futebol - A organização dinâmica do jogo*, Faculdade de Motricidade Humana Edições, 2004.

Código de Ética Desportiva – Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. – 1ª Edição – Julho de 2014

Costa, J (2006). O ato de ensinar é um ato ético. Consult. 18 Jul. 2009, disponível em http://www.aag.pt/artigos/artigost06.htm.

Cruyff, J. (2002). *Me gusta el fútbol*. Barcelona: RBA Libros S.A.

Delors, Jacques (1996). Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI

Frade, V. (2006). Dossier de Metodologia de Futebol I de Jorge Maciel - 3º Ano - Opção de Futebol. Dossier de Aulas não publicado. Faculdade de Desporto - Universidade do Porto.

Ferraz, R. (2005). *A intervenção específica como aspecto fundamental na interacção treinador-exercício-jogador: um estudo de caso com Nelo Vingada / Ricardo Manuel Pires Ferraz*. Porto: R. Ferraz. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Filgueira, F. (2004): *Futebol – uma visão da iniciação desportiva*. Editora Ribergráfica. [em linha] : http://cidadedofutebol.uol.com.br/universidade/web/site/index_area_tecnicopedagogica.asp?arq=artigo.asp&id_cont=1222.

Fonte, P. (2006). *Avaliação e Controlo do Treino em Futebol. Avaliação das implicações tácticas, fisiológicas e físicas decorrentes da existência de feed-back verbal por parte do treinador*. Porto: P. Fonte. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Frias, J. (2000): A relação treinador atleta. In *Revista Training*, 2, 4-5. Lisboa.

Garganta, J., & Pinto, J. (1998). O ensino do futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), O ensino dos jogos desportivos (pp. 95-135). Lisboa: CEFD.

Garganta, J. (2000): *Preparação e formação desportiva de crianças e jovens praticantes de Futebol* (não publicado). Faculdade de Desporto – Universidade do Porto. Porto

Gomes, M. (2006). *Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Táctica – um Estudo de Caso*. Porto: M. Gomes. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Ginsburg, K. R. (2007, January, 2007). The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds. *Amarican Academy of Pediatrics, 119,* 182 - 191.

Guilherme Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Porto: J. Guilherme Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Leal, M., & Quinta, R. (2001). O Treino no Futebol: uma conceção para a Formação. Braga: Edições APPACDM

Menotti, C. (s/d), Entrevista de táctica realizada por Jesús Pino. Training Futbol p.8-17

Mesquita, I (2000). A Pedagogia do Treino – A formação em jogos desportivos colectivos (2ªed.). Livros Horizonte.

Michels, R. (2001). *Team Building -the road to success*: Reedswain Publlishing.

Neto, C. (2015) Criação de Crianças Totós. Página de diário de notícias da internet. Observador.http://observador.pt/especiais/estamos-a-criar-criancas-totos-de-uma-imaturidade-inacreditavel/ (Novembro, 2016)

Oliveira, T (2016): O perfil do treinador de futebol de formação. *In AFATV 27 de Outubro 2016.*

Pacheco, R. (2001). O ensino do futebol . Futebol de 7- um jogo de iniciação ao futebol de 11 Grafiasa.

Pacheco, R. (2002): Etapas a Percorrer no Ensino do Futebol. In *Revista Training*, 7, 22-23. Lisboa.

Pelé. (2006c). *Pelé - A Minha Vida*. Lisboa: Bizâncio.

PIAGET, Jean. Epistemologia Genética: tradução Álvaro Cabral, 4ª edição – São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Ronaldo, C. (2007). Planeta Ronaldo [Documentário]: SIC.

SANTOS, Afonso (2017). www.futeboldeformacao.pt - formação-desportiva-da-criança-e-do-jovem/ (Março, 2017)

Smoll, F. L. (1992) Enhancing coach-parent relathionships in youth sports. In J. Williams (Ed), Applied Sport Psychology, Personal Growth to Peak Performance. Arizona. Mayfield Publishing Company.

Smoll, F. L. & Smith R. E (1996) Competitive anxiety: Sources, consequences, and interventions strategies, In F. Smoll & Smith (Eds), Children and youth in sport. A Biopsychosocial perspective (pp. 359-380). Dubeque, IA: Brown & Benchmark Pubishers.

TAMEIRÃO, Marcelo – Flexibilidade: Estudo comparativo dos níveis de flexibilidade em indivíduos na modalidade de futebol, Memória final, Escola Superior de Educação Jean Piaget/Arcozelo, Instituto Piaget, 2003.

Knapp, B. (s/d). Desporto e Motricidade. Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa. Konzag, I.,Dobler, H. e Herzog, H. (2002). Fútbol. Entrenarse Jugando. Un Sistema Completo de Ejercícios (3ªedição). Barcelona: Editorial Paidotribo.

Valdano, J. (2002). *El miedo escénico y otros hierbas*. Madrid: Aguilar.

Zidane, Z. (2002). Zinedine Zidane - Como Num Sonho. On *Alix Delaporte* [DVD]: LNK Video.

https://www.futeboldeformacao.pt/2016/12/30/carta-de-um-menino-futebolista-ao-seu-pai/ (Janeiro, 2017)

https://pt.slideshare.net/maframed/o-sucesso-no-futebol-dos-escales-de-formao-mais-baixos (Março, 2017)

https://www.publico.pt/2017/02/19/sociedade/noticia/no-desporto-os-pais-sao-muitas-vezes-um-problema-para-os-filhos-1762453 (Março, 2017)

http://expresso.sapo.pt/life_style/familia/quando-a-pressao-e-demais=f648489 (Fevereiro, 2017)

Anexos

Anexo 1: Caderneta Dragon Force

CADERNETA DRAGON FORCE 2014/2015

A Caderneta do Aluno Dragon Force - Registo de Empenho e Desenvolvimento Educativo - é um documento que engloba as várias instâncias educativas do aluno da Escola Dragon Force.
Pretendemos acompanhar de forma mais personalizada o aluno, englobando num mesmo espaço informações de áreas importantes para o seu desenvolvimento.
Com este modelo de articulação, ambicionamos que o aluno tenha um percurso socioeducativo de sucesso no presente, com efeitos positivos no futuro. A Escola Dragon Force procura uma formação integral do jovem, tendo em atenção não apenas a formação desportiva, mas também a educação para a igualdade e cidadania - educação para a vida.

Os Treinadores e os Mediadores (técnicos do Espaço Aberto) supervisionam a Caderneta do Aluno Dragon Force nas datas definidas.

Procedimentos de Supervisão:

1. O aluno entrega a caderneta ao Treinador (datas descritas na calendarização);
2. O Treinador entrega as cadernetas ao Mediador (Técnico do Espaço Aberto) ou deposita no Espaço Aberto na caixa respetiva ao escalão;
3. O Mediador supervisiona a caderneta;
4. O Mediador entrega a caderneta ao Treinador e dá *feedback*;
5. No treino os Treinadores devolvem as cadernetas aos alunos e fazem um balanço junto da equipa;

DFF.067.05

6. O Mediador afixa no Espaço Aberto as equipas que cumpriram com o processo – são nomeadas as melhores equipas por escalão;
7. Os jovens sinalizados são acompanhados pelo Departamento Pedagógico e Departamento de Psicologia – Triangulação entre: Aluno-Encarregado de Educação-Dragon Force.

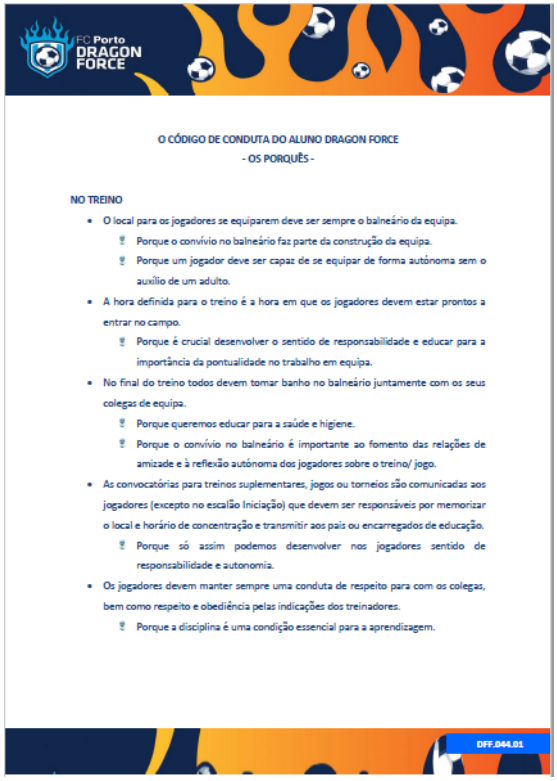
Nota: se não houver um Mediador na Escola Dragon Force a supervisão é assegurada pelo Treinador.

Vantagens:

1. Maior controlo por parte dos Treinadores e Mediadores;
2. Interação jogador-treinador-mediador;
3. Rentabilização do tempo de treino;
4. Evita-se cadernetas espalhadas no campo e consequentemente perda;
5. Evita-se cadernetas degradadas pela chuva;
6. Os Treinadores podem deixar no Espaço Aberto informações ou outros materiais (p.e vídeos; entrevistas de jogadores; etc) para as equipas.

DFF.067.05

Anexo 2: Regulamento Interno F.C.Porto - Dragon Force

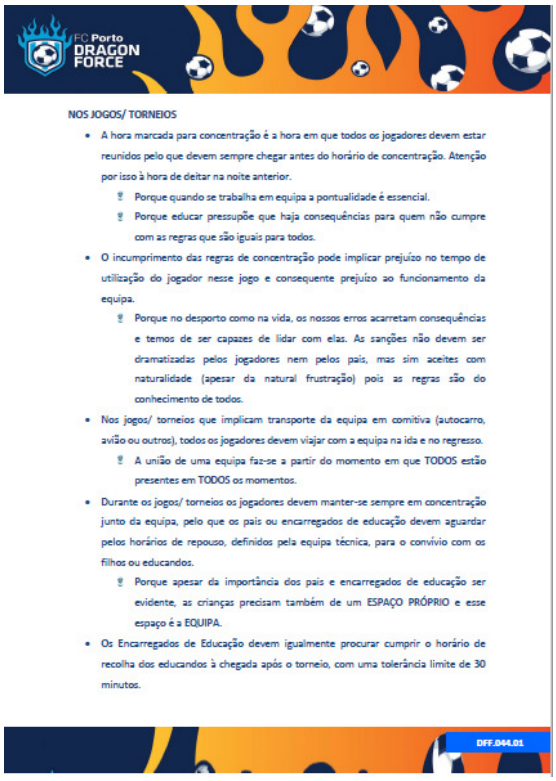


O CÓDIGO DE CONDUTA DO ALUNO DRAGON FORCE
- OS PORQUÊS -

NO TREINO

- O local para os jogadores se equiparem deve ser sempre o balneário da equipa.
  - Porque o convívio no balneário faz parte da construção da equipa.
  - Porque um jogador deve ser capaz de se equipar de forma autónoma sem o auxílio de um adulto.
- A hora definida para o treino é a hora em que os jogadores devem estar prontos a entrar no campo.
  - Porque é crucial desenvolver o sentido de responsabilidade e educar para a importância da pontualidade no trabalho em equipa.
- No final do treino todos devem tomar banho no balneário juntamente com os seus colegas de equipa.
  - Porque queremos educar para a saúde e higiene.
  - Porque o convívio no balneário é importante ao fomento das relações de amizade e à reflexão autónoma dos jogadores sobre o treino/ jogo.
- As convocatórias para treinos suplementares, jogos ou torneios são comunicadas aos jogadores (excepto no escalão Iniciação) que devem ser responsáveis por memorizar o local e horário de concentração e transmitir aos pais ou encarregados de educação.
  - Porque só assim podemos desenvolver nos jogadores sentido de responsabilidade e autonomia.
- Os jogadores devem manter sempre uma conduta de respeito para com os colegas, bem como respeito e obediência pelas indicações dos treinadores.
  - Porque a disciplina é uma condição essencial para a aprendizagem.

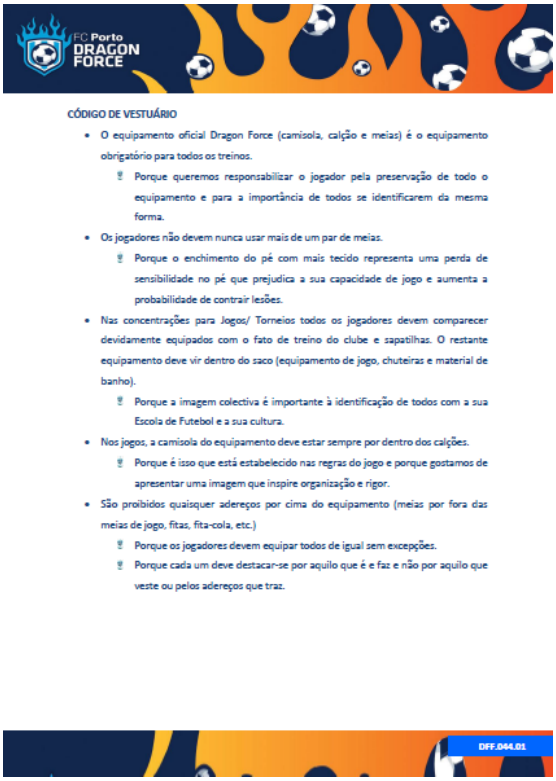
DFF.044.01



NOS JOGOS/ TORNEIOS

- A hora marcada para concentração é a hora em que todos os jogadores devem estar reunidos pelo que devem sempre chegar antes do horário de concentração. Atenção por isso à hora de deitar na noite anterior.
  - Porque quando se trabalha em equipa a pontualidade é essencial.
  - Porque educar pressupõe que haja consequências para quem não cumpre com as regras que são iguais para todos.
- O incumprimento das regras de concentração pode implicar prejuízo no tempo de utilização do jogador nesse jogo e consequente prejuízo ao funcionamento da equipa.
  - Porque no desporto como na vida, os nossos erros acarretam consequências e temos de ser capazes de lidar com elas. As sanções não devem ser dramatizadas pelos jogadores nem pelos pais, mas sim aceites com naturalidade (apesar da natural frustração) pois as regras são do conhecimento de todos.
- Nos jogos/ torneios que implicam transporte da equipa em comitiva (autocarro, avião ou outros), todos os jogadores devem viajar com a equipa na ida e no regresso.
  - A união de uma equipa faz-se a partir do momento em que TODOS estão presentes em TODOS os momentos.
- Durante os jogos/ torneios os jogadores devem manter-se sempre em concentração junto da equipa, pelo que os pais ou encarregados de educação devem aguardar pelos horários de repouso, definidos pela equipa técnica, para o convívio com os filhos ou educandos.
  - Porque apesar da importância dos pais e encarregados de educação ser evidente, as crianças precisam também de um ESPAÇO PRÓPRIO e esse espaço é a EQUIPA.
- Os Encarregados de Educação devem igualmente procurar cumprir o horário de recolha dos educandos à chegada após o torneio, com uma tolerância limite de 30 minutos.

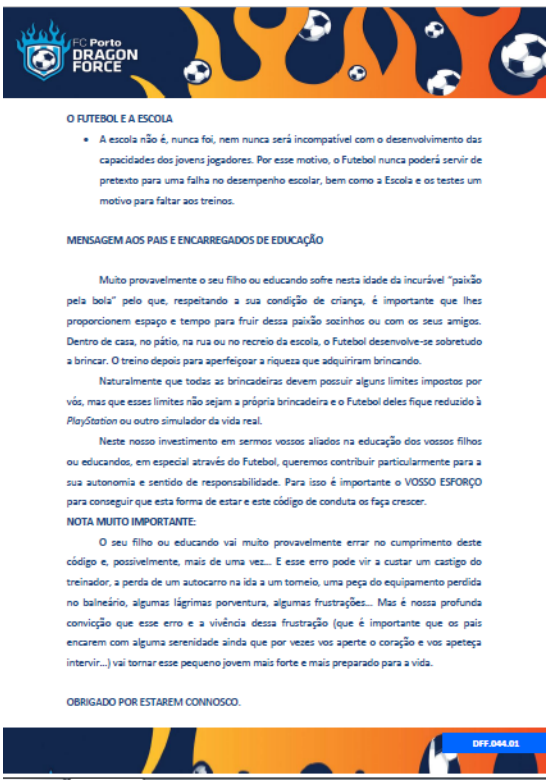
DFF.044.01



CÓDIGO DE VESTUÁRIO

- O equipamento oficial Dragon Force (camisola, calção e meias) é o equipamento obrigatório para todos os treinos.
  - Porque queremos responsabilizar o jogador pela preservação de todo o equipamento e para a importância de todos se identificarem da mesma forma.
- Os jogadores não devem nunca usar mais de um par de meias.
  - Porque o enchimento do pé com mais tecido representa uma perda de sensibilidade no pé que prejudica a sua capacidade de jogo e aumenta a probabilidade de contrair lesões.
- Nas concentrações para Jogos/ Torneios todos os jogadores devem comparecer devidamente equipados com o fato de treino do clube e sapatilhas. O restante equipamento deve vir dentro do saco (equipamento de jogo, chuteiras e material de banho).
  - Porque a imagem colectiva é importante à identificação de todos com a sua Escola de Futebol e a sua cultura.
- Nos jogos, a camisola do equipamento deve estar sempre por dentro dos calções.
  - Porque é isso que está estabelecido nas regras do jogo e porque gostamos de apresentar uma imagem que inspire organização e rigor.
- São proibidos quaisquer adereços por cima do equipamento (meias por fora das meias de jogo, fitas, fita-cola, etc.)
  - Porque os jogadores devem equipar todos de igual sem excepções.
  - Porque cada um deve destacar-se por aquilo que é e faz e não por aquilo que veste ou pelos adereços que traz.

DFF.044.01



O FUTEBOL E A ESCOLA

- A escola não é, nunca foi, nem nunca será incompatível com o desenvolvimento das capacidades dos jovens jogadores. Por esse motivo, o Futebol nunca poderá servir de pretexto para uma falha no desempenho escolar, bem como a Escola e os testes um motivo para faltar aos treinos.

MENSAGEM AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Muito provavelmente o seu filho ou educando sofre nesta idade da incurável "paixão pela bola" pelo que, respeitando a sua condição de criança, é importante que lhes proporcionem espaço e tempo para fruir dessa paixão sozinhos ou com os seus amigos. Dentro de casa, no pátio, na rua ou no recreio da escola, o Futebol desenvolve-se sobretudo a brincar. O treino depois para aperfeiçoar a riqueza que adquiriram brincando.

Naturalmente que todas as brincadeiras devem possuir alguns limites impostos por vós, mas que esses limites não sejam a própria brincadeira e o Futebol deles fique reduzido à *PlayStation* ou outro simulador da vida real.

Neste nosso investimento em sermos vossos aliados na educação dos vossos filhos ou educandos, em especial através do Futebol, queremos contribuir particularmente para a sua autonomia e sentido de responsabilidade. Para isso é importante o VOSSO ESFORÇO para conseguir que esta forma de estar e este código de conduta os faça crescer.

NOTA MUITO IMPORTANTE:

O seu filho ou educando vai muito provavelmente errar no cumprimento deste código e, possivelmente, mais de uma vez... E esse erro pode vir a custar um castigo do treinador, a perda de um autocarro na ida a um torneio, uma peça do equipamento perdida no balneário, algumas lágrimas porventura, algumas frustrações... Mas é nossa profunda convicção que esse erro e a vivência dessa frustração (que é importante que os pais encarem com alguma serenidade ainda que por vezes vos aperte o coração e vos apeteça intervir...) vai tornar esse pequeno jovem mais forte e mais preparado para a vida.

OBRIGADO POR ESTAREM CONNOSCO.

DFF.044.01

Anexo 3: Regulamento Interno S. L. Benfica - Geração Benfica

Geração Benfica

BEM VINDOS À **Geração Benfica**

É com enorme satisfação que damos as Boas Vindas ao projeto Escolas de Futebol Geração Benfica (EFGB).

A Satisfação e aprendizagem dos nossos pequenos jogadores são a principal objectivo deste projeto existir.

Assim, o primeiro fundamento do nosso trabalho fazer com que os serviços prestados pelas Escolas de Futebol sejam reconhecidos como um centro de excelência, no panorama do futebol nacional e internacional.

Os nossos objectivos dependem da aptidão e competências de todos quantos colaboram neste projeto, criando uma imagem comum a todos, que nos identifique visualmente mas também ao nível das ações e comportamentos. Assim é nossa política encorajar e apoiar a presença de valores como a Criatividade, a Inovação e a Qualidade.

Esperamos que este Livro do Staff seja um documento útil e bem presente no quotidiano das Escolas de Futebol, fazendo com que do nosso trabalho resultem benefícios para todos: Sport Lisboa e Benfica, Staff e utentes.

António Fonte Santa **João Gião** **Fernando Pinto**

Geração Benfica

GERAÇÃO BENFICA ESCOLAS DE FUTEBOL

"Juntos no mesmo sonho"

A Escola de Futebol do Sport Lisboa e Benfica foi criada em 1995 com o mesmo espirito desde os primeiros tempos:

A paixão pelo futebol e uma real preocupação com a formação de jovens são as principais características que representam o espírito que levou à criação deste projecto.

"A paixão

pelo futebol"

A criança é um organismo em evolução e, por isso, a aprendizagem do gesto desportivo deverá respeitar as diferentes etapas do seu desenvolvimento psicomotor e psico-afectivo. O futebol inserido num novo espaço, dinâmico e divertido, possibilita uma formação pessoal mais rica e diversificada.

"Espaço dinâmico

e divertido"

A evolução deste projeto resultou da necessidade sentida pela Área de Formação do Sport Lisboa e Benfica em, praticamente 10 anos depois do primeiro treino, a necessidade de redimensionar o projeto de uma forma inovadora e sustentada. Nasceu assim a denominação Escolas de Futebol Geração Benfica (EFGB) e a entrada em funcionamento da Rede de Escolas.

Igualmente, evoluímos e alargámos os nossos objetivos para:

Geração Benfica

- Incrementar um ensino de alta qualidade, através de uma rede de Escolas de Futebol desenvolvida em parceria com diversas instituições/organizações/clubes/autarquias/escolas e particulares;
- Incrementar a marca Benfica a nível nacional e internacional, aumentando o número de praticantes na Escola de Futebol e consequentes contactos com a marca Benfica, através de uma rede de escolas com um ensino de elevados padrões de qualidade;
- Desenvolver, conjuntamente com os parceiros uma forte imagem de marca associada aos valores de qualidade de Sport Lisboa e Benfica;
- Alargar o número de organizações parceiras do Sport Lisboa e Benfica, assim como estreitar os laços de cooperação entre as mesmas.

Neste momento, temos um projecto que conta com mais de 30 Escolas em Portugal e no Estrangeiro.

POLÍTICA DE QUALIDADE

Instituições de Interesse Público Desportivo e dimensão mundial como o Sport Lisboa e Benfica devem pautar-se pela procura incessante de excelência e inovação nas suas actividades e serviços.

A isso chamamos qualidade! A isso devemos – todos – procurar responder eficazmente!

"Satisfação,

Segurança"

A nossa política de qualidade assenta no compromisso de assegurar aos utentes satisfação através do fornecimento de serviços que vão de encontro às suas necessidades. Para que tal seja uma realidade, trabalhamos em instalações com os mais elevados padrões de segurança e higiene e e temos um corpo de profissionais altamente dedicados ao ensino do futebol, através dos mais recentes meios, métodos e estratégias de ensino por nós desenvolvidas.

A Escola de Futebol tem como Missão: ***"Ensinar futebol, proporcionando aos jovens uma oportunidade de se valorizarem adquirindo valores sociais e humanos que lhes possibilitem o equilíbrio, a responsabilidade e a capacidade de participarem de uma forma activa na sociedade, promovendo assim condições para uma maior identificação entre os jovens e os valores que o S.L.B. não abdica."***

Logo, é ao espírito da nossa missão que temos que recorrer, se porventura algumas dúvidas existirem. Se todos estivermos embuídos

deste espírito, rapidamente as nossas dúvidas serão postas de parte e substituídas por fortes e convictas certezas.

Satisfação

Reconhecimento

Orgulho

Além das reconhecidas vantagens de satisfação e fidelização dos nossos utentes, o reconhecimento social que a aposta na qualidade nos traz, é por si só, motivo de orgulho na pertença a um grupo coeso e de valor.

Agora, também fazes parte desse grupo!

Identificámos os seguintes objectivos que devemos perseguir, em conjunto:

1. Sermos reconhecidos como um serviço desportivo de referência no panorama futebolístico nacional e internacional, no que concerne às actividades de formação, recreação, lazer e da representação institucional;
2. Termos um leque de actividades e serviços suficientemente abrangente que satisfaça todos os nossos potenciais utentes;
3. Estabelecer padrões de qualidade e inovação no ensino do futebol que sejam reconhecidos nacional e internacionalmente, e que garantam a base da pirâmide de formação do Clube.

CÓDIGO DE CONDUTA

Para que, em conjunto, possamos criar um excelente clima de trabalho, cooperação e criatividade, é muito importante que, enquanto ao serviço de uma EFGB, dentro ou fora das instalações da Escola, o nosso comportamento esteja ao nível dos padrões de conduta que, o Sport Lisboa e Benfica, enquanto Instituição de renome Nacional e Mundial defende e aos quais todos os nossos sócios e adeptos estão habituados.

Para tornar mais claro o que é ou não admissível enquanto ao serviço do Sport Lisboa e Benfica juntamos aqui algumas linhas de conduta internas que deverão ser cumpridas. A estas podem juntar-se, transitoriamente ou a título definitivo, todas aquelas que foram comunicadas a nível superior.

Caso assista às situações que evidenciamos de seguida, o técnico deverá intervir com calma e perseverança. Caso a situação não fique definitivamente sanada, esta deverá ser reportada ao Coordenador da Escola de Futebol.

Situações de conduta grave:

- Antipatia para qualquer associado, colega, colaborador, utente ou visitante da Escola de Futebol ou do Sport Lisboa e Benfica;
- Estar em posse ou sob influência de qualquer droga (sem prescrição médica);
- Desvio de dinheiro ou qualquer material de utentes, colegas, Escola ou do Clube;
- Fumar em qualquer parte das Instalações Desportivas ou quando em serviço (considera-se em serviço sempre que equipado);
    - Atenção que mesmo sem estar em serviço oficial, sempre que equipado esta regra aplica-se;

- Entrar em conflito físico ou verbal com qualquer associado, colega, colaborador, utente ou visitante da Escola de Futebol ou do Sport Lisboa e Benfica;
- Causar ou contribuir para condições sanitárias que não estejam dentro dos padrões de qualidade definidos;
- Não reportar todas as reclamações por escrito e na Ficha de Sugestões/Reclamações;
- Não reportar qualquer acidente/incidente que aconteça com colegas, utentes, colaboradores ou visitantes da Escola de Futebol ou do Sport Lisboa e Benfica;
- Consumir qualquer bebida alcoólica em serviço (considera-se em serviço sempre que equipado) ou trabalhar sob influência de álcool;
    - Atenção que mesmo sem estar em serviço oficial, sempre que equipado esta regra aplica-se;
- Estar em serviço sem a aparência adequada, nomeadamente no que reporta às questões de imagem e higiene;
- Omitir ou dar informações falsas na altura da contratação, ou outra;
    - Se exercer atividade onde exista potencial conflito de interesses com o SLB, deverá informar a Coordenação da EFGB que posteriormente deverá informar a estrutura central
- Omitir ou dar informações falsas a qualquer associado, colega, colaborador, utente ou visitante da Escola de Futebol ou do Sport Lisboa e Benfica;
- Utilização para fins pessoais dos meios ao dispor, sem autorização (telefone ou telemóvel, fotocopiadora, Internet, ...). Uma emergência, devidamente justificada, poderá ser excepção;
- Utilização do emblema do Clube, logo da Geração Benfica ou qualquer outra imagem registada pelo Benfica e suas subsidiárias, assim como envelopes ou papel de ofício da Geração Benfica ou do Clube, sem autorização ou para fins pessoais;
- Não cumprir com as actividades previstas com a eficácia razoável;

- Participar em atividades, dentro ou fora da Escola de Futebol, que possam pôr em causa a imagem do desporto ou do próprio Sport Lisboa e Benfica;
- Negligencia ou recusa em prestar serviços solicitados pelo responsável;
- Ausência temporária, durante a prestação do serviço, sem autorização;
- Discriminação sexual, racial, política ou outra face a qualquer associado, colega, colaborador, utente ou visitante da Escola de Futebol ou do Sport Lisboa e Benfica;
- Manuseamento deficiente de equipamentos ou materiais propriedade da Escola de Futebol ou do Sport Lisboa e Benfica ou de outros, quando em representação da Escola ou do Clube;
- Atrasos regulares ou saídas extemporâneas dos locais onde se realizam as atividades da Escola de Futebol ou Clube. É essencial a apresentação do técnico 5 a 10 minutos de antecedência, de forma a estar pronto a receber os utentes da atividade em questão;
- Desrespeito/divulgação de documentos ou informações confidenciais referentes a qualquer associado, colega, colaborador, utente ou visitante da Escola de Futebol ou do Sport Lisboa e Benfica.

Além de te ser exigido evitar os comportamentos descritos e pela própria natureza das atividades a realizar, acreditamos que o técnico será capaz de:

- Ser cumpridor, as ausências só devem acontecer em último recurso e sempre precedidas de comunicação, a fim de assegurarmos a normal prestação dos serviços aos nossos utentes;
- Ser pontual, na chegada à Instalação entre 5 a 10 minutos antes do início dos treinos, convocatórias ou outras actividades, uma vez que estes têm sempre que se iniciar à hora prevista e acabar no horário igualmente previsto;

- Ser simpático (atenção e boa disposição);
- Ter os conhecimentos actualizados na(s) área(s) respectiva(s);
- Ouvir, registar e reportar as sugestões dos utentes, sem excepção;
- Zelar pela manutenção da qualidade das Instalações e Material Desportivo:
  - Não permitindo a utilização sem supervisão;
  - Avisando sempre que existam anomalias;
  - Não permitindo a utilização em caso de dúvidas;
  - Arrumando o material utilizado com os alunos no final de cada sessão;
- Colaborar com a Escola de Futebol na promoção do Desporto e da imagem do Sport Lisboa e Benfica;
- Entregar os planos de treinos, relatórios ou outros documentos sempre que forem solicitados e de acordo com as regras pré-definidas.
  - Os técnicos principais, ou algum outro agente por eles nomeado, devem enviar no final de cada sessão de treino, o plano do respectivo treino, as presenças dos alunos e outros dados estatísticos ou de organização/participação que sejam solicitados pela coordenação.

Os momentos de representação do clube, tais como treinos e jogos, são considerados momentos únicos e especiais, sinónimo da dimensão e importância do clube. Dada a sua importância apresentamos algumas regras a serem aplicadas com especial atenção durante estes momentos:

DESLOCAÇÕES EM REPRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

Sempre que sejas convidado a representar a EFGB ou o Sport Lisboa e Benfica, seja em que momento for, necessitas de autorização superior da coordenação da EFGB ou dos serviços centrais do Clube. Lembra-te que representas a maior Instituição Desportiva Nacional.

EQUIPAMENTO DESPORTIVO

- Usar sempre o equipamento desportivo fornecido pela EFGB, adequado às atividades em que estão envolvidos.
- Durante os treinos, jogos e participações em torneios:
  - Não se deverá dobrar as mangas da camisola ("manga cava");
  - A camisola deverá estar por dentro dos calções/calças;
  - Os calções/calças devem estar vestidos de forma adequada (nunca abaixo da cintura);
  - Não se deverá colocar adesivos ou meias de enchimento por fora das meias;
  - Os casacos ou camisolas não deverão ser atados à cintura;
  - Não se deverá andar com as calças do fato de treino subidas sobre as pernas;
  - Os bonés devem ter a pala virada para a frente;

TREINO

Os atletas deverão equipar-se sozinhos a partir de determinado escalão, no mínimo a partir do escalão de Traquinas A inclusivamente, e caso as condições físicas o permitam. Isto deverá ser regra e apresentado aos encarregados de educação numa perspetiva de melhorar a autonomia e aumento dos momentos de convivência apenas entre os atletas (extremamente importante do ponto de vista social). Caso o número seja excessivo para as condições físicas deverão pelo menos fazê-lo as equipas de competição e ou seleções.

Caso a ocupação do campo o permita, o(s) Treinador(es) e/ou Adjunto(s) devem organizar os exercícios (pelo menos a parte inicial do treino) de forma a 5' antes do início da sessão de treino estar tudo otimizado para a sua aplicação. Para tal deverão estar no campo cerca de 15' antes do início do treino;

Os treinadores não deverão recorrer a apitos durante as sessões.

Deverá ser erradicado o hábito de em alguns momentos da sessão de treino, a mesma ser ministrada com as mãos nos bolsos, com os braços cruzados ou com as mãos atrás das costas;

Os Treinadores e os Treinadores Adjuntos apresentam-se dinâmicos, interventivos (oportunos), justos, coerentes e sensíveis, transmitindo os reais e distintos valores do *Sport Lisboa e Benfica*;

Os Treinadores e os Treinadores Adjuntos devem estar em sintonia, dominando os conteúdos da sessão de treino, antevendo as dificuldades dos atletas e os feedbacks a utilizarem para o efeito;

Sempre que haja convocatórias a entregar, salvo situações pontuais e justificadas, deverá ser informado o atleta diretamente (questão de autonomia).

No final do treino os atletas deverão tomar banho (novamente obrigatório no mínimo a partir do escalão de Traquinas A) e caso as condições o permitam. Caso o número seja excessivo para as condições físicas deverão pelo menos fazê-lo as equipas de competição e ou seleções.

As sessões de treino deverão terminar com sessão de alongamentos executados no chão e **sem entoar o grito no final** (o mesmo deve ser apenas utilizado nos jogos de forma a não banalizar o mesmo e a criar uniformização em todas as EFGB);

JOGOS

Este é um ponto que pela sua especificidade e visibilidade, sdado que ocorre frequentemente fora das nossas instalações, requer uma especial atenção da nossa parte.

Por isso mesmo fizemos um documento que deverá acompanhar a escola em todas as deslocações, ver anexo I.

RELAÇÃO COM OS PAIS

Esta é sempre uma área sensível pelo que o relacionamento entre Coordenador Técnico, Treinador Principal e Treinador Adjunto para com os pais dos atletas, deverá ser estritamente profissional, mantendo-se uma distância que permita gerir todas as situações emergentes sem preconceitos adjacentes à afinidade.

Entre Treinador e Encarregados de Educação, as conversações devem limitar-se à partilha de informações essenciais: horários dos treinos, jogos e concentrações, comunicação de ausências, rendimento escolar, problemas de cariz familiar, e outros assuntos pertinentes. Demais questões deverão ser remetidas para a Coordenação Técnica.

CONCLUSÃO

O papel de todos é fundamental para nos afirmarmos como um espaço diferente não só por ser Benfica mas acima de tudo por ser e ter em si todos os princípios desportivos, morais e socias que estão na base da fundação do Sport Lisboa e Benfica

Agora que fazes parte desta equipa, estamos certos que o trabalho que iremos desenvolver em conjunto será no sentido de trilhar um caminho no qual andaremos sempre Junto No Mesmo Sonho.

ANTES DO DIA DE JOGO

Relembrar que a convocação dos atletas salvo contextuais e justificadas exceções deverá ser informada aos atletas diretamente (questão de autonomia).

NO DIA DO JOGO

O Treinador, o Treinador Adjunto ou ambos, devem apresentar-se no local estipulado na convocatória, pelo menos 5' antes da hora de concentração;

O Treinador e o Treinador Adjunto têm, antes, durante e após o jogo, uma atitude de respeito, ponderação e civismo para com o público, pais dos atletas, equipa adversária (técnicos, delegados, dirigentes e atletas) e equipa de arbitragem, mantendo sempre o auto controlo, independentemente da situação.

Aquecimento

No aquecimento deverão ser utilizados ⅔ exercícios de acordo com a metodologia EFGB. (ex: Caça bolas, 1 x 1 frontal, vagas de 2 x 1; 3 x 1; 3 x 2 ou organização ofensiva vs defensiva de 4 x 2 no Fut 5 ou 6 x 3 no Fut7). Mobilização articular ou qualquer outro exercício analítico deverão ser excluídos.

Início do jogo

Após a entrada em campo antes de se iniciar a partida, imediatamente após o apito do árbitro e com as equipas perfiladas (uma de cada lado do árbitro), os atletas das *EFGB* mantêm-se alinhados e saúdam o público com uma **Vénia (inclinação do tronco para a frente cerca de 45 graus, com as mão dadas e os braços em extensão ao lado do tronco).** Esta saudação deverá acontecer para as duas bancadas centrais, logo imediatamente a seguir ao apito do árbitro. Os atletas após executarem a vénia para a bancada frontal à qual se encontram virados, devem voltar-se rodando todos em simultâneo 180 graus sobre o seu eixo para a direita, executando o mesmo procedimento para a outra bancada **(independentemente da sua existência).** Isto deve ser treinado para que no dia de jogo corra impecavelmente

Momentos antes do jogo se iniciar (após momento em que equipas perfilam, após a escolha de campo e cumprimento da equipa e banco adversário), todos os elementos presentes em representação da EFGB (atletas, corpo técnico, delegado, paramédico, e outros se presentes), juntam-se para entoar "O GRITO":

- um elemento (capitão, Treinador, outro atleta) profere **"O QUE É QUE NÓS TEMOS?"**, e todos em conjunto e em simultâneo respondem **"GARRA"** - X 3. De seguida, todos em simultâneo entoam **"UM, DOIS, TRÊS – BENFICA, BENFICA, BENFICAAAA!!!".**

Final do jogo

No final do jogo, os atletas e todos os elementos da EFGB presentes (Equipa Técnica, delegado, paramédico, e outros se presentes) cumprimentam a equipa adversária (técnicos, delegados, dirigentes e atletas) e equipa de arbitragem. De seguida, juntam-se todos os elementos (dentro do campo), entoam novamente "O GRITO", os atletas vão agradecer ao público, e regressam ordeiramente e em conjunto ao balneário.

Anexo 4: Regulamento Interno Vitória S. C. – Os Afonsinhos

REGULAMENTO ESCOLA DE FUTEBOL OS AFONSINHOS
Época 2013/2014

Artigo 1º
(Entidade reguladora)

A entidade reguladora da Escola de Futebol Os Afonsinhos é o departamento de futebol formação do Vitória Sport Clube.

Artigo 2º
(Destinatários)

A Escola de Futebol Os Afonsinhos destina-se a jovens de ambos os sexos nascidos entre 2001-2009.

Artigo 3º
(Objectivos da escola)

1) Formação Desportiva – Promoção da prática desportiva, proporcionando aos alunos uma aproximação descontraída à competição, uma ocupação saudável dos tempos livres e o ensinamento das regras básicas do futebol.

2) Expansão e Fidelização – Promoção junto dos jovens e famílias a divulgação da marca Vitória fazendo passar os valores do Vitória Sport Clube.

3) Descoberta de Talentos – Recrutar jovens talentos para as equipas de competição do Vitória Sport Clube.

Artigo 4º
(Funcionamento)

1) A Escola de Futebol Os Afonsinhos localiza-se no complexo desportivo do Vitória Sport Clube.

2) A Escola de Futebol Os Afonsinhos funciona durante 10 meses. A época inicia-se no dia 2 de setembro de 2013 e termina no dia 30 de junho de 2014.

3) A Escola de Futebol Os Afonsinhos funciona à 2.ª, 4.ª 6.ª feira das 18h30 às 19h30 e aos sábados das 9h15 às 10h30 e das 10h45 às 12h.

4) Nos dias de feriado nacional e municipal a escola de futebol Os Afonsinhos encontra-se encerrada. Os treinos das turmas em causa serão transferidos para o primeiro treino seguinte.

5) É permitido o acesso dos encarregados de educação dos alunos aos balneários.

6) É obrigatório a utilização do Kit Afonsinhos 2013/2014 durante os treinos e também em qualquer acção da Escola ou do Vitória Sport Clube (ex. Torneios, jogos etc...)

Artigo 5º
(Comunicação com encarregados de educação)

1) No sentido de regular a comunicação entre os encarregados de educação e a Escola de Futebol Os Afonsinhos, sempre que um encarregado de educação quiser pedir alguma informação ou esclarecimento deve utilizar horário de atendimento aos encarregados de educação.

2) Horário de atendimento aos encarregados de educação: 3.ª feira das 18h00 às 19h00 no departamento de futebol formação do Vitória Sport Clube.

3) A comunicação da Escola de Futebol Os Afonsinhos com os alunos e encarregados de educação é feita através de correio electrónico e o placar informativo colocado à entrada do complexo desportivo do Vitória Sport Clube.

4) O e-mail da Escola de Futebol Os Afonsinhos é afonsinhos@vitoriasc.pt sendo que o número de telefone do departamento de futebol formação do Vitória Sport Clube é 253 43 17 24.

Artigo 6º
(Calendário anual de actividades)

1) O calendário anual de actividades compreende vários eventos competitivos, tais como:

   a) Liga mini – Tempo Livre

   b) Torneios Vários

   c) Encontro entre escolas

   d) Entrada com os jogadores de futebol profissional nos jogos do Vitória Sport Clube, no Estádio D. Afonso Henriques.

Artigo 7º
(Seleções e Equipas de Competição)

1) A selecção das turmas é da inteira responsabilidade do corpo técnico e da coordenação técnica da Escola Afonsinhos do departamento de formação do Vitória Sport Clube.

2) Nas competições em que não seja possível a participação de todos os alunos, a responsabilidade da selecção cabe exclusivamente aos treinadores da escola, com a

última palavra a pertencer ao coordenador técnico. O tempo de utilização dos alunos durante o jogo será definido pelo(s) treinadores.

3) Nos jogos entre escolas (Amigáveis) todos os alunos serão convocados e tem-se como regra o mesmo tempo de jogo para cada aluno.

Artigo 8º
(Valor da Inscrição e mensalidades)

1) O valor da inscrição ou renovação na escola inclui o Kit Afonsinhos (camisola, calções, meias, fato de treino e mochila) e ainda um seguro para a prática desportiva.

2) No acto da inscrição devem ser entregues pelo encarregado de educação os seguintes documentos:

   a) Ficha de inscrição.
   b) Fotocópia do bilhete de identidade, Cartão de cidadão ou cédula.
   c) Declaração médica e autorização do encarregado de educação.
   d) Uma fotografia.
   e) Apresentação do(s) cartões de associados para obterem os respectivos descontos.

3) O valor das mensalidades para a época 2013/2014 estão presentes no quadro seguinte:

Tipo	Mensalidade	Kit Afonsinhos
Sócios	39,90 €	100€
Não Sócios	49,90 €	

NOTA: À escola de Futebol Os Afonsinhos reserva-se o direito de lançar campanhas promocionais ao longo da época desportiva.

4) Os alunos que tenham um ou mais irmãos inscritos na escola gozam de um desconto de 5€ no valor da mensalidade.

5) O valor da mensalidade tem de ser liquidado mensalmente na secretaria do departamento de formação do Vitória Sport clube.

6) O pagamento da mensalidade tem de ser efectuado até ao dia 10 do mês corrente. Em caso de atraso no pagamento da mensalidade, após 5 dias úteis da data prevista, o aluno ficará impedido de treinar.

7) É obrigatório, a apresentação do cartão de sócio do Vitória Sport Clube e a respectiva cota para liquidar a mensalidade, se pretenderem usufruir dos descontos previstos no presente regulamento.

Artigo 9º
(Direitos de imagem dos Alunos)

1) Todos os direitos de imagem dos alunos em eventos organizados pela Escola de Futebol Os Afonsinhos são propriedade do departamento de futebol formação do Vitória Sport Clube.

Artigo 10º
(Faltas e desistências dos Alunos)

1) O aluno só fica isento do pagamento da mensalidade em duas situações:

   a) Ausência por motivos de saúde durante um ou mais meses completos. É obrigatório a justificação com atestado médico.

   b) Ausência planeada pelos pais durante um ou mais meses completos. É obrigatório a justificação de ausência assinada pelo encarregado de educação até ao quinto dia útil do mês em questão.

2) Após ausência prolongada, superior a três meses, não comunicada e injustificada do aluno, incorrerá na perda de inscrição.

Artigo 11º
(Perdidos e achados)

1) A escola de futebol não se responsabiliza pelo desaparecimento ou deterioração de qualquer objecto deixado pelos alunos nas instalações do Vitória Sport Clube.

2) Sugerimos que no vestuário ou objectos seja marcado o nome do aluno. Aconselhamos também os encarregados de educação a não deixarem que os alunos transportem objectos de valor para os balneários.

3) Qualsquer objectos encontrados nos balneários serão guardados até ao final da época em curso. Durante este período podem ser reclamados pelos encarregados de educação.

Artigo 12º
(Direitos dos alunos)

1) Ser tratado com respeito e dignidade por parte de todos os intervenientes da escola de futebol Os Afonsinhos.

2) Ver garantida a sua segurança em qualquer actividade da escola de futebol Os Afonsinhos.

3) Usufruir de um processo de desenvolvimento que promova o desenvolvimento das capacidades desportivas, intelectuais e sociais.

Artigo 13º
(Deveres dos alunos)

1) Tratar todos os intervenientes da escola de futebol Os Afonsinhos, com respeito e tolerância em todas as actividades.

2) Equipar sempre com o Kit Afonsinhos, sendo obrigatório o uso de calçado apropriado no treino.

3) Abandonar as instalações do Vitória Sport Clube apenas com o seu encarregado de educação ou acompanhado por pessoas devidamente autorizadas pelo encarregado de educação.

4) Os alunos devem zelar sempre pelo património do Vitória Sport Clube.

Artigo 14º
(Direitos dos encarregados de educação)

1) Ser tratado com respeito por todos os intervenientes da escola de futebol Os Afonsinhos.

2) Aceder às instalações do Vitória Sport Clube, respeitando no entanto os espaços destinados aos encarregados de educação.

3) Ser informado de qualquer alteração ao normal funcionamento da escola de futebol Os Afonsinhos.

4) Expor dúvidas ou pedir esclarecimentos sobre o seu educando, sempre no local apropriado.

Artigo 15º
(Deveres dos encarregados de educação)

1) Tratar com respeito todos os intervenientes da escola de futebol Os Afonsinhos.

2) Manter actualizado o pagamento das mensalidades do aluno sob pena de este ser impossibilitado de participar nas actividades.

3) Informar a escola sobre questões de saúde do aluno que possam condicionar a participação nas actividades da escola de futebol Os Afonsinhos.

4) Não perturbar ou interferir de forma alguma nas actividades, seja nos treinos, competições ou outros.

Artigo 16º
(Segurança dos alunos)

1) Os alunos só poderão sair das instalações do Vitória Sport Clube acompanhados pelos encarregados de educação ou por pessoas autorizadas pelo encarregado de educação.

2) Os alunos só poderão sair sozinhos das instalações se estiverem devidamente autorizados por escrito pelos encarregados de educação.

Artigo 17º
(Seguro dos alunos)

1) Todos os alunos inscritos na escola de futebol Os Afonsinhos estão abrangidos por um seguro de acidentes desportivos.

Artigo 18º
(Comportamento dos alunos)

1) Caso haja mau comportamento ou incumprimento dos deveres por parte do aluno no normal funcionamento das actividades o encarregado de educação será avisado.

2) Se o mau comportamento continuar, reserva-se à escola de futebol Os Afonsinhos o direito de excluir o aluno não havendo lugar ao reembolso do valor da inscrição ou mensalidades.

Artigo 19º
(Comportamento dos encarregados de educação)

1) No caso de verificar-se um comportamento incorrecto ou incumprimento dos deveres por parte dos encarregados de educação, reserva-se à escola o direito de excluir o aluno não havendo lugar ao reembolso do valor da inscrição ou mensalidades.

Artigo 20º
(Omissões)

1) A escola de futebol Os Afonsinhos reserva-se ao direito de decidir casos omissos ou qualquer dúvida que surja na interpretação deste regulamento, sempre com o bom senso adequado.

Anexo 5: Regulamento Interno Escola de Futebol Pauleta

ESCOLA DE FUTEBOL PAULETA

Dezembro de 2012

ÍNDICE

1 – Introdução ---- 3
2 – Identificação da Escola ---- 3
2. 1 – Símbolo da Escola ---- 3
3 – Instalações ---- 4
3.1 – Utilização dos espaços ---- 4
4 – Regime de funcionamento da Escola ---- 5
4.1 – Temporada, Treinos e Horários ---- 5
4.2 – Horários e Procedimentos ---- 6
5 – Organização da Escola ---- 6
5.1 – Destinatários ---- 6
5.2 – Equipa Técnica ---- 7
6 – Elementos da Escola ---- 7
6.1 – Disposições comuns ---- 7
6.2 – Praticantes ---- 8
6.2.1 – Direitos do Praticante ---- 8
6.2.2 – Deveres do Praticantes ---- 8
6.2.3 – Normas de Conduta dos Praticantes ---- 10
6.3 – Normas de Conduta dos Professores/ Treinadores ---- 10
6.4 – Normas de Conduta dos Pais ---- 11
6.5 – Disciplina ---- 11
7 – Regime de Faltas ---- 11
8 – Reuniões / Contatos com os Pais / Encarregados de Educação ---- 12
9 – Segurança na Escola ---- 12
10 – Informações ---- 13
11 – Regulamento Interno ---- 13
12 – Contactos da Escola ---- 14
13 – Casos Omissos ---- 14

REGULAMENTO INTERNO DA ESCOLA DE FUTEBOL PAULETA

1 - INTRODUÇÃO

Serve este Regulamento Interno como instrumento de orientação definindo o regime de funcionamento da Escola de Futebol Pauleta no seu conjunto de cada um dos seus elementos, das relações que entre eles se estabelecem sendo também o documento que define os direitos e deveres de cada um dos intervenientes da Escola de Futebol Pauleta.
Aplica-se a todos os elementos da Escola a partir do momento que esta inicia as suas atividades, e a partir do momento que todos os seus intervenientes iniciam as suas funções.
Pretende-se assim através deste Regulamento Interno ter um documento que oriente a ação de todos os intervenientes da Escola, ficando aberta a possibilidade de ajustamentos futuros, pois a operacionalidade de qualquer regulamento deve ser confirmada pela prática.

2 - IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

A Escola de Futebol Pauleta foi criada em fevereiro de 2004, tendo sido apresentada em conferência de imprensa a 18 abril de 2004, iniciando a sua atividade no dia 4 de setembro de 2004.

2.1 - SIMBOLO DA ESCOLA

- A Escola de Futebol Pauleta adotou o seguinte logótipo:

escola de futebol
Pauleta

- Assim, simulou-se através de linhas simples e suaves, mas de forte presença, a característica de Pauleta após a obtenção do golo. **A forma expressiva de o festejar.**

- O elemento "bola" aparece em grande dimensão, mas incompleto e posterior ao elemento principal porque se pretende juntar à razão de ser da marca (a prática do futebol), o nascimento para essa mesma prática já que de escola se trata, representado pela bola incompleta (simulação do sair da casca).

- As três manchas de cor pretendem localizar geograficamente, ainda que de forma abstrata, a atividade que a Escola de Futebol Pauleta vai desenvolver. Representam assim o Céu, azul claro; o Mar, azul escuro e a Terra, de menor dimensão, verde.

- A cor central escolhida foi o bordeou pela aproximação visual à imagem que nos fica, já que é a representar a Seleção Nacional Portuguesa que o cidadão anónimo mais se identifica com a forma única de Pauleta festejar aquilo que como poucos sabe fazer, ...golos!

3 - INSTALAÇÕES

A Escola de Futebol Pauleta desenvolve a sua atividade no Complexo Desportivo Pedro Pauleta, sito na Estrada Regional da Ribeira Grande, 1140 São Roque – 9500-702 Ponta Delgada. Usufruindo de um campo de futebol 11 (dois de futebol7) piso sintético com bancada coberta para 200 espectadores e respetivo edifício de apoio onde engloba balneários masculinos e femininos, casa de banho para pessoas com necessidades especiais, secretaria servindo de apoio informativo e administrativo, sala de reuniões, gabinete de treinadores/gabinete médico, sala de arrumações e casas de banho públicas.

3.1 - UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

O acesso ao campo de futebol é condicionado aos tempos efetivos de treino (horário do treino), contudo aconselha-se a chegada ao recinto com a antecedência necessária.

Os praticantes só entram no campo de futebol após o apito do professor / treinador para início do treino, devendo aguardar a sua chegada, de forma disciplinada.

4 - REGIME DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA

4.1 - TEMPORADA, TREINOS E HORÁRIOS

A Escola de Futebol Pauleta inicia a sua atividade (treinos) a meados de setembro, terminando em finais de junho.

Nas interrupções escolares pelo Natal, Carnaval e Páscoa a Escola de Futebol Pauleta dará continuidade ao seu trabalho, no entanto estará encerrada em dias posteriormente definidos. Sendo todos os seus elementos informados.

Nos feriados a escola não desenvolve as suas atividades, estando encerrada.

Realizar-se-ão 3 (três) treinos semanais com a duração de uma hora, existindo um ou dois (1 ou 2) turnos diários com a seguinte distribuição:

Horas/Dias	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado
09h30 – 10h30						Sub 7A Sub 9A
11h00 – 12h00						Sub 11 Sub 13
18h00 – 19h00	Sub 7B Sub 9B	Sub 7A Sub 9A	Sub 7B Sub 9B	Sub 7A Sub 9A	Sub 7B Sub 9B	
19h15 – 20h15		Sub 11 Sub 13		Sub 11 Sub 13		

- Se por razões de força maior, o(s) professor(es) / treinador(es) se virem impossibilitados de comparecer no treino à hora definida, a escola providenciará uma substituição do professor / treinador em questão.

- Qualquer atraso do praticante deverá ser sempre justificado ao seu professor / treinador.

- Qualquer atraso / falta do professor / treinador deverá ser sempre justificado e informado ao Diretor Técnico, e informado ao secretário da escola e ao professor / treinador com que faz equipa técnica no escalão.

4.2 - HORÁRIOS E PROCEDIMENTOS

A secretaria estará aberta todos os dias a partir das 14:00H às 21.00H e aos Sábados das 8.30H às 13.30H.

As mensalidades deverão ser pagas, antecipadamente até ao dia 8 de cada mês, após o qual existirá uma multa de 10% sobre o valor em atraso.

No ato da inscrição o praticante terá que pagar uma taxa de inscrição, ficando com direito a um fato de treino, duas t´shirt, uns calções, um par de meias, um cartão do praticante (identificação), seguro desportivo e com direito ao atestado médico de robustez.

5 - ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

5.1 - DESTINATÁRIOS

A Escola de Futebol Pauleta destina-se a todos os jovens do sexo masculino e feminino com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos, formando 4 (quatro) grupos a saber:

- Sub 7 – praticantes com 5 e 6 anos.

- Sub 9 – praticantes com 7 e 8 anos.

- Sub 11 – praticantes com 9 e 10 anos.

- Sub 13 – praticantes com 11 e 12 anos.

Contudo, no início da época, poderão inscrever-se crianças com 4 anos de idade, desde que efetuem 5 anos de idade até ao mês de dezembro da época em questão.

5.2 - EQUIPA TÉCNICA

A equipa técnica da escola é composto pelos seguintes elementos:
- Um diretor técnico técnico que poderá ou não acumular a função de Professor / Treinador.

- Dois Professores/Treinadores por cada escalão de 30/32 praticantes, ou um professor / treinador por um escalão com 15 / 17 praticantes.

6 - ELEMENTOS DA ESCOLA

6.1 - DISPOSIÇÕES COMUNS

- Todos os elementos da Escola de Futebol Pauleta devem:

a) Promover entre si um bom convívio, de modo a que na escola se viva um clima de harmonia e sã camaradagem;
b) Colaborar ativa e empenhadamente para que a ação educativa e formativa seja de todos;
c) Ser assíduos e pontuais no cumprimento dos horários;
d) Zelar pela conservação do material de treino, do campo de futebol 11 e do campo de futebol 7, bem como de todo o que é propriedade da escola e, portanto, do interesse comum;
e) Respeitar as regras de higiene quando permanecerem ou circularem nos espaços desportivos;

f) Adotar atitudes e comportamentos dignos dentro do recinto desportivo;
g) Proceder com correção para com todos os elementos da escola;
h) Não circular por cima da relva, mas sim pelos passeios envolventes;
i) Cumprir e zelar pelo cumprimento do regulamento interno.

6.2 - PRATICANTES

- À inscrição do praticante na Escola de Futebol Pauleta correspondem direitos e deveres:

6.2.1 - DIREITOS DO PRATICANTE

a) Usufruir de um ensino e de um treino de qualidade de forma a proporcionar a realização de aprendizagens bem sucedidas;
b) Usufruir de um ambiente proporcionado pelo Professor / Treinador que permita condições ótimas para o seu desenvolvimento físico, técnico, tático, psicológico, intelectual, moral, cultural e cívico, como também para a formação da sua personalidade;
c) Ver reconhecido e valorizado o mérito, a dedicação, o esforço no treino e no desempenho escolar (notas) e ser estimulado nesse sentido;
d) Ser física e moral;
e) Ser assistido de forma pronta e adequada em caso de lesão manifestada no decorrer dos treinos. Tratado com respeito e correção por qualquer elemento da escola;
f) Ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade.

6.2.2 - DEVERES DO PRATICANTE

a) Ser assíduo e pontual.
Em relação à assiduidade, existirá um mapa de presenças aos treinos que será fundamental para possíveis escolhas dos praticantes em outras atividades da escola (convívios desportivos, intercâmbios escolares, campos de férias, etc.);

b) Seguir as orientações do Professor / Treinador relativas ao seu processo de treino (ensino – aprendizagem);
c) Tratar com respeito e correção qualquer elemento da escola;
d) Ser leal para com o seu Professor / Treinador e colegas;
e) Respeitar as instruções do Professor / Treinador e outros elementos da escola;
f) Respeitar as decisões e atitudes dos árbitros, adversários e de qualquer outro elemento presente no treino e/ou jogo;
g) Contribuir para a harmonia da convivência no seio da escola;
h) Respeitar a integridade física e moral de todos os elementos da escola;
i) Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações bem como do material de treino fazendo uso correto dos mesmos;
j) Respeitar a propriedade dos bens de todos os elementos da escola;
k) Conhecer as normas de funcionamento da secretaria e do regulamento interno cumprindo-as integralmente;
l) Fazer-se acompanhar sempre do seguinte material:

. Fato de treino;
. T-shirt;
. Calções;
. Meias;
. Caneleiras (opcional);
. Botas de futebol (piton de borracha obrigatório);
. Uma peça de vestuário mais quente para vestir logo a seguir ao treino (blusão/camisola,etc.);
. Cartão do praticante

m) Respeitar os prazos estipulados pela escola para efetuar a inscrição e pagamento da mensalidade;
n) Ser diariamente portador do cartão do praticante e;
m) Cumprir todas as normas definidas no panfleto "Faz Sempre o Teu Melhor".

6.2.3 – NORMAS DE CONDUTA DOS PRATICANTES

- Respeitar Treinadores, Colegas, Adversários e Árbitros;
- Ser pontual e assíduo;
- Trazer sempre o equipamento da Escola de Futebol Pauleta;
- Participar e jogar, de acordo com as regras e o espírito do jogo;
- Cooperar e colaborar com os Treinadores e Colegas em todos os exercícios / os jogos;
- Dar mais importância à prestação e não aos resultados;
- Ter sempre uma atitude positiva e encorajar os colegas para fazerem o mesmo;
- Ter sempre presente e atuar segundo o lema da Escola "Faz sempre o Teu melhor";
- Cumprir todas as normas definidas no panfleto "Faz sempre o Teu Melhor".

6.3 – NORMAS DE CONDUTA DOS PROFESSORES / TREINADORES

- Respeitar todos os Praticantes e Pais;
- Planear e orientar todas as sessões de treino de acordo com os objetivos previamente definidos;
- Ensinar os conteúdos através de atividades seguras e adequadas às necessidades e características dos praticantes;
- Valorizar fundamentalmente o esforço e o progresso na aprendizagem;
- Ensinar e desenvolver nos praticantes as regras de jogo, espírito de fair-play e comportamento desportivo apropriado;
- Proporcionar às crianças a alegria e o prazer do jogo, promovendo o gosto e o hábito pela prática desportiva;
- Garantir que os praticantes se divirtam e se desenvolvam enquanto jogadores de Futebol e pessoas;
- Não utilizar e não permitir que seja utilizada linguagem abusiva;
- Zelar pelo cumprimento das normas definidas no panfleto "Faz o Teu Melhor" pelos praticantes e "Contribua para que o seu filho a fazer o seu melhor" pelos pais.

rar próxima página (seta à direita)

6.4 – NORMAS DE CONDUTA DOS PAIS

- Seja o principal fã do seu filho;
- Respeite os Treinadores, os outros Pais e todos os Praticantes;
- Após os treinos, fale com o seu filho sobre os aspetos positivos e negativos da sua prestação, enfatizado os positivos;
- Ajude o seu filho a centrar-se na prestação e não no resultado;
- Não entre no relvado durante a sessão de Treino;
- Apoie o seu filho, mas não lhe dê indicações (deixe isso a cargo dos Treinadores);
- Não esqueça que o jogo é para as crianças e não para a glória dos Pais;
- Cumpra todas as normas definidas no panfleto "Contribua para que o seu filho a fazer o seu melhor".

6.5 - DISCIPLINA

A violação pelo praticante de alguns deveres e normas de conduta previstos no regulamento interno em termos que se revelem perturbadores do funcionamento normal da escola (treinos/jogos), constitui infração disciplinar a qual pode levar à aplicação de medidas disciplinares (advertência, ordem de saída do treino/jogo, repreensão e suspensão da Escola de Futebol Pauleta). Sendo que, neste caso, não haverá direito ao retorno da mensalidade do mês da ocorrência.
A violação pelos pais de algumas das normas de conduta previstos no regulamento interno em termos que se revelem perturbadores do funcionamento da escola (treinos / jogos), constitui infração às normas pelo que o professor / treinador e o diretor técnico devem dialogar com os pais nos sentido de haver respeito e cumprimento pelas normas de conduta.

7 - REGIME DE FALTAS

É através de uma prática desportiva regular e sistemática que o praticante pode elevar a sua qualidade e melhorar num processo adequado de formação desportiva, provocando, assim, desenvolvimento nos domínios motor, cognitivo e sócio-afetivo. Para que isso aconteça, é necessário e indispensável que o praticante seja responsável e assíduo.

Assim sendo, a escola estabelecerá um limite de quatro faltas por mês. O praticante, ultrapassando esse limite sem justificação, poderá ser excluído da escola, sendo a sua vaga ocupada por um praticante em lista de espera.

8 - REUNIÕES / CONTATOS COM OS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

- No início de cada época desportiva haverá uma reunião, por escalão ou escalões, entre o diretor técnico, os professores / treinadores e os pais dos praticantes com o intuito de abordar a época desportiva, estabelecer e planear todo o trabalho futuro.
- no final do período o treinador principal de cada escalão realizará uma ficha de informação (ficha de avaliação) de cada praticante, sendo um meio de fornecer informações aos praticantes e aos respetivos pais sobre o comportamento e o aproveitamento do praticante na escola.
- O contacto com os encarregados de educação é de vital importância para facilitar o trabalho do professor/treinador na formação do jovem futebolista. Assim, sempre que os pais quiserem obter informações dos seus filhos, podem fazê-lo com o respetivo Professor / Treinador ou ainda com o Diretor Técnico.
- Poderão estabelecer-se reuniões periódicas a nível geral/grupo, como também a nível individual. Ficará ao critério de cada professor/treinador o estabelecimento das datas propícias a essas mesmas reuniões e as suas formas de contacto (pessoal, telefone, carta, e-mail).

9 - SEGURANÇA NA ESCOLA

- A Escola de Futebol Pauleta coloca à disposição dos praticantes os meios necessários à prevenção e proteção em caso de acidente/lesão.

- O programa de prevenção do acidente/lesão desportiva e o seguro desportivo constituem, no seu conjunto, um instrumento de apoio prestado aos praticantes.
- O programa de prevenção do acidente/lesão desportiva consiste num conjunto de ações de natureza educativa, desenvolvidas no âmbito das atividades da Escola de Futebol, destinadas a promover a segurança e a prevenir a ocorrência de lesões.

- O seguro desportivo traduz-se num mecanismo de proteção económico-financeira destinada a cobrir alguns riscos inerentes aos danos resultantes do acidente/lesão desportiva. Assim, na eventualidade de surgir no treino / ou eventuais jogos algum acidente/lesão, os praticantes dos Sub 7 e dos Sub 9, da Escola de Futebol Pauleta, poderão ser assistidos na Açorclinica - Reabilitação Física Lda, situada na rua S. Bento Menni 5-R/C, Ponta Delgada, sendo assegurados pela Companhia de Seguros Tranquilidade. Os praticantes dos Sub 11 e dos Sub 13, da Escola de Futebol Pauleta, poderão ser assistidos na Clínica de São Sebastião, situada na ra da Arquinha, 95-B/C - Ponta Delgada, sendo assegurados pela Companhia de Seguros Liberty Seguros.

10 – INFORMAÇÕES

- Os alunos terão à sua disposição balneários onde poderão colocar todos os seus pertences.

- Os alunos não devem levar para os treinos/jogos, objetos de valor. Tudo o que for perdido ou estragado será da inteira responsabilidade dos pais/praticantes.

- Em caso de lesão (acidente) a escola contacta a família e se for necessário por impossibilidade dos pais, levará o praticante para o local mais adequado (hospital, consultório médico/massagista).

- Existirá na secretaria da escola, o Documento Orientador, que poderá e deverá ser consultado por todos os elementos da escola.

11 – REGULAMENTO INTERNO

- Na reunião de início da época, ou seja, na primeira reunião da época desportiva com o diretor técnico, professores / treinadores, pais e praticantes o Regulamento interno será alvo de análise.

12 – CONTATOS DA ESCOLA

Complexo Desportivo Pedro Pauleta
Estrada Regional da Ribeira Grande, 1140 São Roque – 9500-702 Ponta Delgada
Contribuinte nº 509 437 729 - Telefone/fax: 296 384 317
E-mail: fundacao.pauleta@sapo.pt
Site: www.escoladefutebolpauleta.com

13 – CASOS OMISSOS

- A Escola de futebol Pauleta reserva-se ao direito de decidir os casos omissos, após auscultação dos intervenientes e com o bom senso adequado.

Anexo 6: Relatório Interno Boavista F. C. – Panterinhas

Escola de Futebol Panterinhas
Complexo Desp. da Pasteleira - Rua João de Barros nº 1 , 4150 Porto
Telef/Fax: 22 618 27 23 Telem. 91 786 37 23 / 91 794 94 72

NORMAS / REGRAS DE FUNCIONAMENTO – ÉPOCA 2007 / 2008

Responsabilidades da Escola perante os alunos:

- A Escola é responsável pela formação e pelo controlo dos alunos dentro do recinto onde estiver a decorrer o treino e nos períodos em que estes se encontrem matriculados. Fora desse horário, os pais quando atrasados, deverão comunicar para a secretaria para que algum funcionário da Escola de Futebol faça o favor de esperar junto do aluno.

Assistência médica / Acidentes pessoais:

- O Departamento de Futebol de Formação do Boavista F. C., disponibiliza diariamente, o seu gabinete médico para os alunos que necessitarem de assistência.
- Todos os alunos devidamente inscritos, terão direito a um seguro de acidentes pessoais, pelo que o atestado médico será obrigatório e deverá ser entregue com urgência para começar actividade desportiva .

Mensalidades:

- Na sequência dos anos anteriores, o prazo de pagamento das mensalidades estende-se até ao dia 15 do mês em curso. Alguns torneios/jogos para os quais os alunos estiverem convocados, irão ter um custo adicional por aluno para cobrir as despesas de organização e/ou transporte. Apenas os alunos que se encontrarem com as mensalidades regularizadas poderão ser convocados para efectuar jogos. Os atletas com mais de 1 mês de mensalidade atrasada não poderão treinar sem regularizar a sua situação.

Torneios:

Assiduidade

- **Os atletas que forem convocados para os torneios e não compareçam sem aviso prévio (24 horas) , conta como presença .**

Critérios de Escolha

- **Os alunos serão escolhidos para os torneios tendo em conta a sua aplicação, assiduidade, e fundamentalmente o grau de dificuldade que o evento exige, assim como o prestigio e imagem da escola.**

Eventos por aluno

- **A Escola de Futebol garante por época um mínimo de 4 torneios / convívios , por aluno.**

Mais do que esse numero dependerá da evolução do próprio aluno , bem como a necessidade de formar equipas competitivas para determinados eventos.

Equipamento:

- O equipamento de jogo dos "Panterinhas" é obrigatório para que o aluno possa ser convocado para jogos ou torneios. Este equipamento poderá ser adquirido na Secretaria da Escola.
- O equipamento de treino aconselhado é o seguinte:

- Calção, T-Shirt, meias, caneleiras e sapatilhas ou chuteiras de "piton" de borracha.

- Não será permitido o uso de:
- Chuteiras de "piton" de alumínio ou plástico.
- Camisolas de outros clubes que não sejam do Boavista ;
- Brincos, colares, relógios ou outros objectos cortantes.
- Treinar com calças de ganga, calções de ganga ou outro material inadequado para a pratica desportiva.

- Para qualquer Torneio ou convívio o aluno só poderá participar se apresentar devidamente equipado (equipamento de jogo, caneleiras, fato treino).
- Recomenda-se a todos os alunos que levem para estes eventos uma muda de roupa suplente, toalha de banho, impermeável, produtos de higiene, chinelos).

Regras de conduta:

ALUNOS

▫ Não serão tolerados quaisquer actos violentos ou faltas de respeito para com os treinadores ou colegas de equipa e adversários . A educação e disciplina serão sempre imprescindíveis para a frequência do aluno na nossa Escola.
O incumprimento destas regras será motivo de penalização por parte da escola de futebol.

A pontualidade é muito importante para o bom funcionamento dos treinos, pelo que o aluno deverá estar sempre presente em campo, e devidamente equipado, à hora marcada.

▫ Proibido os atletas entrarem no relvado sem autorização dos treinadores.
▫ Antes de começar o treino os atletas não podem pegar em bolas, sem autorização.

PAIS

▫ É aconselhável aos pais que estejam a assistir aos treinos ou aos jogos não exercer qualquer tipo de influência na prestação dos alunos e/ou treinadores, pois tal situação prejudica o aluno..
▫ É EXPRESSAMENTE proibido os pais e familiares entrarem no terreno de treino e jogo.
▫ Pedimos o favor a todos os pais que estejam a assistir aos treinos para não se sentarem no muro com os pés para dentro do campo.
Sempre que os pais nos torneios ou convívios desejem estar junto dos filhos , devem pedir autorização ao treinador responsável.

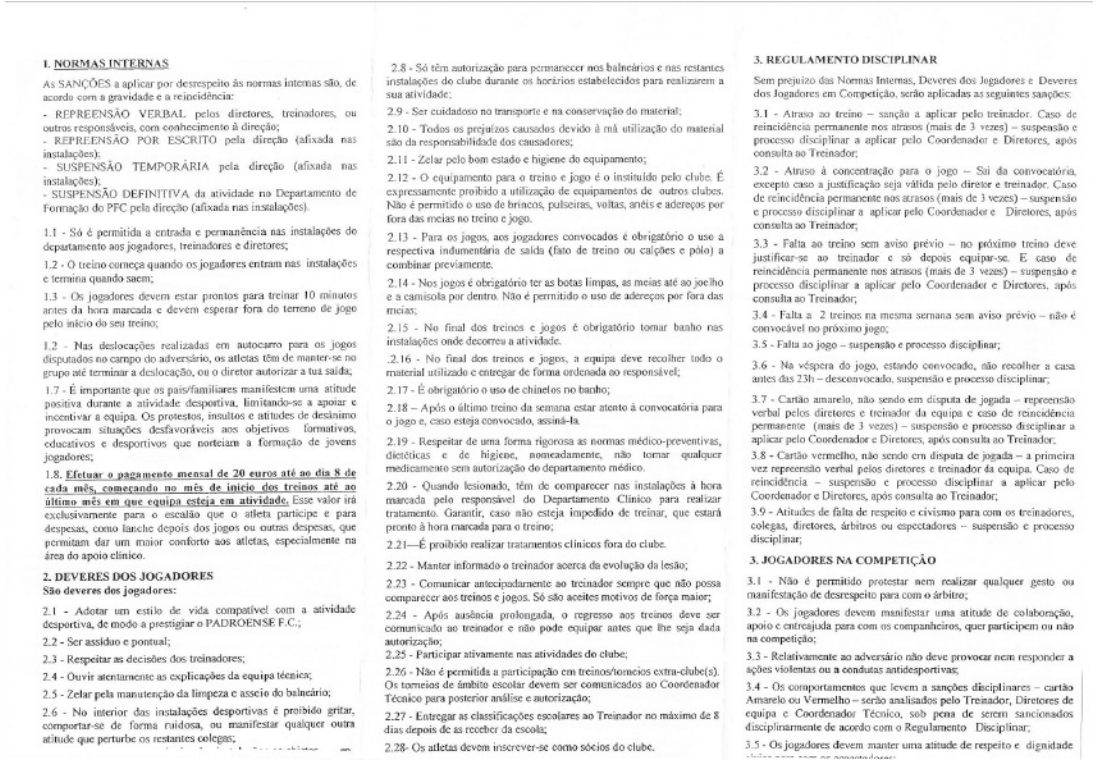
Acesso ao balneários

Jogos

- **Os acessos ao balneários são interditos aos pais, excepto quando o treinador responsável pela equipa o autorizar.**

A INSCRIÇÃO NA ESCOLA DE FUTEBOL IMPLICA POR PARTE DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO E ATLETAS A LEITURA , ACEITAÇÃO, E CUMPRIMENTO DESTAS REGRAS.

Anexo 7: Regulamento Interno Padroense F. C.



1. NORMAS INTERNAS

As SANÇÕES a aplicar por desrespeito às normas internas são, de acordo com a gravidade e a reincidência:

- REPREENSÃO VERBAL pelos diretores, treinadores, ou outros responsáveis, com conhecimento à direção;
- REPREENSÃO POR ESCRITO pela direção (afixada nas instalações);
- SUSPENSÃO TEMPORÁRIA pela direção (afixada nas instalações);
- SUSPENSÃO DEFINITIVA da atividade no Departamento de Formação do PFC pela direção (afixada nas instalações).

1.1 - Só é permitida a entrada e permanência nas instalações do departamento aos jogadores, treinadores e diretores;

1.2 - O treino começa quando os jogadores entram nas instalações e termina quando saem;

1.3 - Os jogadores devem estar prontos para treinar 10 minutos antes da hora marcada e devem esperar fora do terreno de jogo pelo início do seu treino;

1.2 - Nas deslocações realizadas em autocarro para os jogos disputados no campo do adversário, os atletas têm de manter-se no grupo até terminar a deslocação, ou o diretor autorizar a tua saída;

1.7 - É importante que os pais/familiares manifestem uma atitude positiva durante a atividade desportiva, limitando-se a apoiar e incentivar a equipa. Os protestos, insultos e atitudes de desânimo provocam situações desfavoráveis aos objetivos formativos, educativos e desportivos que norteiam a formação de jovens jogadores;

1.8. **Efetuar o pagamento mensal de 20 euros até ao dia 8 de cada mês, começando no mês de início dos treinos até ao último mês em que equipa esteja em atividade.** Esse valor irá exclusivamente para o escalão que o atleta participe e para despesas, como lanche depois dos jogos ou outras despesas, que permitam dar um maior conforto aos atletas, especialmente na área do apoio clínico.

2. DEVERES DOS JOGADORES

São deveres dos jogadores:

2.1 - Adotar um estilo de vida compatível com a atividade desportiva, de modo a prestigiar o PADROENSE F.C.;

2.2 - Ser assíduo e pontual;

2.3 - Respeitar as decisões dos treinadores;

2.4 - Ouvir atentamente as explicações da equipa técnica;

2.5 - Zelar pela manutenção da limpeza e asseio do balneário;

2.6 - No interior das instalações desportivas é proibido gritar, comportar-se de forma ruidosa, ou manifestar qualquer outra atitude que perturbe os restantes colegas;

2.8 - Só têm autorização para permanecer nos balneários e nas restantes instalações do clube durante os horários estabelecidos para realizarem a sua atividade;

2.9 - Ser cuidadoso no transporte e na conservação do material;

2.10 - Todos os prejuízos causados devido à má utilização do material são da responsabilidade dos causadores;

2.11 - Zelar pelo bom estado e higiene do equipamento;

2.12 - O equipamento para o treino e jogo é o instituído pelo clube. É expressamente proibido a utilização de equipamentos de outros clubes. Não é permitido o uso de brincos, pulseiras, voltas, anéis e adereços por fora das meias no treino e jogo.

2.13 - Para os jogos, aos jogadores convocados é obrigatório o uso a respectiva indumentária de saída (fato de treino ou calções e pólo) a combinar previamente.

2.14 - Nos jogos é obrigatório ter as botas limpas, as meias até ao joelho e a camisola por dentro. Não é permitido o uso de adereços por fora das meias;

2.15 - No final dos treinos e jogos é obrigatório tomar banho nas instalações onde decorreu a atividade.

.2.16 - No final dos treinos e jogos, a equipa deve recolher todo o material utilizado e entregar de forma ordenada ao responsável;

2.17 - É obrigatório o uso de chinelos no banho;

2.18 – Após o último treino da semana estar atento à convocatória para o jogo e, caso esteja convocado, assiná-la.

2.19 - Respeitar de uma forma rigorosa as normas médico-preventivas, dietéticas e de higiene, nomeadamente, não tomar qualquer medicamento sem autorização do departamento médico.

2.20 - Quando lesionado, têm de comparecer nas instalações à hora marcada pelo responsável do Departamento Clínico para realizar tratamento. Garantir, caso não esteja impedido de treinar, que estará pronto à hora marcada para o treino;

2.21—É proibido realizar tratamentos clínicos fora do clube.

2.22 - Manter informado o treinador acerca da evolução da lesão;

2.23 - Comunicar antecipadamente ao treinador sempre que não possa comparecer aos treinos e jogos. Só são aceites motivos de força maior;

2.24 - Após ausência prolongada, o regresso aos treinos deve ser comunicado ao treinador e não pode equipar antes que lhe seja dada autorização;

2.25 - Participar ativamente nas atividades do clube;

2.26 - Não é permitida a participação em treinos/torneios extra-clube(s). Os torneios de âmbito escolar devem ser comunicados ao Coordenador Técnico para posterior análise e autorização;

2.27 - Entregar as classificações escolares ao Treinador no máximo de 8 dias depois de as receber da escola;

2.28- Os atletas devem inscrever-se como sócios do clube.

3. REGULAMENTO DISCIPLINAR

Sem prejuízo das Normas Internas, Deveres dos Jogadores e Deveres dos Jogadores em Competição, serão aplicadas as seguintes sanções:

3.1 - Atraso ao treino – sanção a aplicar pelo treinador. Caso de reincidência permanente nos atrasos (mais de 3 vezes) – suspensão e processo disciplinar a aplicar pelo Coordenador e Diretores, após consulta ao Treinador;

3.2 - Atraso à concentração para o jogo – Sif da convocatória, excepto caso a justificação seja válida pelo diretor e treinador. Caso de reincidência permanente nos atrasos (mais de 3 vezes) – suspensão e processo disciplinar a aplicar pelo Coordenador e Diretores, após consulta ao Treinador;

3.3 - Falta ao treino sem aviso prévio – no próximo treino deve justificar-se ao treinador e só depois equipar-se. E caso de reincidência permanente nos atrasos (mais de 3 vezes) – suspensão e processo disciplinar a aplicar pelo Coordenador e Diretores, após consulta ao Treinador;

3.4 - Falta a 2 treinos na mesma semana sem aviso prévio – não é convocável no próximo jogo;

3.5 - Falta ao jogo – suspensão e processo disciplinar;

3.6 - Na véspera do jogo, estando convocado, não recolher a casa antes das 23h – desconvocado, suspensão e processo disciplinar;

3.7 - Cartão amarelo, não sendo em disputa de jogada – repreensão verbal pelos diretores e treinador da equipa e caso de reincidência permanente (mais de 3 vezes) – suspensão e processo disciplinar a aplicar pelo Coordenador e Diretores, após consulta ao Treinador;

3.8 - Cartão vermelho, não sendo em disputa de jogada – a primeira vez repreensão verbal pelos diretores e treinador da equipa. Caso de reincidência – suspensão e processo disciplinar a aplicar pelo Coordenador e Diretores, após consulta ao Treinador;

3.9 - Atitudes de falta de respeito e civismo para com os treinadores, colegas, diretores, árbitros ou espectadores – suspensão e processo disciplinar;

3. JOGADORES NA COMPETIÇÃO

3.1 - Não é permitido protestar nem realizar qualquer gesto ou manifestação de desrespeito para com o árbitro;

3.2 - Os jogadores devem manifestar uma atitude de colaboração, apoio e entreajuda para com os companheiros, quer participem ou não na competição;

3.3 - Relativamente ao adversário não deve provocar nem responder a ações violentas ou a condutas antidesportivas;

3.4 - Os comportamentos que levem a sanções disciplinares – cartão Amarelo ou Vermelho – serão analisados pelo Treinador, Diretores de equipa e Coordenador Técnico, sob pena de serem sancionados disciplinarmente de acordo com o Regulamento Disciplinar;

3.5 - Os jogadores devem manter uma atitude de respeito e dignidade

4. CAPITÃO E SUB-CAPITÃES

O Capitão e dois Sub-Capitães devem ser nomeados pelo Treinador, depois de ouvido os Diretores de equipa e o Co-ordenador Técnico, segundo os seguintes critérios:

4.1 - Mostrar em treino e na competição uma elevada capacidade de liderança do grupo;

4.2 - Demonstrar atitudes de companheirismo e entreajuda para com os seus colegas de equipa;

4.3 - Manifestar civismo e urbanidade nas condutas com os diretores, treinadores, companheiros, árbitros e assistência;

4.4 - Demonstrar capacidade de jogo que permita perspectivar elevadas possibilidades de inclusão na formação inicial da equipa num elevado número de jogos.

4.5 São deveres do Capitão e dos Sub-Capitães:

4.5.1 - Dar o exemplo de dignidade e comportamento irrepreensível;

4.5.2 - Fomentar o companheirismo e a coesão da equipa;

4.5.3 - Cumprir e fazer cumprir as instruções dos treinadores, diretores e as disposições do Regulamento Interno;

4.5.4 - Dirigir-se de modo correto à equipa de Arbitragem;

4.5.5 - Cumprir com dignidade e correção as funções que lhe são estipuladas pelo regulamento.

4.5.6 - Fazer-se respeitar na limpeza do balneário e dos equipamentos de jogo/treino.

4.6 Sempre que for pedagogicamente adequado e os jogadores demonstrarem competência para tal, deve fazer-se uma rotação por um elevado número de jogadores das funções de capitão.

JOGADOR MODELO

Que não se acomoda, SUPERA-SE quando necessário

Ajuda a criar um clima COLECTIVO de superação

Não teme COMPETIR sob pressão

Capacidade de DECISÃO/ACREDITA em si próprio

AUTODISCIPLINADO, RESPONSÁVEL

Não se sobrepõe individualmente ao COLECTIVO

DISPONÍVEL para aprender e melhorar

SABER adquirido + TRANSPIRAÇÃO + INSPIRAÇÃO

REAGE de modo persistente à fadiga, ao erro e ao sucesso

(Adaptado de Jorge Araújo, Revista Horizonte, Vol. XVII, nº 130, 2001)

5. CÓDIGO DE CONDUTA DOS PAIS

5.1 - Respeitar as competências de TODOS OS AGENTES que intervêm no processo de formação dos jovens futebolistas: Dirigente = dirigir; Treinador = treinar; Árbitro = arbitrar; Pais = educar;

5.2 - Conhecer o REGULAMENTO INTERNO do Departamento de Futebol de Formação do PADROENSE F.C.

5.3 - ACOMPANHAR de forma regular e sistemática o processo de formação (desportiva e humana) do seu filho.

5.4 - Quando não estão satisfeitos com a evolução, aproveitamento das qualidades e apoio dado ao atleta, falem com O COORDENADOR TÉCNICO e apresentem soluções, mas não expressem o vosso estado de espírito durante e após o jogo.

5.5 - Para questões administrativas, justificações de faltas, viagens, horários de treinos/jogos, etc...falar com os DIRECTORES.

5.6 - Respeitar os ESPAÇOS DE TREINO/JOGO - não devem "invadir" o espaço envolvente ao treino e ao jogo.

5.7 - Educar, incentivar e apoiar os VOSSO FILHOS na CRIAÇÃO DE HÁBITOS compatíveis com as responsabilidades de um desportista de forma a que estes: cumprir os HORÁRIOS de início de treinos, jogos ou outras atividades; respeitar as REGRAS e funcionamento do treino / jogo; respeitar todos os intervenientes ao JOGO; respeitar as REGRAS ALIMENTARES de um atleta; respeitem as regras de DESCANSO e recuperação entre treinos /jogos.

5.8—**Adotar comportamentos adequados aos princípios humanos e desportivos, tais como:**

- Reforçar bons comportamentos/punir de forma adequada os maus comportamentos;
- Instituir um discurso construtivo e de responsabilidade com os filhos; ajudar na definição de objetivos;
- Incutir no atleta de que só com trabalho (físico, técnico, tático e mental) consegue evoluir e atingir os objetivos;
- Não devem fazer comentários técnicos para os atletas, pois podem estar a colidir com indicações dos responsáveis técnicos–RESPEITAR AS OPÇÕES DO TREINADOR.
- Evitar desempenhar o papel de "treinador" em casa e não só... (ninguém melhor que o treinador sabe avaliar o trabalho desenvolvido pelo seu filho)
- Não andem pelas linhas laterais a dar indicações, eles sabem o que fazer, libertem os atletas da vossa pressão, já basta a deles próprios.
- Não devem desenvolver a ideia: " O meu filho é o melhor ..." mas sim " A equipa é que é importante..."
- Ajudar o atleta nem sempre significa concordar e dar cobertura às suas opiniões; não servir de "caixa de ressonância" das queixas dos atletas.
- Não transferir a frustração do pai pela derrota, contagiando (impondo) a frustração ao filho;
- Não reforçar com prémios monetários os filhos pelas vitórias, golos marcados, dar roupas, livros, etc....
- No apoio à equipa os pais devem formar um grupo coeso de apoio e não de pressão ao treinador/jogador/árbitro.
- Quando detectarem algum comportamento anormal não hesitem em solicitar apoio ao clube.

PADROENSE FUTEBOL CLUBE

PADROENSE

FUTEBOL FORMAÇÃO

Regulamento Interno do Departamento de Futebol de Formação

O REGULAMENTO INTERNO tem como objetivo garantir a coerência desejável das atitudes e dos comportamentos dos jovens jogadores com o propósito de criar um verdadeiro grupo de trabalho, onde os direitos e os deveres, o respeito e a solidariedade, a firmeza e a justiça, a vontade e a ambição sejam constantes, assim como os meios para a obtenção dos objetivos estabelecidos.

GANHAR A FORMAR SEMPRE É A NOSSA META.

Provavelmente, não estarão aqui mencionadas todas as situações que "um dia" serão alvo de decisão sancionatória. Essas, porque "fogem" ao nosso determinismo probabilístico, serão alvo de decisão após o devido processo de averiguações

ÉPOCA 2016/ 2017

Anexo 8: Relatório jogador

Departamento de Scouting
RELATÓRIO NIVEL 1

ÉPOCA 2008/2009

1. DADOS PESSOAIS

Nome		Data de Nascimento		Idade	19
Clube	CRUZEIRO/BRASIL	N.º Plantel		Posição Preferencial	MÉDIO ESQUERDO
Nacionalidade	Brasileiro	Telefone			
Escalão	Seniores				
Estatura / Peso	1,70 CM 63 KG	Pé Preferencial	ESQUERDO		
Posição que ocupa no sistema FCP	AVANÇADO ESQUERDO/EXTREMO				

Observações: Atleta observado através de um DVD.

2. DADOS RELATIVOS À COMPETIÇÃO

Competição	SUDAMERICANO	Jogo	URUGUAY		BRASIL
Data	28-1-2009	Hora	20:40	Campo	POLIDEPORTIVO CACHAMAY

3. ANÁLISE DAS DIMENSÕES DO RENDIMENTO

3.1. TÁCTICO-TÉCNICA-FISICAS-PERSONALIDADE

TÁCTICO: É um jogador que actua preferencialmente com o pé esquerdo, sendo natural ocupar espaços ofensivos mais pelo lado esquerdo. Contudo, é também útil a jogar atrás do avançado e do lado direito, pois faz várias diagonais para a zona central.

TÉCNICO: Jogador com excelente toque de bola, capacidade para fintar e fazer o último passe. Protege muito bem a bola, sendo imprevisível com ela nos pés.

FÍSICO: Atleta extremamente rápido, explosivo e com poder de choque.

PERSONALIDADE: Jogador com perfil de líder, pois vulgariza o jogo ofensivo da equipa.

4. PARECER GLOBAL

Jogador de elite. Apesar de ser novo, as suas qualidades são bem evidentes. Drible, passe, condução de bola, velocidade, coragem, assumindo o jogo sem medo de errar.

Encaixaria perfeitamente no sistema do FCP actuando como médio interior esquerdo, ou avançado esquerdo, no entanto, rende mais se a equipa jogar num sistema que predomine os processos ofensivos através de extremos.

Deve moderar o esforço, de maneira a estar sempre em condições físicas para poder desequilibrar.

AVALIAÇÃO FINAL	C	BC	BB	AB	A

O Observador
BRUNO GUEDES

DEPARTAMENTO DE SCOUTING
RELATÓRIO NIVEL 1

2009/10

fcporto.pt

FC Porto

1. Dados Pessoais

Nome		Data de Nascimento		Idade	18
Clube	Club Atlético Banfield	N.º Plantel	8	Posição Preferencial	Médio ofensivo
Nacionalidade	Colombia	Telefone			
Escalão	Seniores				
Estatura / Peso	1,80 cm – 74 kg	Pé Preferencial	Esquerdo		
Posição que ocupa no sistema FCP	Médio interior/esquerdo				

Observações: Foi observado através de alguns momentos no youtube e compactos.
O seu passe está avaliado em 1.000.000 €.

2. Dados Relativos a Competição

Competição		Jogo			
Data		Hora		Campo	

3. Análise das Dimensões do Rendimento

3.1. Táctico-Técnica-Físicas-Personalidade

TÁCTICO: Actua a médio esquerdo ou médio ofensivo. É um jogador agressivo e competente tacticamente, fecha linhas de passe e ocupa os espaços de forma racional, demonstrando espírito de equipa.

TÉCNICO: Jogador com excelente capacidade de passe, remate forte e colocado. É capaz de fazer passes a 20 e 30 metros com precisão. Não é jogador de fazer muitas fintas, demonstra ser prático e objectivo.

FÍSICO: Atleta com excelente capacidade física, não é muito rápido, mas de intensidade elevada.

PERSONALIDADE: Demonstra muita raça e vontade de ajudar a equipa.

4. Avaliação Global

É um jogador de raça e talento. As suas caracteristicas traduzem aquilo que se diz um jogador a Porto. No entanto, considero que é demasiado prematuro enquadrá-lo numa equipa como o FCP, pois prevejo alguma incapacidade de adeptação. Seria aconselhável poder evoluir e adeptar-se a um futebol europeu numa equipa com menos pressão. Em Portugal encaixaria no Braga.

Avaliação Final	C	BC	BB	AB	A

O Observador	Bruno Guedes	Data	10-1-2010

Departamento de Scouting
RELATÓRIO NIVEL 1

ÉPOCA 2008/2009

1. DADOS PESSOAIS

Nome		Data de Nascimento		Idade	19
Clube	URUGUAY	N.º Plantel	16	Posição Preferencial	DEFESA CENTRAL
Nacionalidade	Uruguaio	Telefone			
Escalão	Seniores				
Estatura / Peso	1,85 CM 82 KG	Pé Preferencial	DIREITO		
Posição que ocupa no sistema FCP	DEFESA CENTRAL				

Observações: Atleta observado através de um DVD.

2. DADOS RELATIVOS À COMPETIÇÃO

Competição	SUDAMERICANO	Jogo	URUGUAY	BRASIL	
Data	28-1-2009	Hora	20:40	Campo	POLIDEPORTIVO CACHAMAY

3. ANÁLISE DAS DIMENSÕES DO RENDIMENTO

3.1. TÁCTICO-TÉCNICA-FISICAS-PERSONALIDADE

TÁCTICO: É um defesa central que coloca em prática os princípios defensivos de forma apropriada. Demonstra ser muito forte na marcação e na ocupação de espaços dobrando muitas vezes os colegas. Contudo, só abandona o eixo defensivo em último caso.

TÉCNICO: Jogador com enorme capacidade no jogo aéreo, qualidade de passe normalmente com o pé direito, e habilidoso no desarme e antecipação.

FÍSICO: Atleta alto, com grande poder de impulsão e de choque, dificilmente perde uma bola de cabeça. Não tem muita elegância a correr mas é bastante eficaz.

PERSONALIDADE: Jogador de equipa, uma voz de comando a partir da defesa.

4. PARECER GLOBAL

É um jogador com um estilo pouco elegante, no entanto, é bastante eficaz e competente nas tarefas que desempenha. A sua qualidade máxima é o poder de impulsão e jogo de cabeça, que lhe permite ganhar 90% dos lances que disputa. É um atleta ao estilo e de características parecidas de Bruno Alves defesa central do nosso clube!

AVALIAÇÃO FINAL	C	BC	BB	AB	A

O Observador
BRUNO GUEDES

Departamento de Scouting
RELATÓRIO NIVEL 1

ÉPOCA 2008/2009

1. DADOS PESSOAIS

Nome		Data de Nascimento		Idade	21
Clube	AJAX	N.º Plantel		Posição Preferencial	Avançado
Nacionalidade	Uruguaio	Telefone			
Escalão	Séniores				
Estatura / Peso	1,81 CM / 81KG	Pe Preferencial	Direito		
Posição que ocupa no sistema FCP	Avançado				

Observações: Atleta observado através de um DVD
Atleta adquirido pelo AJAX ao F.C. GRONINGEN por 7,5 milhões de euros e um contrato de 5 anos.
Em 2007/2008 no Ajax jogou 39 jogos e marcou 19 golos; em 2006/2007 no Groningen da Holanda jogou 33 jogos e marcou 11 golos.

2. DADOS RELATIVOS À COMPETIÇÃO

Competição	Apuramento Mundial 2010	Jogo	ARGENTINA	URUGUAI	
Data	11-10-2008	Hora	19:10	Campo	Estádio Antonio Vespucio Liberti (El Monumental)

3. ANÁLISE DAS DIMENSÕES DO RENDIMENTO

3.1. TÁCTICO-TÉCNICA-FISICAS-PERSONALIDADE

TÁCTICO: Avançado muito móvel que se desloca em toda a largura do ataque, possui boa capacidade de desmarcação, tem boa leitura de jogo e sentido de jogo colectivo

TÉCNICO: Muito evoluído tecnicamente no drible e condução de bola ,A um jogador habilidoso, tem boa capacidade de passe , efectua cruzamentos com os dois pés.

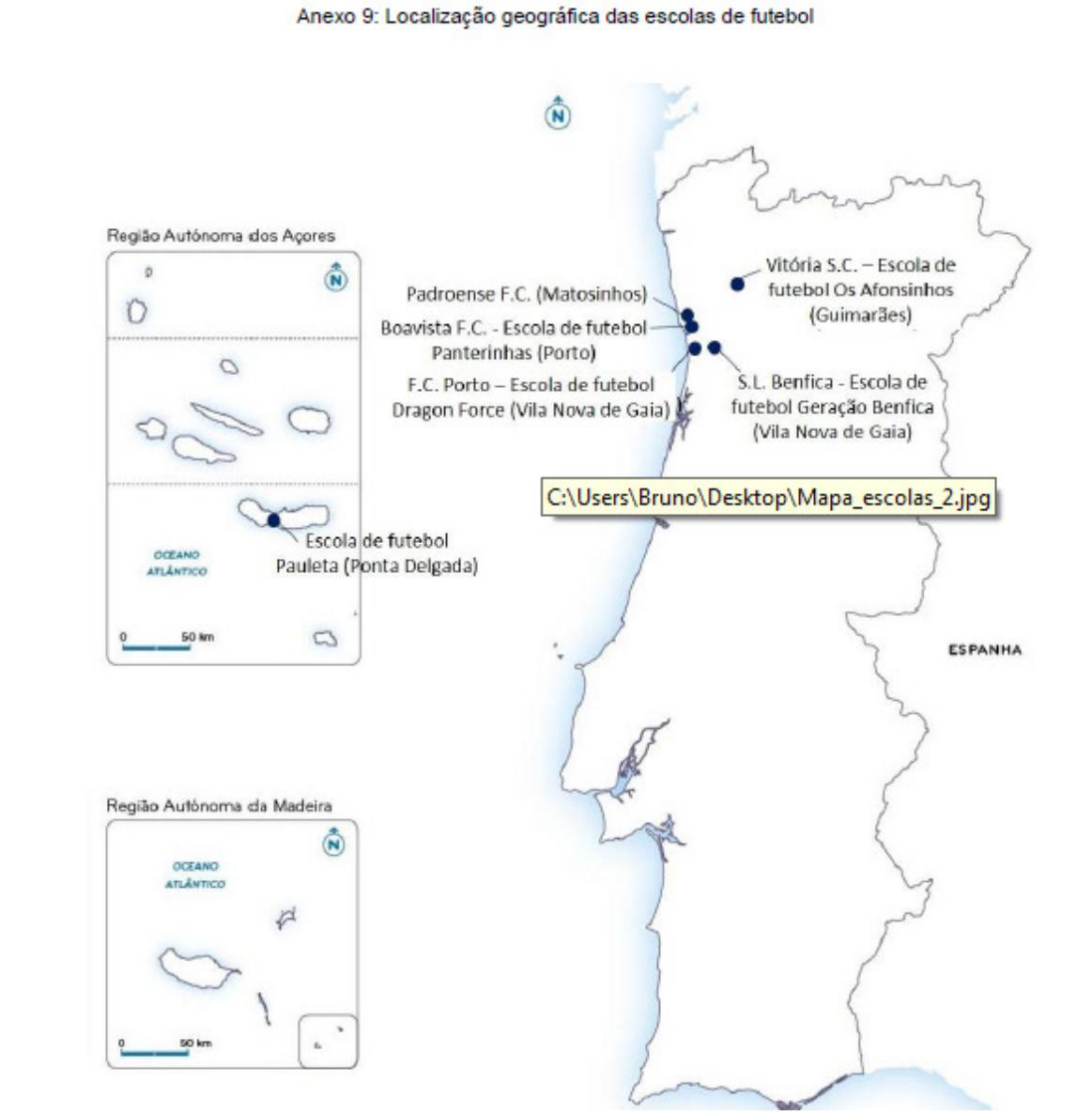
FÍSICO: Jogador explosivo que se move com bastante velocidade, é ágil e coordenado nos movimentos.

PERSONALIDADE: Jogador com temperamento forte e determinado.

4. PARECER GLOBAL

Atleta com grande potencial técnico, um desiquilibrador, um jogador de elite

AVALIAÇÃO FINAL	C	BC	BB	AB	A

O Observador
BRUNO GUEDES

Anexo 9: Localização geográfica das escolas de futebol